

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE – MPCS

**A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA
O ESTUDO DA FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS: O “MUSEU DO SEMINÁRIO DE
CORUPÁ”**

JOICE LETICIA JABLONSKI

Joinville
2018

JOICE LETICIA JABLONSKI

**A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA
O ESTUDO DA FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS: O “MUSEU DO SEMINÁRIO DE
CORUPÁ”**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) – como requisito para a obtenção do grau de mestre, sob a orientação da Professora Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes.

Joinville

2018

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Jablonski, Joice Leticia

J11cA contribuição da teoria das representações sociais para o estudo da função social dos museus: o "Museu do Seminário de Corupá"/Joice Leticia Jablonski; orientadora Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes.– Joinville: UNIVILLE, 2018.

151f.: il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade
–Universidade da Região de Joinville)

1. Museus – Corupá (SC). 2.Representações sociais.3. Patrimônio cultural.I.Guedes, Sandra Paschoal Leite de Camargo (orient.). II.Título.

Elaborada por Rafaela Ghacham Desiderato – CRB-14/1437

CDD069.098164

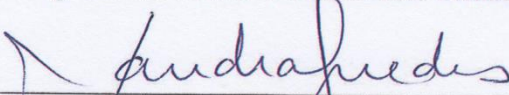
Termo de Aprovação

“ A Contribuição da Teoria das Representações Sociais para o Estudo da Função Social dos Museus: O 'Museu do Seminário de Corupá’ ”

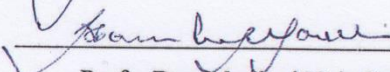
por

Joice Leticia Jablonski

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

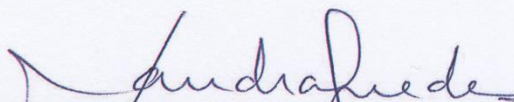


Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Orientadora (UNIVILLE)

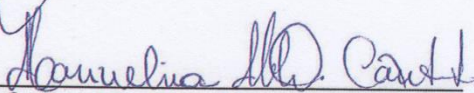


Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

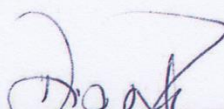
Banca Examinadora:



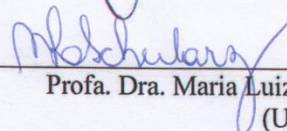
Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Manuelina Maria Duarte Cândido
(UFG)



Profa. Dra. Dione da Rocha Bandeira
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Maria Luiza Schwarz
(UNIVILLE)

Joinville, 16 de fevereiro de 2018.

Dedico este trabalho primeiramente a meu pai, Miguel, e minha mãe, Elena, núcleo central de minhas representações, onde minha vida está ancorada.

Dedico também, a memória de Irmão Luiz Gartner.

AGRADECIMENTOS

Esse é um dos momentos mais felizes de todo o processo de redação da dissertação, poder agradecer àqueles que tornaram essa trajetória possível e mais suave. Então, vamos lá!

Agradeço inicialmente minha família, meus pais, Miguel e Elena e meus irmãos, Fátima, Fábio e Mateus, me faltam palavras para agradecer o apoio, a atenção e a ajuda dispensada em meio às turbulências vividas. Sou grata pela paciência e compreensão por todos os momentos de stress e de ausência. Obrigado por me lembrarem a todo o momento que eu não estava sozinha e que no final tudo ficaria bem. Em especial, aos meus pais agradeço por terem feito de mim o que sou, me apoiado em todas as minhas escolhas, com eles aprendi mais do que em qualquer livro ou curso.

Agradeço a professora Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes, pelos momentos de aprendizado, pela paciência e pelas palavras de motivação e encorajamento.

Agradeço a direção do Seminário Sagrado Coração de Jesus, na figura do então diretor Padre Nilson Helmann e do administrador Alex Ribeiro, pelo apoio na realização do mestrado, permitindo com que me ausentasse de minhas obrigações profissionais para frequentar as aulas, os grupos de estudos e demais atividades do programa.

Agradeço as minhas colegas de trabalho Deji, Josi, Lúcia e Ana, pelas palavras de apoio e incentivo, em especial, agradeço a minha parceira de trabalho no Museu, Bruna, que, acompanhou com mais proximidade todas as minhas angústias em relação à vida acadêmica, agradeço por suas palavras de conforto, motivação, pelas dicas e por toda a paciência.

Agradeço aos professores do programa e a Turma IX por todos os momentos de aprendizado compartilhados. Agradeço especialmente meus colegas Dalva, Grasielle, Janaína e Philippe, pessoas especiais do mestrado para a vida, sou grata por ter tido a oportunidade de conhecê-los.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pela bolsa de estudos, essencial para que eu conseguisse realizar o curso.

Agradeço às funcionárias da secretaria do programa de mestrado, pelo sempre pronto atendimento, atencioso e paciente.

Ao Grupo de Estudos Museus e Representações sociais – GEMUR agradeço os aprendizados e agradeço, especialmente, aos membros que vieram até Corupá para me auxiliar na aplicação de alguns formulários.

Um agradecimento muito especial a todos os moradores de Corupá que prontamente responderam às minhas perguntas e me ajudaram de forma única com a pesquisa.

Gostaria de agradecer também ao Guga, por ter partido no meio desta caminhada. Agradeço por seu abandono ter me mostrado que eu sou mais forte e resiliente do que acreditava ser. Com a mente e o corpo fragilizados fazer essa pesquisa tornou-se um desafio, regado de lágrimas, autoconfiança e determinação.

Então, agradeço por “sobreviver” aos golpes duros da vida e buscar muitas vezes, rumo e conforto nessa dissertação.

Por fim, agradeço por ter tido a oportunidade de, ao longo desses dois anos, ter ao meu redor pessoas tão especiais e essenciais para a concretização desse trabalho. Agradeço aos que estiveram ao meu lado e aos que partiram, a contribuição de cada um foi essencial.

RESUMO

O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, localizado no município de Corupá/SC foi fundado em 1933, nas dependências do Seminário Sagrado Coração de Jesus. A pesquisa realizada para a elaboração dessa dissertação objetivou identificar e analisar as representações sociais da população de Corupá sobre este Museu. E, a partir das representações sociais encontradas, propor ações ligadas à função social do Museu e sua concretização em relação a essa comunidade. O Museu e a população foram analisados em meio a seus contextos históricos, sociais e culturais. A base teórica da pesquisa é a Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici e a função social dos Museus, conforme discutida desde a década de 1970 a partir da Mesa Redonda de Santiago no Chile e, posteriormente, no Movimento da Nova Museologia. A metodologia de pesquisa ficou centrada na aplicação de formulários estruturados e análise de documentos escritos. A análise dos dados possibilitou identificar os fatores determinantes na construção das representações sociais, bem como o núcleo central dessas representações que estão ligados à ideia de que museu é um espaço de história. Percebeu-se o não reconhecimento da população em estudo para com o museu Irmão Luiz; esta realidade foi atribuída ao fato da Instituição não tratar de aspectos históricos que lhes são comuns e a ter pouca atuação com os escolares locais. Ainda, foi possível identificar que o Museu possui uma função social, mas, que está ligada a um público externo à cidade onde o Museu está localizado. De modo geral, o trabalho propôs a experiência de refletir como a Teoria das Representações Sociais pode contribuir para a discussão e ação da função social dos museus. Neste sentido, com base nas representações sociais da população de Corupá sobre o Museu, foram propostas ações que visem ampliar a relação do Museu com o seu público, e nesse contexto, a construção de um novo papel social em Corupá.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Representações sociais. Museu. Função social. Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner. Corupá

ABSTRACT

Irmão Luiz Godofredo Gartner Museum, located in the municipality of Corupá (Santa Catarina, Brazil), was founded in 1933 into Sagrado Coração de Jesus Seminary. The investigation performed for this dissertation proposed to identify and analyze the Corupá inhabitants' social representations of this Museum and, based on these social representations, suggest actions related to the social function of the Museum and its concretization over this community. The Museum and the population were analyzed considering their historical, social and cultural contexts. The theoretical basis is the Social Representations Theory, developed by Serge Moscovici, and the social function of museums, debated since the 1970s, by the Round Table of Santiago, in Chile, and later, on the New Museology Movement. The research methodology was focused in the application of structured forms and in the document analyses and in oral interviews. The data analysis made possible to identify the determinant factors in the social representations construction, as well as the central nucleus of these representations, associated to the idea of the museum as a space of history and the population's non-appreciation of the referred Museum, that does not deal with historical aspects common for it and to have little interaction with local schoolchildren. Besides, it was possible to observe that the Museum has a social function, but it keeps being at the margins of society. In general, the project purposed to reflect about how the Social Representations Theory can contribute to the discussion and action of the social function of museums. In this way, based on the population's of Corupá social representations of the Museum, actions that intent to expand the relation between the Museum and its public were listed, along with the construction of a new social role in Corupá.

Keywords: Cultural Heritage. Social Representations. Museum. Social Function. Irmão Luiz Godofredo Gartner Museum. Corupá.

LISTA DE SIGLAS

APPAL – Arquivo Provincial Padre Lux

CPSCJ – Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus

D. – Dom

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IG – Indicação Geográfica

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ir. – Irmão religioso

MILGG – Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Pe. – Padre

RS – Representações Sociais

SSCJ – Seminário Sagrado Coração de Jesus

TRS – Teoria das Representações Sociais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista geral do Seminário Sagrado Coração de Jesus, onde o museu está inserido, 2013	17
Figura 2 – Localização do Município de Corupá no estado de Santa Catarina	18
Figura 3 – O primeiro seminário construído em Brusque, 1924	26
Figura 4 – Foto do projeto do Seminário, elaborado, desenhado e executado por Pe. Gabriel Lux, 1928	30
Figura 5 – Cerimônia de Lançamento e bênção da pedra fundamental do Seminário, 07 de setembro de 1929	31
Figura 6 – A primeira ala concluída do Seminário iniciando as atividades. Na foto, os primeiros alunos com os primeiros padres professores, 1932.....	32
Figura 7 – A conclusão da fachada principal, projeto do Pe. Gabriel Lux, inaugurada em 1946	33
Figura 8 – A nova ala concluída, à direita, e o início da construção da capela, à esquerda, 1953	33
Figura 9 – Irmão Luiz exercendo o ofício de sapateiro em Corupá, 1932	37
Figura 10 – O primeiro viveiro construído em 1932	38
Figura 11 – Processo final da construção da nova ala que, no térreo, abrigaria o Museu, 1952	39
Figura 12 – Ir. Luiz e seu espaço de vendas de lembranças junto ao museu, 1970	40
Figura 13 – Uma das exposições do museu organizadas por Ir. Luiz, 1936	44
Figura 14 – Irmão Luiz no Museu, na nova ala, 1960	45
Figura 15 – Planta Baixa do primeiro piso do Museu, 2014	49
Figura 16 – Sala de introdução, 2013	50
Figura 17 – O módulo Fé, 2013	50
Figura 18 – Módulo Construção, destaque da maquete do Seminário, 2013	51
Figura 19 –Módulo Formação, 2013	52
Figura 20 – Módulo Recanto de Paz, 2013	53
Figura 21 – Planta baixa do segundo piso do Museu, 2014	54
Figura 22 – Exposição de taxidermia, 2013	55

Figura 23 – Alunos utilizando os objetos do Museu, 1970	66
Figura 24 – Etiqueta de animal taxidermizado utilizada na exposição do Museu, 1940.....	68
Figura 25 – Atividades no Paraíso do Irmão Luiz, 2017	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número anual de visitantes ao Museu 1958 - 2014	41
Gráfico2 – Categoria das instituições que visitaram o Museu em atividades planejadas, 2017	74
Gráfico 3 – Municípios de origem dos grupos, 2017.....	75
Gráfico 4 –Uso dos espaços do Seminário por grupos em atividades planejadas, 2017.....	76
Gráfico 5 – Limitações encontradas para a visita dos espaços do Museu, 2017.....	77
Gráfico 6 – Tempo de residência em Corupá após migração	89
Gráfico 7 – Bairros onde residem os entrevistados	90
Gráfico 8 – O que é Patrimônio Cultural, para os entrevistados	91
Gráfico 9 – Escolaridade dos entrevistados que responderam que não sabem o que é patrimônio cultural	93
Gráfico 10 – Responsabilidade pela preservação do Patrimônio Cultural	94
Gráfico 11 – Motivos para a preservação do patrimônio cultural	96
Gráfico 12 – Os patrimônios culturais de Corupá	97
Gráfico 13 – Avaliação, pelos entrevistados, da atenção que se dá ao patrimônio cultural em Corupá	99
Gráfico 14 - Para os entrevistados, o que é um museu	103
Gráfico 15 – Em que ocasiões o entrevistado visita museus	106
Gráfico 16 – Segundo os entrevistados, o nome do Museu que há em Corupá	109
Gráfico 17 – O motivo para os entrevistados terem visitado o MILLG	111
Gráfico 18 – Motivo, informado pelos entrevistados, para nunca terem ido ao Museu	112
Gráfico 19 – Frequências de visita dos entrevistados ao Museu	114
Gráfico 20 – A exposição que os entrevistados mais gostaram.....	116
Gráfico 21 – No museu, o que mais chama a atenção dos entrevistados	119
Gráfico 22 – Motivos pelos quais os entrevistados não se sentem representados no Museu	120
Gráfico 23 – Motivos pelos quais os entrevistados se sentem representados no Museu.....	121
Gráfico 24 - Como os entrevistados obtém informações sobre o Museu	123

Gráfico 25 – Segundo os entrevistados, para que serve o MILGG.....	126
Gráfico 26 – Segundo os entrevistados para o que o MILGG poderia servir	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados.....	88
Tabela 2 – O que é Patrimônio Cultural X Idade.....	92
Tabela 3 – Responsabilidade sobre a preservação do patrimônio cultural X Escolaridade.....	95
Tabela 4 – O que é museu para os entrevistados X Faixa etária.....	104
Tabela 5 – O que é museu para os entrevistados X Escolaridade.....	105
Tabela 6 – Perfil dos entrevistados que responderam que não há museu em Corupá	107
Tabela 7 – Perfil dos entrevistados que nunca visitaramo Museu porque consideram o ingresso muito caro.....	112
Tabela 8 – Perfil dos entrevistados que nunca visitaramo Museu porque não sabem seu horário de funcionamento	113
Tabela 9 – Perfil dos entrevistados que visitaram o Museu apenas uma vez.....	115
Tabela 10 – Perfil dos entrevistados que visitaram o Museu apenas mais de dez vezes.....	115
Tabela 11 – Perfil dos entrevistados que gostaram da exposição histórica.....	117
Tabela 12 – Perfil dos entrevistados que gostaram da exposição de taxidermia....	118
Tabela 13 – Como o entrevistado obtém informações sobre o Museu X Faixa etária.....	124
Tabela 14 – Primeira palavra mencionada pelos entrevistados ao pensarem no Museu	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 UMA CIDADE, UM SEMINÁRIO, UM MUSEU.....	17
1.1 De Hansa Humboldt a Corupá.....	18
1.2 A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus.....	24
1.3 O Seminário Sagrado Coração de Jesus.....	28
1.4 O surgimento do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner	34
1.5 O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner de 2013 aos dias atuais.....	48
2 A FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS.....	56
2.1 Para que serve um museu?.....	56
2.2 O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner e sua função social.....	65
3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER.....	78
3.1 A Teoria das Representações sociais e os museus	79
3.2 Pesquisando as representações sociais da população de Corupá	86
3.3 O Perfil dos entrevistados	88
3.4 As Representações Sociais da população de Corupá sobre Patrimônio Cultural	90
3.5 As Representações Sociais da população sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner.....	103
3.6 As Representações Sociais e a função social do “Museu do Seminário de Corupá”	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICES.....	141
APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA.....	142
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	149

INTRODUÇÃO

O primeiro passo necessário à minha inserção em um programa de mestrado em Patrimônio Cultural foi o de adquirir uma concepção de patrimônio que me direcionasse neste caminho, mesmo porque eu acredito, defendo e trabalho na perspectiva de que museus são patrimônio cultural. A noção de patrimônio cultural, no que tange ao senso comum, muitas vezes, pode ser influenciada por uma visita a uma exposição de museu, considerando os objetos e a forma como estes são apresentados, pode-se pensar que apenas alguns objetos têm valor cultural ou patrimonial.

Posso afirmar que a noção que emana dos museus ditos “tradicionais”, torna a concepção de patrimônio cultural como algo excepcional, distante do cotidiano, por muito tempo e de certa maneira ainda hoje, os museus criam uma áurea em torno daquilo que merece ou não ser preservado. Ao afirmar isso, manifesto a própria visão que eu possuía antes de adentrar nos debates do campo patrimonial, isto porque, eu entendia museus como a mais seleta expressão de valor histórico e cultural, e que só esse tipo de bem possuía caráter de patrimônio cultural.

A graduação em História e, naquele contexto, o início de um trabalho como profissional do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (objeto desta pesquisa) foram os impulsos para pensar e repensar aquilo que perpassa os debates de patrimônio cultural nestas duas atuações. O contato com o Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, ainda durante a minha estada na graduação na Univille, foi essencial, ainda mais, para pensar em atuar profissionalmente neste campo, uma forma de trabalharem minha cidade, Corupá/SC.

Quando ingressei no programa, minha proposta de pesquisar museus estava bastante clara. No início das atividades no mestrado foram necessárias as decisões acerca da temática e do objeto de pesquisa, foi o momento em que ocorreram diversos cortes até alcançar a definição; essa escolha é sempre um processo interessante, que mistura decisões, encaixes e adequações. Sempre ouvia: “pesquise aquilo que você goste, caso o contrário se tornará um trabalho desgastante”. Pois bem, com a definição da linha de pesquisa – Patrimônio Cultural e Memória Social -, orientadora e grupo de estudos, a escolha ficou direcionada à participação no grupo de pesquisas “Estudos Interdisciplinares em Patrimônio

Cultural” e na linha do grupo “Museus e Representações Sociais”, ou seja, de modo geral esta seria a temática, bastava agora escolher o objeto.

A escolha do objeto de pesquisa é, sem dúvida alguma, aquela que me trouxe a felicidade. Sendo minha temática ligada a “museus, função social e representações sociais” eu precisava escolher um museu, não tive dúvida, escolhi o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (MILGG), localizado no Seminário Sagrado Coração de Jesus (SSCJ), na cidade de Corupá/SC.

O Seminário Sagrado Coração de Jesus foi fundado em 17 de janeiro de 1932 para ser um espaço de formação de padres, pertencente à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, e abriga o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner desde 1933, que recebeu este nome em homenagem a seu fundador.

Mas, além disso, esse Museu e esse Seminário são espaços que estão envoltos em minha história, na história de minha família. Meu *opa*¹ foi funcionário do Seminário de 1973 a 1999. Ele cuidava do gado leiteiro, em uma época em que a grande demanda de alunos tornava o Seminário quase que autossustentável, produzindo boa parte da alimentação que consumia. Meu *opa* trabalhava nos finais de semana, e aos domingos era sempre uma briga para decidir qual neto iria acompanhá-lo na ordenha das vacas, assim, circulávamos pelo Seminário, pelo Museu, conhecíamos os alunos, os religiosos, vivíamos este espaço de forma diferente, de uma forma próxima.

De maneira especial, meu pai trabalhou no Viveiro de aves comandado por Irmão Luiz (o fundador do museu) de 1981 a 1991. Ele conheceu o fundador e o Museu em seu cotidiano, tem muitas memórias sobre estes momentos, eu cresci ouvindo suas histórias sobre o Ir. Luiz, o Viveiro, o Museu, o Seminário. E hoje, atuo como profissional neste Museu, encontrando em meio a pesquisas, documentos, objetos, referências de tudo aquilo que um dia meu pai e meu *opa* me falaram.

De certa forma, o Seminário e este Museu despertam em mim aquilo que de mais importante considero em um bem patrimonial, um sentido, um significado, o pertencimento.

Assim, é possível perceber que a paixão que eu tenho por este Museu perpassa também uma questão pessoal, mas, ao mesmo tempo, permite que eu

¹ Opa é uma palavra que vem do idioma alemão e é utilizada para se referir a avô, seu uso é muito comum em famílias provenientes de descendência germânica.

possa realizar um trabalho de caráter acadêmico que possa trazer novas propostas e abordagens para o museu. Apesar de parecer que meu amor por este lugar me influencia ou impulsiona a projetar uma visão positiva e romântica deste local, é preciso esclarecer que, para este trabalho de pesquisa, meu olhar é o de pesquisadora, baseada em metodologias e fundamentação teórica, não por apenas paixão e pertença, tanto que, como se verá ao longo da dissertação, os resultados obtidos na pesquisa de campo contrariaram minhas concepções sobre o trabalho desenvolvido ali e do qual faço parte.

A escolha de pesquisar este Museu a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida pelo psicólogo social Serge Moscovici (1928-2014), está ligada ao fato de poder perceber este objeto de forma ampla, considerando que “as representações permitem acesso às dimensões simbólicas, culturais e práticas dos fenômenos sociais” (ALMEIDA; JODELET, 2009, p. 105).

Neste contexto, a pesquisa realizada para a elaboração dessa dissertação objetivou identificar e analisar as representações sociais da população de Corupá sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner.

A cidade de Corupá está localizada no norte do estado de Santa Catarina e foi fundada em 1897; é onde nasci, onde vivo e onde também está instalado o Museu objeto desta pesquisa. Busquei investigar, por meio da Teoria das Representações Sociais, de que forma a população do município dá sentido ao Museu, enquanto patrimônio cultural. E, a partir da compreensão das representações que a sociedade corupaense tem sobre o Museu do Seminário, pensar ações que assegurem o desenvolvimento e o alcance das funções sociais do Museu, junto a essa sociedade. Reconhecer e considerar a representação da comunidade sobre o Museu pode ser uma ferramenta decisiva no alcance de sua função social.

A função social de um museu é entendida neste trabalho dentro das perspectivas dos debates iniciados em 1972 na Mesa Redonda de Santiago, no Chile, conceito que será melhor discutido no corpo da dissertação.

Desta forma, ter o MILGG como objeto de pesquisa é também fazer um percurso sobre a própria história da museologia brasileira. Além de ser um dos primeiros museus de Santa Catarina o MILGG está presente há mais de 80 anos em Corupá, período em que foram diversas as relações e percepções da comunidade para com este patrimônio cultural. Investigar tais relações é importante para

compreender a função social que este museu tem, aquelas que já exerceu, e as que pode vir a ter, uma vez que se concebe um museu como espaço decisivo na concretização da plena cidadania, alcançada, principalmente, através da educação.

As metodologias utilizadas nesta pesquisa se encontram apoiadas na abordagem qualitativa incluindo, no entanto, algumas análises quantitativas que não tiram a perspectiva qualitativa da abordagem geral.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para a compreensão da temática a ser pesquisada, partindo de temas centrais como: patrimônio cultural, museus e sua função social e representações sociais.

A busca de documentos em arquivos foi necessária para a confrontação das informações levantadas a partir de outros procedimentos metodológicos, isto porque as representações são construídas historicamente e podem sofrer modificações ao longo do tempo. Desta forma, foi realizada pesquisa documental, em fontes de ordem administrativa, jornais, fotografias, entre outras, localizadas nos arquivos do MILGG, no Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus e no Arquivo Provincial Padre Lux (APPAL), todos localizados em Corupá.

A consulta e pesquisa no Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus se refere à documentação produzida e guardada no espaço ao longo dos anos. Foram consultados livros de crônicas (relatos diários do cotidiano e acontecimentos no seminário) desde 1928² até os dias de hoje; fotografias; atas de reuniões da comunidade, dos educadores, dos grêmios e grupos estudantis; cartas; cartões postais; livros de registro de visitantes; relatórios anuais de atividades; jornais; revistas de divulgação do próprio Seminário; folders e cartazes de programação; circulares e entrevistas. Uma variedade de documentos que permite entender o contexto e o funcionamento do Seminário e do Museu. No Arquivo Provincial Padre Lux, fundado em Brusque, mas transferido em 2017 para o Seminário em Corupá, foram consultados documentos relacionados à Congregação na região sul, documentos referentes ao Seminário de Brusque e documentos sobre Irmão Luiz.

Outra fase da pesquisa foi a de levantamento de dados através de formulário estruturado, utilizado para conhecer as representações da população de Corupá, com relação ao Museu em questão.

² A consulta dos livros de crônicas inicia em 1928, quando começam os trâmites para a construção do Seminário.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro trata da história do Museu e seu fundador, da história do Seminário Sagrado Coração de Jesus e do município de Corupá, bem como sobre a cidade e seu patrimônio cultural. É importante ressaltar que esta pesquisa não objetivou o estudo detalhado da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, no que se refere à sua filosofia e religiosidade, mas sim, para entender o contexto em que o Museu foi criado. O mesmo ocorre com o Seminário, são espaços relacionados e que devem ser contextualizados, mas, o enfoque principal de estudo, análise e discussão se centra no MILGG. A compreensão do contexto histórico em que o museu está inserido é essencial para entender quando e em que circunstâncias as representações sociais foram construídas, uma vez que estas são forjadas socialmente e podem ser influenciadas por diversos fatores (MOSCOVICI, 2009). Neste capítulo é possível conhecer as diferentes interações que o Museu possui com a cidade, e também a cidade com o Seminário desde a sua fundação. Conhecer a trajetória desta instituição é possuir subsídios para a compreensão de sua atuação nos dias de hoje.

Considerando sua historicidade, investigar este Museu significa compreender o desenvolvimento do campo museal catarinense, acompanhando os acontecimentos em nível nacional e internacional, uma vez que a criação deste Museu, de forma pioneira na região, com um acervo de taxidermia, é comparada com a gênese de demais museus em todo o território nacional no mesmo período. Ainda, historicizar a formação do Museu e a constituição de seu acervo marcado pelo ecletismo remete à compreensão de uma visão preservacionista de uma dada época para com seus bens e sua história, tudo isso, sob a dimensão do religioso.

No segundo capítulo são discutidos e apresentados os debates em torno da função social dos museus, considerando seus marcos referenciais e as mudanças no campo da museologia. É necessário entender o que é um museu social para poder analisar se o MILGG possui ou já possuiu uma função social e como esta foi se modificando, para, posteriormente, poder pensar de que forma o conhecimento das representações sociais pode auxiliar na construção de um museu social.

No último capítulo é apresentada e discutida a Teoria das Representações Sociais. Esta parte da dissertação traz a análise dos dados obtidos com a pesquisa de campo, cruzada com dados históricos e teóricos, ou seja, é onde estão

identificadas e analisadas as representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG, é onde também se discute que referências esses dados fornecem para se pensar que tipo de atuação social o Museu exerce junto à população de Corupá e quais poderia passar a exercer.

1. UMA CIDADE, UM SEMINÁRIO, UM MUSEU

O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner faz parte do complexo do Seminário Sagrado Coração de Jesus-SSCJ (Figura 1), que está localizado no município de Corupá/SC. Não há como falar, apresentar e discutir esse Museu, sem contextualizar a história da cidade e do SSCJ que, por vezes, são compartilhadas, relacionadas e comuns; trata-se do cotidiano de uma cidade e de duas instituições, numa relação octogenária. Da mesma forma, é quase impossível falar de Corupá sem falar do Seminário, ou falar do MILGG sem falar do Seminário e, ao mesmo tempo é comum ao se referir ao Museu falar em “Museu de Corupá” ou “Museu do Seminário”.

Figura 1 – Vista geral do Seminário Sagrado Coração de Jesus, onde o museu está inserido, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

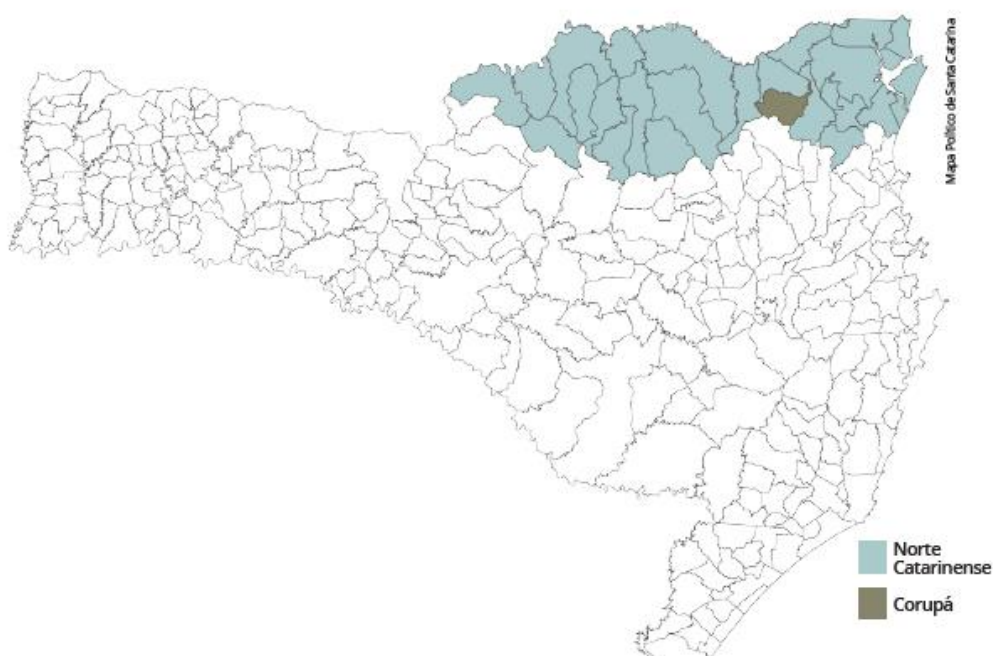
No contexto atual, principalmente no âmbito turístico, pode parecer estranho numa cidade “pequena”³ como Corupá a construção de um Seminário com tamanha proporção e dentro dele um Museu com um acervo de mais de 36 mil objetos das mais variadas tipologias. Mas, esse espaço teve e tem sua razão de ser, que deve ser contextualizada.

³ Segundo a última estimativa populacional do IBGE (2016) Corupá possui 15.337 habitantes.

1.1 De Hansa Humboldt a Corupá

O município de Corupá está localizado na Mesorregião do Norte Catarinense (Figura 2), da qual fazem parte 26 municípios, destacando-se Joinville (a maior cidade de Santa Catarina) e São Francisco do Sul (cidade catarinense mais antiga). Outras cidades importantes da região são Jaraguá do Sul, São Bento do Sul e Canoinhas.

Figura 2 – Localização do Município de Corupá no estado de Santa Catarina



Fonte: Plano Museológico do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, 2016

Corupá foi fundada em 07 de julho de 1897, por Karl Fabri, último diretor da Sociedade Colonizadora Hamburguesa, mais tarde substituída pela Companhia Hanseática de Colonização. As terras correspondentes a Corupá pertenciam às terras dotais de D. Francisca, filha de D. Pedro I. (KORMANN, 1992)

A companhia adquiriu, por compra, aproximadamente 35.000 hectares de terras que ficavam no alto vale do Rio Itapocú, dando origem à colônia de Hansa Humboldt. Conforme contratado, estas terras deveriam ser colonizadas num prazo de vinte anos por imigrantes europeus. (KORMANN, 1992)

A data de fundação de Corupá se refere ao dia em que Otto Hilbrecht e seu filho Wilhelm Ehrhardt compraram os primeiros lotes coloniais, os de número 6 e 7. Estes pioneiros vieram da Alemanha e desembarcaram em São Francisco do Sul em 30 de junho de 1897, chegando a Corupá, pelo Rio Itapocú (KORMANN, 1992).

O primeiro nome de Corupá era Hansa Humboldt, dado em homenagem ao naturalista alemão Alexandre von Humboldt e Hansaera o nome dado às ligas comerciais germânicas. O nome da cidade foi mudado para Corupá em virtude do Decreto-Lei Estadual n.º 941, de 31 de dezembro de 1943, que mudava o nome de diversas cidades catarinenses que possuíam nomes estrangeiros, fato ocorrido no contexto da campanha de nacionalização, impingida pelo então presidente Getúlio Vargas, devido aos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Então, a partir de 01 de janeiro de 1944 Hansa Humboldt passou a se chamar Corupá, nome de origem indígena tupi que se compõe pela justaposição de dois termos “coru” que significa paradeiro e “pa”, que significa areia ou pedra miúda, assim, Corupá significaria paradeiro de seixos. Hoje, ao se explicar sobre a origem do nome da cidade, em geral, se comenta que ele significa “lugar de muitas pedras”(KORMANN, 1992).

Hansa Humboldt estava integrada à administração de São Francisco do Sul, a qual se ligavam também Joinville e Jaraguá do Sul. Com a criação do distrito de Joinville, Hansa foi anexada à administração de Joinville em 1907. Pelo Decreto-Lei Estadual n.º 86, de 31 de março de 1938, o distrito de Hansa foi transferido do município de Joinville para o de Jaraguá do Sul. E foi elevado à categoria de município pela Lei Estadual n.º 348, de 21 de junho de 1958, desmembrado de Jaraguá do Sul e oficialmente transformado em município em 25 de julho do mesmo ano (KORMANN, 1992).

O município já teve sua economia marcada pelo cultivo de laranjas, atualmente sua economia, apesar de diversificada, ainda se fundamenta principalmente na agricultura, especificamente na bananicultura. No ramo industrial destaca-se na área moveleira, metalúrgica e têxtil. Outro destaque é dado ao cultivo de plantas ornamentais, sendo um dos maiores produtores estaduais neste segmento. É sede do Orquidário Catarinense, que há 100 anos se dedica ao cultivo e comercialização de orquídeas e bromélias e é responsável pela descoberta de várias espécies. Outro setor que se destaca é o turismo, devido à sua geografia

acidentada, tem uma vocação natural para a prática da atividade turística junto aos atrativos naturais.

É importante destacar que Corupá faz parte de uma grande área de imigração de predominância alemã no estado de Santa Catarina, onde as principais colônias instaladas eram de maioria católica.

No município não existe lei específica de proteção e ou preservação dos bens culturais. Consta apenas na Lei Orgânica do Município, no Título V "Do meio ambiente, educação, cultura, turismo e bem estar social", em seu capítulo 3 "Cultura, Educação e Desporto" no qual, o inciso 3º, apresenta a seguinte redação: "Ao município cumpre proteger os documentos, as obras, e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis, em articulação com o Governo Federal e Estadual" (CORUPÁ, 2014).

Analisando a lei pode se dizer que a mesma é abrangente quando se relaciona aos bens destinados à preservação, mas, ao mesmo tempo, não fornece qualquer diretriz de como seria feita essa proteção.

Por outro lado, a perspectiva de proteção implícita na lei é atrelada à atribuição de valores de notoriedade, extremamente ligados à materialidade do patrimônio cultural. A questão paisagística e natural é considerada, pois, a Cidade se destaca em belezas naturais, principalmente cachoeiras, mas, mesmo para estes bens, a proteção, conforme o inciso 3º, é indicada para "paisagens naturais notáveis", mas, não explica ou relaciona o que seriam ou quais seriam essas paisagens.

A insuficiência de legislação específica, aliada à falta de espaços de socialização, guarda e ou proteção dos aspectos culturais e históricos do Município, tornam quase que inexistente uma gestão pública do patrimônio cultural corupaense.

Corupá não possui arquivo histórico e o MILGG é o único museu da Cidade, o que fez com que ele acabasse incorporando alguns documentos e objetos da história da cidade ao seu acervo. No imóvel onde se localiza a Secretaria de Educação e Cultura são guardados alguns documentos como os registros da colônia, jornais e fotografias referentes à Cidade.

Em relação a tombamentos, em nível federal ou estadual não há nenhum bem tombado na Cidade. Existem apenas três imóveis tombados no Município, mas não

existe uma lei municipal de tombamento. Esses três imóveis foram tombados por meio de Decreto-Lei específico para cada um deles.

O primeiro imóvel tombado é um casarão construído em 1924, que originalmente abrigou o primeiro hospital de Corupá. Está localizado no bairro Centro e já foi também sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Corupá, posteriormente passou por reformas e atualmente abriga as instalações e serviços da Secretaria de Educação e Cultura. O imóvel está em bom estado de conservação e além de abrigar as funções administrativas da secretaria ele ainda comporta o espaço da Escola de Música Jazz Band Ellite e uma biblioteca municipal.

O segundo imóvel tombado foi a primeira escola de Corupá, localizada no bairro Rio Novo, no interior do município, a escola, em estilo enxaimel⁴, teve sua construção iniciada em 1906 e concluída em 1910, foi toda construída pelos pais dos alunos que ali iriam ter aulas. Este imóvel está abandonado há muitos anos e se encontra num estado de degradação bastante avançado, a prefeitura municipal fala em um projeto de restauro e novo uso desde o ano de 2009, mas, até o momento, nada foi feito e, mesmo sendo de propriedade do Município e estando tombado em âmbito municipal, está à beira da ruína.

E o último imóvel fica localizado num complexo que abrigava a antiga "Fábrica de Espulas⁵ Baumle", símbolo do desenvolvimento industrial e prosperidade financeira da Cidade a partir da década de 1940. O complexo, localizado no bairro XV de Novembro, há 2 km do centro, é composto pelo terreno, o prédio da fábrica e a antiga residência do proprietário, sendo que somente a residência é tombada. Esse complexo, que totaliza 62 mil m² foi comprado pelo governo municipal por R\$ 616 mil no ano de 2009, para ser a nova sede da prefeitura e de algumas secretarias. Além da reforma das antigas instalações, o poder público utilizou o terreno para a construção de um novo prédio, que desde 2014 abriga a Secretaria de Obras. Contudo, os imóveis antigos não passaram por nenhum reparo, mesmo o governo municipal já tendo anunciado diversos projetos desde 2011 e previsto datas de inauguração, o destino dessas instalações ainda é incerto.

⁴ Enxaimel é uma antiga técnica construtiva, na qual uma estrutura de madeiras encaixadas tem seus vãos preenchidos com tijolos ou taipa. Na região sul, o enxaimel é considerado um dos principais legados da colonização alemã.

⁵ Espula é uma peça de metal, em formato de cilindro ou cone, utilizado nos maquinários de tecelagens e fiação para enrolar fios e tramas durante o processo de fabricação.

O projeto era de que, após o restauro, essa residência abrigasse todos os setores administrativos do governo municipal. Não se conhece a existência de algum projeto que preveja a preservação do espaço como patrimônio industrial de Corupá.

É importante ressaltar que os únicos três imóveis tombados são de propriedade do Município e dois deles se encontram em péssimo estado de conservação. Com relação aos bens particulares que poderiam ter algum interesse como patrimônio a ser preservado, a relação é mais complexa e, nos casos acompanhados pela autora, geralmente resultaram em destruição.

Ainda tratando do patrimônio da cidade, considerando os bens arquitetônicos, é consenso o valor e a importância que o Seminário Sagrado Coração de Jesus tem para a cidade, considerando aspectos históricos, culturais e arquitetônicos, como já mencionado. O Seminário é um bem privado e se encontra em ótimo estado de conservação. Em se tratando de bens da Cidade, ele é sempre destaque na mídia, no turismo e na própria propaganda municipal; o Seminário é expressão viva da monumentalidade de um bem e, sem dúvida, pode ter influenciado os moradores a pensar que só bens dotados destas características devem ser preservados.

No interior do município ainda existem algumas casas enxaimel. Porém, a especulação imobiliária, pautada em transformar a área central em espaço de comércio, por meio da construção de novas salas comerciais, foi responsável pela destruição de vários imóveis. Mas, é importante ressaltar que, em poucos casos, houve alguma manifestação contrária da população. De modo geral, parece vigorar a ideia de progresso e crescimento e as construções antigas são consideradas um impasse, e o tombamento algo que assombra.

A Cidade se autodenomina de maioria de imigrantes alemães e, aos poucos, por meio de ações da Secretaria de Cultura, vai construindo, ou como a gestão prefere denominar "valorizando e resgatando" a identidade germânica. Essas ações são evidentes na inserção de nomes alemães nas festividades que estão acontecendo no Município; o primeiro nome de Corupá, Hansa Humboldt, é também frequentemente reutilizado, por exemplo, a Festa de Páscoa é "Hansa Osterfest", a de Natal "Tannenbaumfest", assim como também foram introduzidas aulas de língua alemã para os alunos da rede municipal. Aos poucos, vislumbrando uma dita tradição, estão se construindo novas práticas em Corupá.

A crítica à busca de uma germanidade pode estar “fazendo esquecer” que Corupá, como as demais cidades da região, foi construída, não só por imigrantes alemães, mas também por poloneses e italianos em sua maioria, e por muitos outros tantos que passam despercebidos. E as práticas e costumes que aqui se querem “tipicamente alemães”, já são o resultado do hibridismo cultural, das trocas e vivências, como afirma Néstor Canclini (2008). Os debates sobre patrimônio, história, cultura, preservação e tantos outros temas que estão dentro deste leque, que é o campo patrimonial, não são algo que permeie o cotidiano da Cidade de Corupá.

De qualquer modo, Corupá é um destaque em se tratando de patrimônio natural; é extremamente enaltecida por suas cachoeiras. Na cidade, há a Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) Emílio Fiorentino Battistella, que é uma unidade particular de conservação da biodiversidade. Esta RPPN é mais conhecida como Rotas das Cachoeiras, por abrigar uma trilha com visitação a catorze cachoeiras, a última delas "Salto Grande" tem 125 m de queda.

Em Corupá também, se destacam as práticas culturais comunitárias que se mantêm através de grupos, clubes e associações, esses sujeitos praticam ações de preservação, conscientes ou não disso, apenas pelo fato de realizarem e compartilharem práticas e costumes. Pode se destacar as sociedades de caça e tiro, os times de bolão, as buscas e festas de rei e rainha, os trabalhos manuais e artesanatos, coral e banda.

Desde 2016 o termo patrimônio cultural passou a ser mais comum nos noticiários corupaenses, isso porque Corupá é a capital catarinense da banana e possui boa parte de sua economia em torno dessa fruta, mas, para além da prática agrícola, a bananicultura, que está presente na cidade há mais de 100 anos, definiu muitos modos de fazer e práticas culturais da população envolta neste processo de cultivo, é como se em torno dessa fruta se criasse um jeito muito específico de se viver.

Mas, esse recente olhar de valorização para a cultura da banana é movido, principalmente, pela busca que a Associação de Bananicultores do Município está fazendo para conseguir a Indicação Geográfica (IG) da banana mais doce do Brasil. O processo da IG por denominação de origem é um reconhecimento legal, por meio de registro de procedência do produto, de uma característica única, conferindo

autenticidade, reconhecimento e valorização do produto. O processo da IG só é fornecido após diversos estudos e comprovação. No caso de Corupá, busca-se uma IG que reconheça a banana de Corupá como a mais doce do país, e essa doçura só pode ser alcançada devido à combinação de relevo, clima e técnica de produção que só existem em Corupá. A Indicação Geográfica leva vários aspectos em consideração, um deles é também o histórico e cultural. Como o reconhecimento da IG está em fase de desenvolvimento e a comunidade tem sido inserida e informada sobre esses acontecimentos, aos poucos os debates referentes ao patrimônio cultural vão permeando a vida social da cidade.

Como mencionado anteriormente, questões relativas ao campo patrimonial ainda são incipientes na Cidade e nesse momento direcionadas para a IG da banana. Mas, apresentar e entender um pouco do contexto do patrimônio cultural da cidade é essencial para compreender quais foram os fatores determinantes para a construção de representações sociais sobre o MILGG, que aqui é considerado um dos bens culturais de Corupá. Como mencionado, o Seminário é um dos patrimônios de Corupá, deste modo, é necessário entender sua historicidade e sua relação com a comunidade.

1.2 A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus

O Seminário Sagrado Coração de Jesus, que está localizado em Corupá, pertence à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (CPSCJ), ordem católica que teve sua origem na França em 1878, sendo seu fundador o Padre Leon Dehon, assim, os religiosos membros desta ordem também são conhecidos por “dehonianos”.

Ao explicitar seu propósito ao fundar uma ordem de religiosos Pe. Dehon deixou registrado que buscou formar um grupo que tivesse uma atuação social especial, guiados pela veneração ao Sagrado Coração de Jesus e influenciados por uma França assolada pelos efeitos da Revolução Industrial. Em suas Constituições⁶ o fundador definiu quais seriam as atividades pastorais da Congregação:

⁶ Constituições é um conjunto de regras e normas que dirigem a Congregação e seus membros, assegurando seu reconhecimento como ordem, segundo o Direito Canônico.

[...] a pregação da palavra de Deus em missões populares, exercícios espirituais e catequese; a educação da juventude em seminários e colégios; a formação do clero e laicato; e o empenho pela justiça social, em apoio aos pobres e marginalizados (KOCH, 1993, p.17).

Definidos os propósitos norteadores da Congregação, esta passou a atuar em outros países da Europa, como ocorreu com muitas ordens católicas do período, a expansão foi movida por um ideal missionário: converter as almas pagãs e levar a evangelização aos povos.

Na América do Sul os dehonianos chegaram primeiro ao Equador (1888), onde tiveram problemas com a maçonaria e foram expulsos. No Brasil, chegaram à região Nordeste, em 1893, e, em 1903, na região Sul, mais especificamente em Santa Catarina.

A vinda destes padres para a região sul do Brasil está relacionada a um pedido feito pelo bispo da Diocese de Curitiba (que, então, abrangia os Estados do Paraná e de Santa Catarina), Dom Duarte Leopoldo e Silva, para atender à demanda de falta de religiosos em sua diocese, indo ao encontro dos desejos da Congregação de possuir um campo de atuação para os padres alemães.

Os padres pioneiros foram Pe. Gabriel Lux e Pe. Jose Foxius. Esses dois padres vieram, inicialmente, para atender e auxiliar o Pe. Francisco Xavier Topp (pároco) nas atividades educacionais da Escola Paroquial (atual Colégio Catarinense) da Ilha de Santa Catarina (atual Florianópolis). Esse trabalho se constituía como algo provisório, uma vez que, de acordo com a proposta inicial, a vinda de padres alemães para o Brasil teria o objetivo de proporcionar assistência espiritual às colônias de imigrantes alemães, neste momento a ideia de construção de um seminário em Hansa Humboldt era algo distante (BUSSARELO, 1953). Em 1904, vieram mais três missionários: Padres Henrique Meller e João Stolte e Irmão Rafael Küppers. Por um decreto de 1904, Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo da Diocese de Curitiba, confiou à Congregação as paróquias de São Luiz Gonzaga, em Brusque, e do Puríssimo Coração de Maria, em São Bento do Sul. Ainda em 31 de Dezembro do mesmo ano, chegaram da Alemanha os Padres Henrique Lindgens, Francisco Schüler e Antônio Wollmeier. Com a vinda de mais padres da Alemanha, aos poucos, foram sendo designadas aos cuidados da Congregação mais paróquias no estado, entre elas: Itajaí (1905 – 1918), Trindade, em Florianópolis (1909 – 1918),

Jaraguá do Sul (1912), Tubarão (1912 – 1954), Botuverá (1912), Joinville (1917), e Vargem do Cedro (1921) (BUSSARELO, 1953).

Foi com a presença dos padres dehonianos em Brusque que a história do Seminário de Corupá começou a ser traçada. Uma vez que, em meio ao atendimento pastoral das famílias de imigrantes, os padres passaram a recrutar vocações⁷ nas próprias paróquias onde trabalhavam, com um bom número de interessados em ingressar na formação do sacerdócio, se tornou viável a fundação de uma Escola para a formação de religiosos.

Em Brusque foi possível empreender o novo projeto da Província⁸: a construção de um seminário (Figura 3). Sob o comando de Pe. Germano Brand foi inaugurado, no ano de 1924, um seminário com capacidade para 30 alunos (BUSSARELO, 1953).

Figura 3 - O primeiro seminário construído em Brusque, 1924



Fonte: Arquivo Provincial Padre Lux

⁷ Vocação é uma palavra que etimologicamente deriva do verbo latino “vocare”, que significa chamar. É a tradução do termo “vocatione”, que quer dizer, chamado, apelo, convite. Teologicamente a vocação é o chamado de Deus dirigido à pessoa humana, em vista da realização de uma missão ou serviço em favor da comunidade. No âmbito da Igreja Católica a vocação é entendida como um chamado para o sacerdócio, a vida religiosa, é esse o entendimento que é proposto quando se usa neste trabalho o termo vocação.

⁸ Província é o nome que a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus dá a sua divisão administrativa e territorial, província se refere a uma região de atuação e missão.

O projeto de formação de jovens para o sacerdócio foi adquirindo proporções maiores do que permitia a capacidade do espaço, o número de matrículas crescia a cada dia, mas a ampliação do seminário de Brusque não era cogitada. Pe. Vicente Schmitz⁹, em suas crônicas, relata porque não se optou pela ampliação deste primeiro seminário:

Era natural que o Pe. Germano Brand, progressista e todo empenhado na Paróquia, envidasse os melhores esforços na continuidade e desenvolvimento da Escola de Brusque. Mas o terreno é de propriedade da Mitra. Além disso, acidentado, pouco se presta a uma construção de proporções maiores. A primeira casa por nós construída não é suficientemente sólida e não comporta nenhuma ampliação. Por fim, o ambiente de Brusque, cidadezinha em fase de progresso e mais do tipo fabril, não parece muito adequado a instituição de estudos e educação para os futuros membros da Congregação (SCHMITZ, 1982, p. 15).

Como é possível constatar na narrativa de Pe. Vicente Schmitz, a escolha em não ampliar o Seminário de Brusque esteve relacionada à ideia de local propício para o cultivo de vocações, que não era percebido em uma cidade com perfil fabril como Brusque. Desta forma, os padres foram em busca de outro local para construir um novo seminário.

Quando a notícia de que os padres do Sagrado Coração de Jesus estavam procurando um local para a construção de um seminário se espalhou, representantes da comunidade católica de diversas cidades do estado de Santa Catarina procuraram os padres para realizar propostas de doação de terrenos (BUSSARELO, 1953). A oferta de lugares pelas comunidades católicas para a construção do seminário está relacionada à escassez de espaços de ensino e formação, bem como, todo o sentido simbólico de possuir um seminário na cidade.

Dentre as ofertas feitas se destacaram três, uma na comunidade de Forquilha, em Criciúma, no sul de Santa Catarina e duas em Jaraguá do Sul¹⁰, no norte do estado. Em Jaraguá do Sul, a primeira proposta era para construção na cidade e a outra para ser no Distrito de Hansa Humboldt. Por fim, foi escolhida a localidade de Hansa Humboldt para a construção do novo seminário, Pe. Vicente

⁹ Padre Vicente Schmitz natural de Winterspelt, na Alemanha, veio para o Brasil atuar nas missões na região sul. Primeiro pároco da Paróquia São José, de Corupá e, também professor no Seminário. Ele atuou por 26 anos em Corupá, entre 1928/1938 e 1949/1965, neste período relatou o cotidiano do Seminário e da cidade em crônicas. Seus relatos foram publicados em um livro em 1982.

¹⁰ Foram duas ofertas em Jaraguá do Sul porque neste período Hansa Humboldt (atual Corupá) era distrito deste município.

Schmitz relata de forma bem detalhada todo esse processo de escolha de um novo local.

A importante Capela da Vila Hansa Humboldt pertence à Paróquia de Jaraguá. É uma Vila em desenvolvimento. Sua população, progressista. Já por ocasião de sua visita pastoral em 1920, o Bispo Joaquim recebia um lindo ramallete, no qual, discretamente, se havia colocado uma cartinha com o insistente pedido de um Vigário para a Vila. Ao Pastor, porém, outra solução não lhe restava, senão fazer-lhes uma promessa a longo prazo. No entanto, o Conselho Paroquial e a população católica de Hansa reiteravam junto aos Padres do Coração de Jesus de Jaraguá, a sua justa aspiração. Ao tomarem conhecimento do nosso plano de construção de uma nova Escola Apostólica, mas ainda sem local definitivo, logo tomaram uma decisão semelhante a da Comunidade de Forquilha. Os senhores Adolfo Baumle, José Muller, Guilherme Thiemann e outros tomaram-se de vivo interesse pelo caso. Foram à procura de um terreno apropriado, e encontraram a Colônia 81 ainda a venda. Fizeram a proposta ao P. José Fidelis Foxius, nosso Superior Regional. P. José deu o seu parecer favorável, e logo incumbiu ao P. Gabriel Lux dos trabalhos iniciais. Estando Forquilha fora de cogitação, começaram a surgir opiniões favoráveis a permanência da Escola Apostólica em Brusque. Os padres de São Paulo e Minas Gerais aduziam razões em favor da chácara em Taubaté, ou de algum outro lugar mais ao Norte. Apesar de sua valiosa proposta, a Comunidade Católica de Hansa via suas novas e belas esperanças postas em dúvida. No início de 1928, P. Pedro Storms foi designado sucessor do adoentado P. José Fidelis Foxius. Quanto a localização do novo Seminário, o novo Superior Regional logo teve de tomar posição face ao problema Hansa ou Brusque. Entrementes, Taubaté havia sido eliminada do plano, pois somente o Sul prometia as necessárias vocações. Na sua primeira visita, P. Pedro pôs-se a auscultar as opiniões dos Padres. Reconhecia as vantagens oferecidas em Hansa, onde, por sinal, alguns trabalhos iniciais já haviam sido realizados. E não lhe era possível ignorar as desvantagens de Brusque. Muito resolvido, P. Pedro pesou os prós e os contras, e decidiu-se, de vez, pela construção da Escola Apostólica em Hansa (SCHMITZ, 1982, p. 15-16).

Novamente, é possível perceber que a escolha de um local levou diversos aspectos em consideração, e envolveu interesses tanto dos religiosos, quanto das comunidades, por fim, em 1928 foi iniciada a construção do novo Seminário em Corupá.

1.3 O Seminário Sagrado Coração de Jesus

A construção do Seminário foi iniciada no final da década de 1920, quando a localidade de Hansa Humboldt possuía 23 anos de existência. Foi uma grande mudança na Vila a instalação de um seminário de tamanha proporção.

A escolha de Hansa Humboldt para a construção do Seminário, envolveu especialmente, dois aspectos, o primeiro se refere à localização do terreno e do

ambiente em Hansa, calmo, tranquilo, belo, próximo à natureza, considerado propício para o cultivo de vocações, e o segundo pela localização estratégica de Hansa onde a presença do ramal ferroviário de São Francisco a Porto União, permitiria fácil acesso ao Seminário, de pessoas originárias de diferentes cidades.

Um dos acordos feitos entre a comunidade de Hansa Humboldt e os Padres do Sagrado Coração de Jesus foi que, com a doação do terreno, a Congregação forneceria um padre para atuar na paróquia e atender à população. O padre enviado foi Pe. Vicente Schmitz que, como era regra nos meios religiosos, deixou várias crônicas sobre a vida cotidiana do Seminário e que agora nos servem como documentos. Em uma delas, escrita quando chegou a Hansa Humboldt, fez uma pequena descrição de como era a então vila em 1928, ano de sua chegada:

Para caracterizar Hansa, o melhor de tudo será dizer que é uma cidade grande, mas em miniatura. A população é de colorido assaz variado. Compõe-se de brasileiros, que, de preferência, tem um emprego ou um pequeno negócio. De alemães, que querem fazer negócios. De italianos, que plantam milho e fumo, e são muito econômicos. De poloneses, que sobem morros e que, sobretudo após a Guerra, tem certa mania tipicamente polonesa. De turcos e sírios, que vendem "baratíssimo". De austríacos, tchecos, russos, suecos e talvez representantes de uma dúzia de nações. [...] Agora a Colônia de Hansa vai-se animando. A nova estrada para o Seminário é macadamizada e melhorada. A população de Hansa torna-se atenta. Desperta para um crescente interesse por "seu Colégio". É o denominado patriotismo local (SCHMITZ, 1982, p. 23).

Na narrativa anterior, podemos perceber o entendimento e destaque que Pe. Vicente dá quando relaciona a obra do Seminário com a população ao denominá-lo de "seu colégio". Denota a relação que a comunidade católica tinha pelo Seminário, bem como, a definição do religioso de um patriotismo local, o primeiro laço entre Cidade e Seminário se funda na doação do terreno, e na vontade de ver o colégio pronto.

Para planejamento e execução da obra do novo Seminário foi escolhido o Pe. Gabriel Lux, que buscou inspiração para elaboração do projeto (Figura 4) na planta da Escola Apostólica de Handrup, na Alemanha. Em estilo gótico romano, a construção apresenta tijolos aparentes, fato que não estava ligado a uma opção estética, mas sim devido às finanças da Congregação na época da construção que sofria os efeitos de uma crise mundial no final da década de 1920. Desta forma, optou-se, num primeiro momento, em inaugurar a ala sem reboco, acabamento que seria feito posteriormente, quando a situação financeira melhorasse, mas que nunca

chegou a ser feita. A parte financeira ficou a cargo do Pe. Pascoal Lacroix, que junto às populações de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais angariou fundos para a execução da obra.

Figura 4 – Foto do projeto do Seminário, elaborado, desenhado e executado por Pe. Gabriel Lux, 1928



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

Em 16 de fevereiro de 1927 D. Joaquim Domingues de Oliveira autorizou a transferência do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Brusque para Hansa Humboldt, podendo então ser iniciada a obra. Em 1928 já havia sido feita a derrubada da vegetação, a terraplanagem do terreno e iniciadas as escavações para o fundamento.

Em 07 de setembro de 1929, quando a construção já atingia metade da altura da parte térrea, foi realizada a cerimônia da benção solene da pedra fundamental (Figura 5) presidida pelo bispo de Joinville D. Pio de Freitas. Uma placa referente ao ano de 1929 foi colocada e se encontra até hoje na altura em que estavam as paredes no momento da benção da pedra fundamental. Segundo registro nas crônicas de Pe. Vicente Schmitz, foi decidido realizar a bênção da pedra fundamental apenas quando a construção já tivesse tomado forma, assim, as paredes já estavam a meia altura do primeiro andar, quando a cerimônia aconteceu. Naquele momento foi organizada uma festa popular, cujo “rendimento iria reverter

em benefício da Sociedade Católica de Hansa, empenhada em solver as dívidas restantes do terreno por eles doado à Escola” (SCHMITZ, 1982, p. 46). Da mesma forma, acreditava-se que ver o andamento das obras poderia aumentar o entusiasmo da população. A escolha da data também foi pensada considerando o afluxo de pessoas “foram escolhidos os dias 07 e 08 de setembro, pois dia 07 seria feriado nacional e dia 08 domingo. Fez-se muita propaganda e muita angariação em prendas e dinheiro” (SCHMITZ, 1982, p. 46) para a festa.

Figura 5 – Cerimônia de Lançamento e bênção da pedra fundamental do Seminário, 07 de setembro de 1929



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

Ao final do ano 1931, a nova Escola Apostólica já estava pronta e chegavam os primeiros padres que nela residiriam e junto deles estava o Irmão Luiz Godofredo Gartner, fundador do Museu. Em 17 de janeiro de 1932 aconteceu a inauguração do novo seminário com nova festa popular.

Figura 6 – A primeira ala concluída do Seminário iniciando as atividades. Na foto, os primeiros alunos com os primeiros padres professores, 1932



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

O primeiro grupo de seminaristas era composto por 73 meninos, destes, 61 vinham do desativado Colégio Sagrado Coração de Jesus de Brusque e 12 iniciavam seus estudos no novo seminário. A primeira equipe formadora era composta pelo Pe. Geraldo Spettmann (Reitor); pelos padres professores Pe. João Stolte; Pe. Guilherme Thoneick, Pe. Paulo Kremer, Pe. Vicente Schmitz; pelos professores não religiosos Prof. Braum; Prof. Gossner, Prof. Herkrat e pelo Ir. Luiz G. Gartner (Figura 6).

A construção inaugurada em 1932 abrangia apenas dois terços da planta total, elaborada pelo Pe. Gabriel Lux, que era de 52 m de frente. Em 1935, foi construída uma ala destinada ao uso das irmãs religiosas responsáveis pelos trabalhos domésticos do Seminário. A terceira fase construtiva se referia aos 17 m restantes na fachada principal, (Figura 7) conforme o projeto de Pe. Gabriel Lux.

Figura 7- A conclusão da fachada principal, projeto do Pe. Gabriel Lux, inaugurada em 1946



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

Em 1953 foi realizada a construção de uma nova ala para o museu e dormitórios, assim como de uma nova capela, maior que a anterior (Figura 8). Nas décadas de 1960 e 1970 foram construídas mais duas alas com salas de aula, bibliotecas, dormitórios, cozinha, refeitórios e demais ambientes.

Figura 8 - A nova ala concluída, à direita, e o início da construção da capela, à esquerda, 1953



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus

O Seminário Sagrado Coração de Jesus, segundo seu regimento, era um estabelecimento de curso seminarístico, destinado à formação de ministros católicos, subordinado à Autoridade Religiosa e Eclesiástica; uma escola particular, adotando o regime de internato. A finalidade primordial era a formação de bons

cristãos, líderes católicos e futuros padres. Funcionando em regime integral, além das cinco aulas diárias, inclusive aos sábados, a escola ocupava seus integrantes em salas de estudos, a fim de que seus alunos, para o futuro, estivessem aptos às finalidades propostas; assim, os seminaristas eram orientados para diversas práticas espirituais, culturais, recreativas e trabalhos externos nos mais diversos ramos (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1960).

O Seminário recebeu diferentes fases de ensino e formação, de 1932 a 1967 funcionou o 1º e o 2º Grau; de 1967 a 1996 apenas o 1º Grau, o 2º Grau foi transferido para a cidade de Rio Negrinho/SC e mais tarde para Curitiba/PR. Em 1972 também a 5ª série do 1º Grau foi supressa da escola, sendo cursado apenas a 6ª, a 7ª e a 8ª série do 1º Grau. Em 1994 foi supressa a 6ª série do 1º Grau, pensando-se no retorno do 2º Grau. Em 1996 aconteceu o retorno do 2º Grau, que foi transferido novamente, em 2001, para Rio Negrinho. Em 2002 o Seminário deixou de ofertar o Ensino Básico, passando apenas a atender a formação religiosa, com a fase do Propedêutico e do Postulantado, destinado a vocações adultas.

A partir de 2012 o Seminário deixou de receber alunos, um dos primeiros motivos foi a diminuição do número de jovens interessados no sacerdócio, mas também, uma reorganização do ensino na própria Província. Com a diminuição de alunos o ensino foi centralizado e transferido para o Seminário São José, localizado na cidade de Rio Negrinho e o Seminário de Corupá, que sempre se destacou como um espaço de turismo e eventos, acabou dando maior destaque a essas funções. Assim, após 80 anos como espaço de formação, o Seminário deixou de receber alunos.

1.4 O surgimento do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O Museu foi fundado em 1933, dentro do Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Corupá. Como o nome sugere, o fundador deste museu foi o Irmão Luiz Godofredo Gartner.

Godofredo Gartner (como se chamava Irmão Luiz antes da vida religiosa) nasceu em 04 de julho de 1905, na cidade de Brusque/SC, filho de Francisco Gartner e Maria Anna Fischer Gartner, família católica que acompanhava a presença dehoniana na cidade. Godofredo passou sua infância e juventude em Brusque. Aos

18 anos empregou-se na tecelagem da Fábrica Schlösser. Em seguida optou pela oficina do Sr. Frederico Heil onde aprendeu o ofício de sapateiro, ofício que viria a desempenhar no Seminário de Corupá (KOCH, 2010).

Em 15 de setembro de 1927 ingressou na vida religiosa e foi admitido no Postulantado da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Em 15 de junho de 1928 realizou a etapa do Noviciado em Taubaté/SP, onde, segundo o próprio religioso, surgiu sua vontade de montar um museu e onde, provavelmente, conheceu a técnica de taxidermia. Em uma entrevista por ocasião dos seus 50 anos de vida religiosa, Irmão Luiz contou que a ideia de montar um museu surgiu quando passeando na chácara do Noviciado encontrou um sabiá morto: “peguei-o, tirei as tripas e coloquei sal para conservá-lo. E aí, veio-me a ideia de organizar um museu” (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1979).

De 1929 a 1930, já com os votos perpétuos de irmão religioso, e acrescentando ao seu nome Luiz, trabalhou no Seminário de Brusque, desempenhando as funções de sapateiro e porteiro.

É importante ressaltar que a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em suas Constituições admite dois tipos de religiosos, o padre e o irmão. No período em que Irmão Luiz fez seus votos, eram denominados de “irmãos coadjutores” ou ainda de “irmãos leigos”, os irmãos são religiosos não-padres, para estes bastava um curso escolar médio, ou até mesmo fundamental, e possuir conhecimento em algum ramo ou ofício prático, uma vez que, apesar de fazerem os três votos (castidade, pobreza e obediência), um irmão não cursava filosofia e teologia, de modo geral. Em um anúncio na revista *Der Wegweiser*¹¹ (O Indicador do Caminho), de 1932, é possível entender qual era o perfil de um jovem vocacionado para ser irmão coadjutor: “Moços de 18 a 30 anos, desde que de boas famílias, e querendo consagrar-se ao Serviço de Deus na Congregação SCJ, na condição de Irmão Leigo, serão bem vindos. Dá-se preferência a candidatos artífices e agricultores” (ARQUIVO PROVINCIAL PADRE LUX, 1932).

Na hierarquia da Congregação, o lugar do irmão vinha depois do seminarista noviço. Nos capítulos 17 e 18 das Constituições deixava-se explícita a existência de

¹¹ A Congregação adquiriu uma tipografia e passou a produzir esta revista, destinada a benfeitores, seu objetivo era divulgar o trabalho dos padres dehonianos, recrutar vocacionados e angariar fundos para a obra do Seminário de Corupá.

duas classes de religiosos, sendo da primeira classe os padres e clérigos menores e da segunda classe os irmãos religiosos, isto porque suas ocupações eram consideradas secundárias (KOCH, 2010). Acompanhando o percurso dos irmãos existe um artigo em uma revista da Congregação que discute o papel do apostolado do irmão e afirma que existia naquele período (década de 1950) o preconceito de que o “irmão apenas seria um empregado de batina” (SCHMIDT, 1952, p. 25).

É importante entender o que seria um Irmão e qual seu papel dentro da organização da Congregação para compreender melhor as funções que o próprio Irmão Luiz desempenhava e como foi diferenciada sua atuação no Seminário de Corupá.

Irmão Luiz chegou ao Seminário em 31 de dezembro de 1931, com a primeira turma de alunos transferidos do Colégio Sagrado Coração de Brusque para o novo Seminário em Corupá. A história do Seminário se entrelaça à vida religiosa de Irmão Luiz. Ele chegou à cidade em 1931 e nunca mais saiu, essa foi a sua única transferência, o que não é comum na vida de religiosos, uma vez que, em geral, eles passam apenas alguns anos em determinada localidade ocorrendo várias transferências, havia dois motivos muito importantes para Ir. Luiz permanecer em Corupá: seu viveiro e seu museu.

No Seminário de Corupá Ir. Luiz exerceu as funções de sapateiro e enfermeiro por 30 anos, além disso, era fotógrafo e artista. Segundo depoimento do Ir. Luiz, a profissão de enfermeiro foi a que mais lhe marcou: “ele próprio compunha remédios, em casos mais graves levava os seminaristas de carroça até a vila de Corupá para tomar o trem para Joinville”. (Irmão Luiz..., 23 dez.1981, p. 8). Como fotógrafo, foi responsável por realizar diversos registros sobre o Seminário, seus alunos, bem como sobre a cidade e seus festejos, num período em que a fotografia não era acessível, Ir. Luiz possuía o material e conhecia todo o processo até a revelação, aliado ao seu dom de artista, ele também coloriu diversas fotografias originalmente em preto e branco. É interessante a menção de que o Museu possui uma coleção de objetos relacionados à fotografia que inclui desde negativos de vidro até os mais variados modelos de câmeras fotográficas que foram incorporados ao acervo, após ficarem obsoletos durante os 50 anos em que Ir. Luiz teve a função de fotógrafo do Seminário.

Nas primeiras décadas no Seminário, uma das principais atividades de Ir. Luiz era a de sapateiro (Figura 9); consertando e fabricando calçados, ele era o sapateiro oficial dos padres, seminaristas e empregados. É possível que este ofício tenha proporcionado habilidade única ao Ir. Luiz, que fora refletida em sua técnica de taxidermia, uma vez que já possuía familiaridade para lidar com o couro.

Figura 9 - Irmão Luiz exercendo o ofício de sapateiro em Corupá, 1932



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

Ir. Luiz era considerado por todos um “*fac-totum*” (aquele que faz de tudo), quando já estava há 35 anos em Corupá os seminaristas escreveram um artigo sobre o religioso, destacando suas habilidades e seu tempo de permanência em Corupá:

Como fotógrafo da casa vive sorrindo e colecionando sorrisos. Ainda é ou já foi: filatelista; músico de gaitinha de boca; sapateiro; enfermeiro; beque do C. Renaux; dono do balcão de postais, medalhas e santinhos; pintor; escultor; fonte verídica dos fatos do Seminário e dos seminaristas; e tudo também que não está aqui. [...] Está há tanto tempo aqui, que dizem ter visto o Morro do Boi¹² deitar-se. Continua com o ardor do primeiro ano que já sumiu 35 vezes... (35 anos à nossa espera, 1966, p.12).

Parece romântica a visão sobre Ir. Luiz, mas, em toda a documentação sobre ele e sobre o Museu e nos depoimentos orais sobre ele, sempre está explícito e

¹² O Morro do Boi é o morro mais alto do município de Corupá.

evidente o seu perfil de homem laborioso e de religioso exemplar, quem o conheceu no Seminário de Corupá tem sempre alguma atividade sua a destacar.

Depois de contextualizar a biografia de Ir. Luiz, destacando seu papel no Seminário é possível dar maior destaque a seu trabalho no Viveiro e no Museu, espaços que têm suas histórias relacionadas. Isto porque, antes de montar o Museu, Ir. Luiz se dedicou à criação e manutenção de um viveiro de aves e, diversas aves, ao morrerem, foram empalhadas e colocadas no Museu.

No ano de 1932 foi construído um primeiro viveiro de aves nas dimensões de 2x6 m (Figura 10), sendo que o primeiro pássaro foi um pintassilgo trazido da cidade de Brusque. Devido às novas construções da ala anexa à capela e do salão de teatro, em 1953 o Viveiro também mudou de lugar. O Viveiro foi transferido para trás do novo teatro, mas como era um terreno em declive, foi construído em três patamares. Desta vez eram 493 m² de área construída, onde havia, aproximadamente, 70 espécies de aves, tais como: araras, tucanos, pavões, faisões, periquitos, canários, patos e outros. Além disso, também macacos, tartarugas, cobras e muitas flores. O Seminário, diante da impossibilidade de atender às exigências do IBAMA, optou por fechar seu viveiro após quase 70 anos, no início do ano 2000.

Figura 10 – O primeiro viveiro construído em 1932



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus

O Museu foi fundado no ano de 1933, com o nome de “Museu do Sagrado Coração de Jesus”, com a origem de seu acervo baseada em uma coleção de

animais taxidermizados por Ir. Luiz. Desde o Noviciado Ir. Luiz tinha a ideia de fundar um museu e em Corupá pode executar sua proposta. Como o Seminário teria dificuldades de arcar com as despesas de pagar um profissional para fazer a taxidermia, o próprio Ir. Luiz aprendeu a arte de empalhar. Com a ajuda de um amigo farmacêutico aprendeu as formas de conservação das peles com diversos produtos químicos. Muitos animais taxidermizados foram doados por colonos da região ou trazidos de outras regiões, outros morriam no seu próprio viveiro e em zoológicos. Os olhos de vidros utilizados no processo de taxidermia, para que as peças alcançassem uma maior qualidade estética, eram comprados na Europa. O Museu do Ir. Luiz é um dos museus mais antigos em funcionamento no estado de Santa Catarina, o único em Corupá e também o único da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus no Brasil.

Ir. Luiz iniciou expondo os animais taxidermizados em um pequeno espaço, na sala de visitas do Seminário, na entrada principal do segundo piso. Nos anos de 1940 o Museu já possuía uma sala no andar térreo do Seminário. E, em 1953, quando foi construída uma nova ala que permitisse abrigar um número maior de alunos, o Museu também teve seu espaço ampliado (Figura 11).

Figura 11 – O processo final de construção da nova ala que, no térreo, abrigaria o museu, 1952



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus

O fato de ser pensado, no processo de ampliação do Seminário, um espaço amplo que comportasse o Museu, demonstra a proporção que o trabalho do Ir. Luiz

foi adquirindo ao longo dos anos, sendo destaque no Seminário, na Cidade e na Província da Congregação. Na organização e na hierarquia da Congregação as decisões passam pelo diretor do Seminário e depois pelo Superior Provincial e seu Conselho, desta forma, acredita-se que Ir. Luiz não teria começado e ampliado o Museu sem a autorização e auxílio financeiro dos superiores.

Ir. Luiz tinha formação de nível fundamental, desconhecia a Museologia e montou seu Museu a seu modo, era um colecionador que expunha seus objetos, os mais variados. Desde a década de 1940 o Museu já era destaque como ponto de visitas. O espaço era aberto ao público aos domingos e feriados, e o próprio Ir. Luiz, com auxílio de seminaristas, atendia à população. Além da venda de ingressos, para tentar levantar receitas, para, principalmente adquirir o material para a taxidermia, possuía junto ao Museu uma pequena loja de lembranças (Figura 12), onde vendia imagens sacras e decorativas de gesso que ele próprio fazia e pintava, fazia também terços e ainda reproduzia fotografias para serem vendidas como postais.

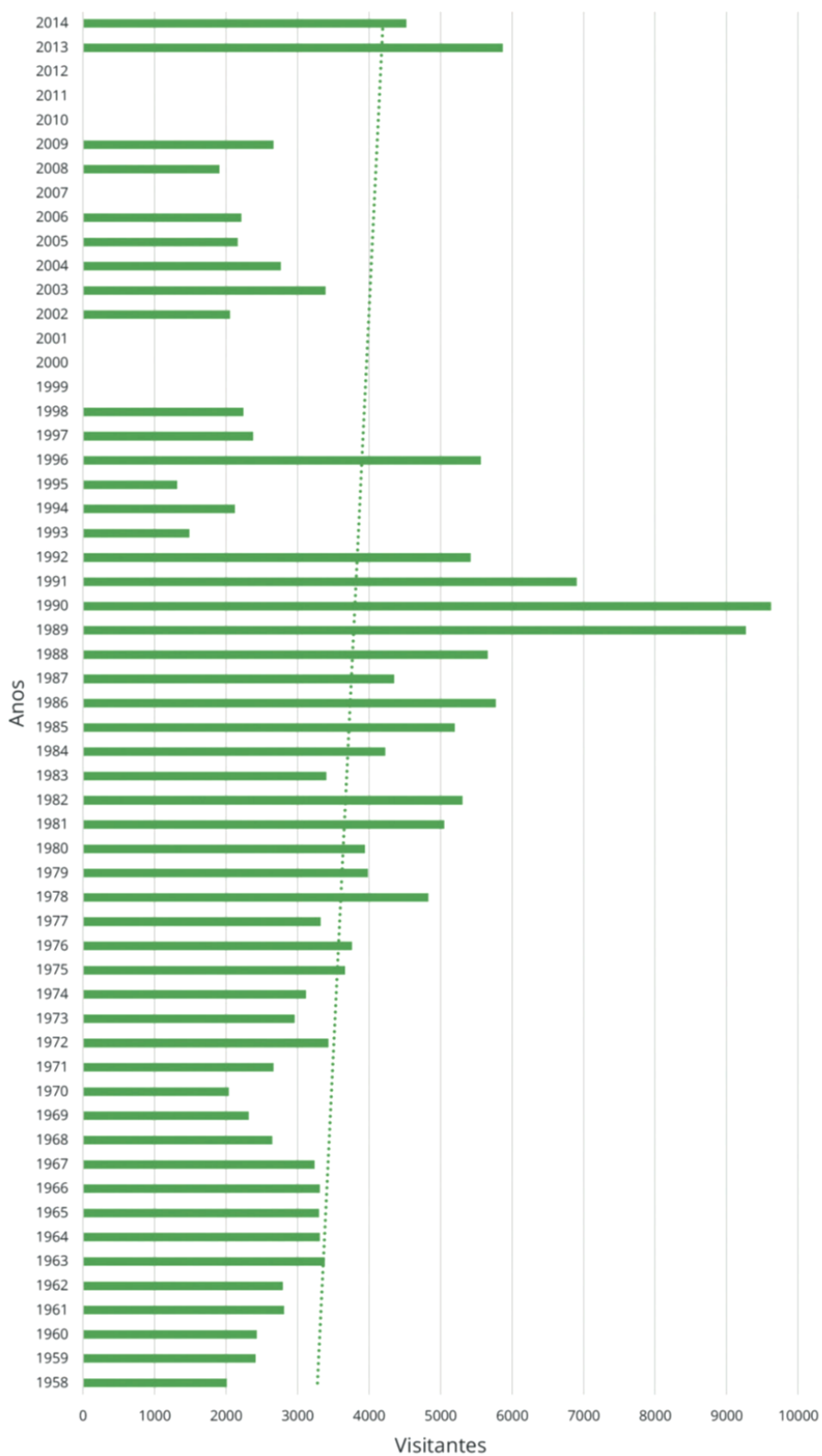
Figura 12 – Ir. Luiz e seu espaço de vendas de lembranças junto ao museu, 1970



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus

O Museu passou a ter um livro de registro de visitantes a partir de 1958, contabilizados os dados ali contidos é possível ter uma noção do fluxo de visitas anuais ao Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, o que é representado pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 – Número anual de visitantes ao Museu 1958-2014



Fonte: Plano Museológico do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, 2016

É interessante observar o fluxo de visitantes sendo ampliado na década de 1980, com destaque para o ano 1988, ano da morte de Ir. Luiz e os seguintes 1989 e 1990, que registram o maior número de visitantes desde 1958. Provavelmente a morte daquele que dedicou sua vida ao Museu proporcionou certa comoção social, levando as pessoas a revisitarem aquele espaço. Nos anos seguintes o fluxo decresce um pouco, voltando aos patamares anteriores à morte do religioso e, tem um novo crescimento em 2013, quando aconteceu a inauguração da nova exposição do Museu. Os dados de visitação, baseados no livro de registro de visitantes, referentes aos anos de 1999, 2001, 2007, e 2010 a 2012 não foram possíveis de serem localizados.

Consideramos importante transcrever duas descrições que alunos do Seminário fizeram, em anos diferentes, em artigos para a Revista *Éco dos Seminários* (1932-1960). Esta revista, assim como a *Der Wegweiser (ano de surgimento – 1932)*, também tinha a finalidade de angariar fundos¹³ para o Seminário por meio da divulgação das ações ali exercidas. Assim, era produzida para permitir a divulgação das atividades de formação de todos os seminários da Província, destacando a importância destes espaços e tudo que neles havia, como, no caso de Corupá, o Museu.

O primeiro relato, de Rubem Scheid, é de 1951, quando o Museu ainda estava instalado na primeira ala construída, em uma pequena sala no térreo. O autor descreve detalhadamente a exposição do Museu que considerava “Um dos tesouros mais preciosos” do Seminário, um lugar “lindo e formoso”. A exposição descrita por Scheid estava dividida em três partes: uma denominada zoológica, outra geológica e a terceira histórica. A parte dedicada à zoologia, formada, como foi visto, pela coleção de animais taxidermizados do Irmão Luiz, era considerada pelo autor como

[...] a mais bem abastada parte do museu, encontrando animais de quase todos os gêneros do reino, mormente dos que dizem respeito a rica, incomparável fauna brasileira. [...] O que produz o mais esplendido e decorativo aspecto e a classe das aves ora pelas matizadas e luzidas plumagens, [...] ora devido às abundantes espécies, abrangendo o museu componentes de oito famílias (SCHEID,1951, p. 9).

¹³ Eram destinadas, mais especificamente, aos benfeitores que, para a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, são pessoas, ou entidades que auxiliam de diversas formas (através de doações, por exemplo) a continuidade dos trabalhos realizados pela Congregação.

A segunda parte era composta por uma coleção de Geologia, que atualmente encontra-se em reserva técnica, e que, segundo consta da documentação existente, é proveniente de doações de religiosos, de moradores de Corupá e de pais de alunos. Essa Coleção, segundo Scheid (1951,p.9) era proveniente das eras Paleozóica e Mesozóica e composta por “camadas de xisto betuminoso assinaladas de fósseis de peixes, arenitos, extratos silurianos e várias amostras de hulha e carvão de pedra, o pão das indústrias”.

A terceira parte descrita por Scheid (1951, p. 10) apresentava objetos que “rememoram ao espectador algo de fatos heróicos dos nossos bravos patrícios” como “distintivos, armas, e objetos militares que traduzem as valorosas façanhas do povo brasileiro na Guerra dos Farrapos, Guerra do Paraguai e Revolução Federalista Riograndense de 1893 e Revolução de 1930”, sobre este acervo também se tem pouca documentação, não é possível hoje afirmar sua origem e veracidade.

Neste relato é possível perceber a importância que a coleção zoológica tinha e a variedade de tipologias de acervo que o Museu já possuía na década de 1950. Fica evidente também a relação que o museu tinha com o aprendizado dos alunos do Seminário que era considerado um espaço de ensino. Scheid (1951, p.10) afirma que as exposições transformavam o Museu em “um ambiente precioso, onde temos o ensejo de expandir científica e praticamente o horizonte dos nossos estudos, para uma cultura mais elevada”.

Neste período o Museu não possuía armários e vitrines fechados adequados à exposição dos objetos, o mobiliário era improvisado e o próprio Ir. Luiz organizava dioramas, como pode ser visto na Figura 13.

Figura 13 – Uma das exposições do museu organizadas por Ir. Luiz, 1936.



Fonte: Arquivo Fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus

O segundo relato, pertencente ao seminarista Ary Rodrigues, refere-se a um artigo publicado em 1957, quando o Museu já havia sido transferido para a nova ala, que fora inaugurada em 1953, conforme apresentado anteriormente. Inicialmente Rodrigues (1957, p.9) trata da paisagem que o visitante pode vislumbrar até adentrar o Museu “numa natureza de extraordinário verdor, rodeado de graciosos arbustos e encantadores pomares, num mar ondulado de flores e viçosos ciprestes, está o Seminário”, sempre destacando a importância deste espaço para a cidade:

Corupá chama a atenção de todo o estado de Santa Catarina, e o Seminário, com seu rico Museu atrai visitantes até dos mais longínquos estados. Todos querem vir a Corupá visitar o Museu do Seminário. Todos os dias o nosso Seminário recebe visitantes que desejam ver este mundo de maravilhas, esta exposição de artes e raridades: o Museu (RODRIGUES, 1957,p. 9).

Ao analisar esta descrição precisamos levar em consideração que se trata de um artigo com ímpeto de propaganda e divulgação do Seminário, o tom romancado ao expressar os detalhes, “tudo ali é paz e alegria”, afirmações como esta de Rodrigues (1957) deixam prevalecer a áurea criada e sustentada em torno do Seminário e que se reflete no Museu.

Uma das informações mais interessantes é a afirmação de ser o Museu um espaço religioso e com funções evangelizadoras, o que, de certa forma, explica o apoio que Ir. Luiz teve para realizar suas atividades. Ao Museu, eram incumbidos

objetivos mais implícitos do que a mera exposição de objetos, um cartaz na sala de visitas deixava isso muito claro:

Um interessante cartaz chama imediatamente a nossa atenção; leiamos: “Para as visitas ao Museu é vedada a entrada a senhoras e senhoritas de vestido decotado ou em traje de homem!”. Qual a razão deste aviso? É que, numa casa tão santa, onde se formam os futuros Sacerdotes, nesta casa abençoada, onde Deus habita, não se permitem abusos (RODRIGUES, 1957, p. 9).

No relato de Rodrigues, o Museu também é organizado em três coleções: a zoológica, a de minerais e a histórica, os objetos em exposição são praticamente os mesmos, sempre tendo suas características exaltadas ao máximo. Neste espaço os objetos estavam expostos em vitrines, como é possível perceber na Figura 14. Uma coleção que não foi apresentada no relato de Scheid (1951) foi a de etnologia “galeria de objetos de nossos indígenas: uma amálgamas de flechas, arcos, colares, machadinhas, artefatos de palha, ossos, utensílios de cozinha, e uma infinidade de penas multicolores” (RODRIGUES, 1957, p. 10). Possivelmente esse acervo foi sendo incorporado à coleção ao longo dos anos 1950, hoje, essa coleção se encontra em reserva técnica, compreende a aproximadamente 200 objetos, esses acervos não possuem nenhuma documentação que forneça maiores informações como procedência, por exemplo.

Figura 14 – Irmão Luiz no Museu, na nova ala, 1960



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus.

Na descrição de Rodrigues, é interessante também, o reconhecimento que Ir. Luiz já possuía por seu trabalho no Museu:

É o Museu fruto dos incansáveis esforços do Reverendíssimo Irmão Luiz Gartner SCJ, que, com mão de artista consumado, colecionou os mais variados objetos de arte, bem como graciosos representantes da Fauna e Flora Brasileiras. Ali tudo está colocado com graça e harmonia. Há mais ou menos, vinte e cinco anos, que o dedicado Irmão Luiz vem trabalhando a fim de aumentar e aperfeiçoar cada vez mais o nosso museu (RODRIGUES, 1957, p. 10).

Aos poucos o Museu foi ganhando fama e destaque, a fama e afluxo de turistas em parte se referem, também, ao elevado número de alunos de diferentes cidades e estados que visitavam o Museu e levavam até sua região informações sobre o Museu e o Seminário. Numa época em que o divertimento era algo restrito, o Viveiro e o Museu atraíam um grande número de visitantes, e talvez, estes espaços tenham recebido tanto apoio da Província e dos demais religiosos do Seminário, justamente porque aqueles que vinham até o lugar conhecê-lo, poderiam ser futuros alunos ou ainda benfeitores. Além disso, o Museu era também um espaço de evangelização e demonstração dos valores da Congregação, ligados principalmente a valorização da cultura.

Irmão Luiz também possuía uma relação muito importante com a comunidade de Corupá que o reconhecia como um notório membro da comunidade, que o ajudou a montar o Museu e adquirir objetos.

A coleção zoológica consta de aproximadamente 1.500 exemplares, dentre os quais aves, anfíbios, répteis, mamíferos e peixes. Ao todo o Museu possui mais de 30 mil objetos que foram agrupados ao longo dos anos. A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus tem o Museu, desde aproximadamente a década de 1990, como o local de guarda e preservação de coleções referentes à história da Província e seus religiosos, assim, para o Museu são enviadas coleções das mais variadas tipologias de padres falecidos ou de espaços que possuam objetos de valor histórico para a Congregação. Desta forma, atualmente, existe um vasto acervo de: indumentária religiosa, arte sacra, acervo etnológico, instrumentos musicais, peças de arqueologia, coleções de lápis, numismática, chaveiros, caixa de fósforos, antiquários, fotografias, entre outros. Foram inclusos no acervo também objetos de

uso do Seminário que, ao longo do tempo, foram perdendo seu uso, ficaram obsoletos.

Ir. Luiz esteve à frente do Museu e do Viveiro até o dia 08 de outubro de 1988, quando faleceu, foram exatamente 57 anos de dedicação ao Seminário e a Corupá. Em meios às homenagens por sua morte foi escrito o seguinte texto, que retrata um pouco do que foi a vida de Ir. Luiz:

[...] a ele devemos a sapataria antiga, o museu de Corupá, o afluxo de turistas para aquele pequeno paraíso que é o nosso seminário. Dotado de extraordinária persistência, incrível capacidade de aprendizado, senso agudo de observação da natureza, leu, ouviu, aprendeu e transformou tudo o que fez em obra admirável. [...] Irmão Luiz foi o primeiro irmão brasileiro de nossa Província. E sem ele não teríamos muito do que temos, inclusive em termos de cultura. Desde as chuteiras e sapatos que fazia para os alunos, as fotos que registram a memória de Corupá, ao museu, ao viveiro. Irmão Luiz foi homem aberto, renovador, preocupado com o saber. Sem dar aulas, lecionou durante meio século ou mais sobre como aprender fazendo. (OLIVEIRA, 1988, p. 285).

Com o falecimento do Ir. Luiz a responsabilidade sobre estes espaços ficou com o Ir. Honorato e demais padres e seminaristas. Mas, ninguém teve uma dedicação e uma intencionalidade em relação a estes espaços tão pulsante como Ir. Luiz; a partir daí, os cuidados com o Museu se limitavam à limpeza e organização do espaço e atendimento aos visitantes, trabalhos realizados pelos seminaristas. O Viveiro de aves foi fechado em 2000, restando apenas o Museu, mudanças decorrentes também das novas legislações no âmbito ambiental e do contexto de diminuição do número de alunos do Seminário.

Em 2004, o Museu Sagrado Coração de Jesus mudou de nome, passando a ser Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, uma homenagem ao religioso que dedicou sua vida à natureza e ao trabalho com a instalação e manutenção do Museu.

Por volta de 2008, considerando que o número de alunos no Seminário de Corupá havia diminuído consideravelmente desde a década de 1990, começaram a ser realizadas reformas e adaptações na ala em que o Museu ocupava uma sala, pensando na ampliação do seu espaço, indo ao encontro dos novos usos a serem pensados para o Seminário como um todo.

A partir deste período o Museu foi adquirindo a estrutura de um museu vinculado à uma instituição, com o dever de memória e preservação institucional, passando a ser considerado como o museu da história do próprio Seminário.

1.5 O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner de 2013 aos dias atuais

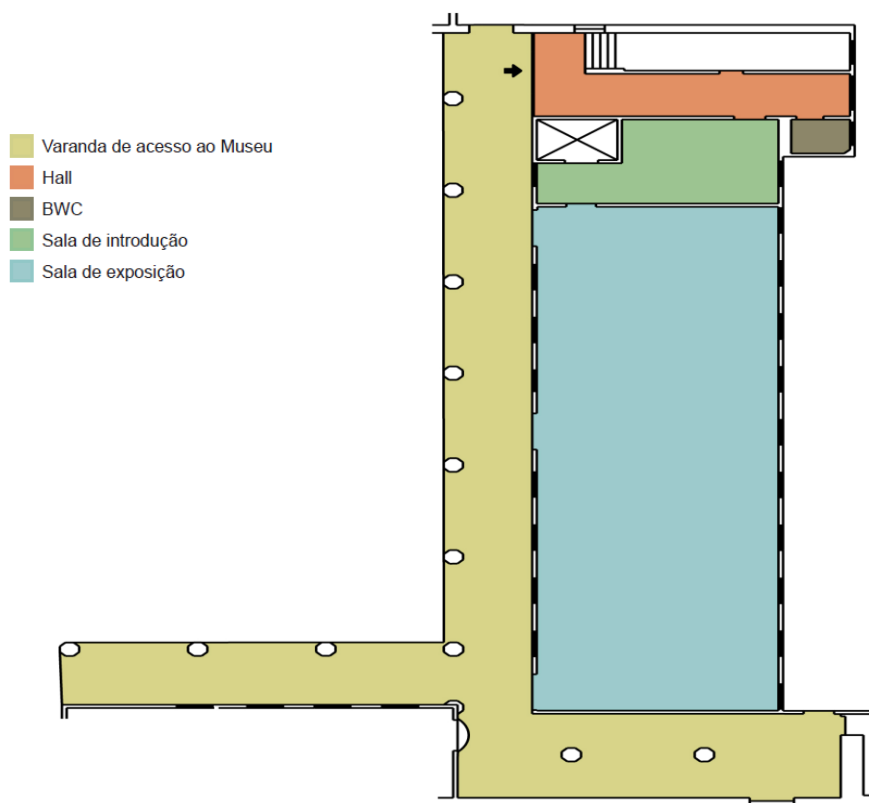
Quando oficialmente, em 2012, o Seminário deixou de receber alunos, alguns espaços que anteriormente acomodavam os seminaristas foram readequados, o Museu passou a ocupar a ala inteira, da qual antes só possuía uma sala, passando a ter instalação de reserva técnica e mais salas expositivas. Em virtude disso, foi iniciado o projeto de requalificação do MILGG, buscando adequá-lo às normativas do campo da Museologia. Como primeiro resultado foi feita uma nova exposição sobre a história do Seminário, exposição pensada a partir de um novo contexto expográfico, sendo um grande contraste com a exposição de taxidermia que ainda existe tal qual há décadas atrás.

Agora, o Museu acompanha a demanda de implantação de um plano turístico voltado para o cultural e religioso no Seminário, que busca sustentabilidade financeira para o SSCJ, sendo, o Museu, apresentado como um dos principais atrativos. Seu principal foco são os turistas que aos domingos visitam os seus espaços e usufruem de atrativos como missa, restaurante com almoço e café colonial, visita ao museu, loja de lembranças, feira de artesanato e áreas de lazer.

Atualmente o Museu abrange uma área aproximada de 1479,16m², divididos entre espaços de exposição, reserva técnica e salas de atividades, está distribuído em quatro pavimentos da ala construída em 1953: o primeiro e segundo andares abrigam as exposições e, os demais, a reserva técnica e salas administrativas.

A exposição histórica fica localizada no primeiro piso (Figura 15) e é denominada “Seminário de Corupá: Fé, Formação e Recanto de Paz” e é o primeiro espaço a ser visitado.

Figura 15 – Planta Baixa do primeiro piso do Museu, 2016



Fonte: Plano Museológico do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, 2016

Esta exposição foi desenvolvida por uma equipe técnica composta por museólogos, historiador e designer, contratada unicamente para a elaboração desta exposição¹⁴. O trabalho se deu de maio a novembro de 2013, e a exposição foi pensada de acordo com as concepções atuais de exposições museológicas e possui um discurso expográfico que procura enfatizar a história do Seminário, uma história oficial narrando os “principais fatos”. Sua organização inicia com um espaço chamado de sala de introdução, que traz breves informações sobre a história do Museu e, a seu lado, encontra-se a ficha técnica da exposição, como é possível visualizar na Figura 16. A sala da exposição em si está organizada em quatro módulos.

¹⁴ A equipe era coordenada pela Prof. Dra. Rosana Nascimento (museóloga), faziam parte Renilton Roberto da Silva Matos de Assis (museólogo), Francisco do Vale Pereira (historiador) e Jonei Eger Bauer (design, e no período do projeto, estudante de Museologia), Roseli Siewert (coordenadora do Museu), Bruna Elisa Winter e a autora do trabalho (no período estagiárias), participaram da equipe como representantes da instituição.

Figura 16 – Sala de introdução, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O primeiro módulo denominado “Fé” (Figura 17) apresenta a história da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, seu fundador Padre Dehon, imagens do Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria, patronos da Congregação, ainda apresenta uma vitrine com trajes religiosos e objetos litúrgicos, no texto do módulo encontram-se informações sobre a chegada dos padres dehonianos ao Brasil e a Santa Catarina.

Figura 17 – O módulo Fé, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O segundo módulo denominado “Construção” (Figura 18) reflete em seu texto informações sobre o acordo feito para a construção do Seminário em Corupá, é nessa parte da exposição apenas que se explicita uma relação entre Seminário e comunidade, através da doação do terreno. Apresenta documentos referentes à compra de materiais e serviços para a obra, expõe também uma maquete da primeira ala construída e um monitor de televisão onde passam imagens de fotografias do processo de construção e ampliação do prédio do Seminário(Figura 18). Ao lado do monitor, está em exposição um carrinho de mão utilizado nas obras.

Figura 18 – Módulo Construção, destaque da maquete do Seminário, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O terceiro módulo denominado “Formação” (Figura 19), busca remeter ao Seminário enquanto espaço de ensino. Um segundo monitor mostra imagens de fotografias das diversas turmas de aluno se das diversas atividades realizadas pelos mesmos, enquanto, em vitrines, são apresentados materiais didáticos utilizados em sala de aula e objetos religiosos, como terço e livro de oração de seminaristas. Estes objetos representam o ensino do religioso que, no Seminário, fazia parte do currículo. A Figura 19 mostra, em primeiro plano, o diorama que representa uma sala de aula com as mesas, cadeiras e demais objetos, utilizados pelos alunos e professores do Seminário, entre 1950 e 1990. Na figura aparece também, um esqueleto humano que por muitos anos esteve no Museu em exposição e com as mudanças na década de 90 foi colocado em reserva técnica, sobre esse esqueleto se criaram diversos mitos na cidade, tais como ele ser de um aluno que morreu

afogado. O esqueleto, na verdade, era utilizado nas aulas de ciência e depois foi incorporado ao acervo do Museu, mas, como era um objeto muito solicitado, foi escolhido para estar nesta nova exposição.

Figura 19 – Módulo Formação, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O último módulo, denominado “Recanto de Paz” (Figura 20), foi proposto para ser apresentado o momento atual do Seminário, como espaço de turismo e cultura, mas, em sua exposição são apresentados objetos das diversas coleções que compõe o Museu, como miniaturas de carros e outros objetos, coleções de bonecas, e coleção de canecos. Em uma montagem de fotos na parede, em forma de cruz (Figura 20), são apresentadas algumas atividades que acontecem atualmente nos espaços do Seminário.

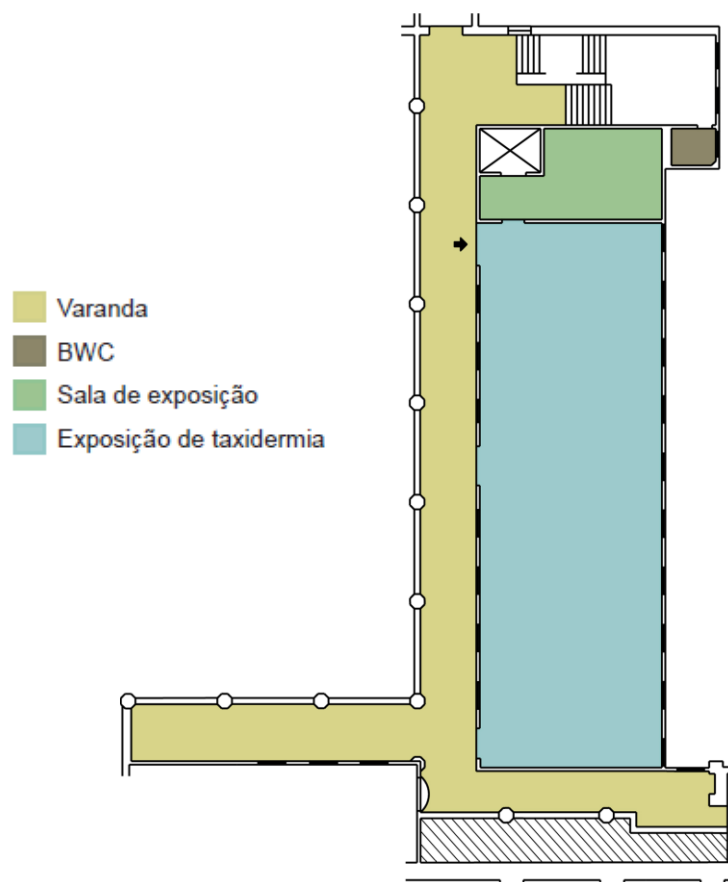
Figura 20 – Módulo Recanto de Paz, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Essa exposição segue uma perspectiva de memória institucional, direcionada e linear, ao apresentar a história do Seminário, no entanto, expograficamente falando, ela possui mais recursos se comparada à exposição da coleção de taxidermia que está no segundo piso (Figura 21). Desde 1953 até a instalação da exposição histórica a exposição de taxidermia estava localizada no primeiro piso, quando foi mudada de espaço não houve nenhuma intervenção em sua expografia.

Figura 21 – Planta baixa do segundo piso do Museu, 2016



Fonte: Plano Museológico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, 2016

Na exposição da coleção zoológica são apresentados ao público, em armários, os diversos animais taxidermizados pelo Irmão Luiz. Estes armários (Figura 22) são os mesmos utilizados desde 1953, porém, diferentemente de quando Ir. Luiz estava à frente do Museu, agora não são expostos tantos animais em um mesmo armário e não estão mais misturados com outros tipos de acervos. Algumas melhorias foram realizadas no que se refere, principalmente, à classificação taxonômica das espécies, que foi conferida por profissional da área, e à produção de novas etiquetas.

Figura 22– Exposição de taxidermia, 2013



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O Museu ainda possui duas salas que, em momentos pontuais, são utilizadas para exposições temporárias, duas salas ligadas a atividades técnicas de higienização e conservação e três salas de reserva técnica, mas, são os dois espaços expositivos apresentados anteriormente, que são visitados pela população e, portanto, aqueles que podem influenciar a construção de representações sociais sobre o Museu. Mas, como veremos um museu é muito mais do que suas exposições.

Tratando de sua estrutura administrativa, é importante informar que o Museu não possui autonomia institucional, juridicamente é subordinado ao SSCJ. O MILGG possui um diretor que é sempre o diretor do Seminário, e a partir de 2013 duas funcionárias exclusivamente para suas atividades, que trabalham com o acervo e o atendimento ao público e os demais funcionários do Seminário atendem as demandas do Museu como limpeza e manutenção conforme a necessidade, o MILGG é gestado como parte do Seminário.

Conhecer um pouco da história da cidade, do Seminário e do Museu é essencial para entender todo um contexto envolto na relação Museu e comunidade, relação que é um dos pontos essenciais quando se pensa sobre a função social dos museus. Depois de conhecer a história, os espaços, as exposições do MILGG, é necessário refletir sobre sua função social.

2 A FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS

A noção de patrimônio expandiu-se e, da mesma forma, foram ampliados o campo e a atuação dos museus. Atualmente, não cabe mais ao museu apenas guardar, preservar, conservar, documentar e expor acervos, mas a eles são imbuídos objetivos muito mais profundos e ligados a sua função social.

Desde a década de 1970, quando se propuseram novas ações dos museus no tocante à realidade social, várias foram as tentativas para se alcançar aquele objetivo. A Museologia incorporou novos movimentos teóricos como a Nova Museologia; surgiram os ecomuseus e se diferenciaram as tipologias de museus, porém, o campo ainda carece de informações de ordem prática. Em muitos museus, fundados em contexto distinto dessas novas propostas, como é o caso do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, a dificuldade se encontra em como difundir tal atuação. Como fazer, como se adequar, como compreender sua função social?

O conceito de função social que norteia este trabalho é o entendimento proposto na Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972, que ajudará nas análises e proposições em relação ao MILGG. Mas, se faz necessário historicizar o campo e os processos que nos permitem descrever hoje qual ou quais seriam as funções sociais de um museu, é essa a discussão que se propõe adiante.

2.1 Para que serve um museu?

Há muito que o senso comum atribui ao museu apenas a função de guarda, o típico “lugar de coisas velhas”, mas, muito além de ser um espaço de guarda e conservação da materialidade da cultura humana, expressa nas mais diferentes áreas e temáticas, os museus possuem um trabalho muito mais amplo, muito mais importante, são espaços em que se nutrem e se processam narrativas de memórias, de histórias, de um passado que está presente na dinâmica dos dias atuais é, ou deveria ser, um espaço reflexivo, de críticas e análises.

A busca por conhecer museus, visitar suas exposições é, uma das formas possíveis da população ter contato com o patrimônio, no caso dos museus, vinculados geralmente à materialidade expressa em seus acervos e prédios. Mas, dependendo de como esse contato acontece, os museus podem despertar o

sentimento de pertencimento ou criar a noção de afastamento com o patrimônio cultural, essas impressões podem conduzir o posicionamento do indivíduo em relação aos bens culturais que estão envoltos em sua realidade.

Cada vez mais os museus buscam envolver a comunidade, propor ações educativas e culturais e uma programação que atraia os diferentes públicos, visando alcançar uma atuação que expresse sua função social.

Tem se convencionado que aquilo que hoje compreendemos como museu, tem sua origem com o *mouseion* da Grécia Antiga, a casa das musas, filhas de Zeus com a deusa da memória Mnemosine. Chagas (2006) nos leva a considerar que desde a sua origem mítica, os museus são lugares de memória, mas também de poder.

[...] se pode reconhecer, ao lado de Pierre Nora (1984), que os museus vinculados às musas por via materna são "lugares de memória" (Mnemósine é a mãe das musas); mas por via paterna estão vinculadas a Zeus, são estruturas e lugares de poder (CHAGAS, 2006, p. 31).

E essa relação com o poder se reflete nos variados modelos e propósitos de museus que existiram ao longo dos séculos, mas, este poder sempre esteve relacionado a coleções de objetos representativos, sejam eles demonstrando o poder dos Impérios da Antiguidade, da nobreza, da Igreja ou dos Estados Nacionais. De modo geral, até metade do século XIX os museus ainda estavam vinculados ao fenômeno do colecionismo, ao acúmulo das mais variadas tipologias de objetos, ainda ligados a uma ideia de contemplação e "templo do saber". Os museus, fundados no contexto da formação dos estados nacionais, trouxeram também a sua função de narrativa gloriosa, fatos heroicos, o mito da civilização, o museu para um uso patriótico. Os museus do século XIX marcam a gênese do que chamamos de museu tradicional (SUANO, 1986).

Na segunda metade do século XIX, aos museus, principalmente ligados às descobertas da ciência, foram firmando uma relação com a pesquisa, com uma classificação, em relação às ciências naturais e à arqueologia, mas a ideia central de museu e sua função, ainda estavam relacionadas unicamente a acumular e exibir.

O museu, assim como a História, é fruto de seu tempo, e seus contextos refletem as perspectivas sociais vivenciadas, atendem à demanda de interesses e fazem parte de um jogo de disputas, rupturas e permanências. Assim, os museus no século XX, foram influenciados pelo contexto das duas guerras mundiais, pela

ascensão dos países socialistas, pelas ideias revolucionárias dos anos 1960 e 1970 e tantas outras influências. Porém, ao representar apenas uma parte de histórias tão complexas e se relacionando com apenas uma parcela da sociedade, o museu, em seu modelo tradicional estagnou, a relação dos museus com seu público e especialmente sua comunidade foi tomando distanciamentos. Foi esse contexto de estagnação dos museus tradicionais, aliado aos processos de transformações sociais no século XX, que influenciou os debates no campo da Museologia em torno do significado de museu e de suas ações, e a necessidade de repensá-los, assim, se iniciaram os debates sobre uma função social dos museus.

Antes de melhor definir o que seria este entendimento de função social, é necessário fazer um percurso pelo campo da Museologia a partir do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos Museus de 1958, que iniciou um repensar sobre os museus e sua função, chegando à Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972, onde as discussões sobre a função social dos museus foram incipientes e, a partir deste debate, entender seus principais marcos e evoluções.

O início desse percurso parte da definição de museu, conceito que, como já apresentado, na sua historicidade é apropriado e compreendido de diferentes formas. A definição mais atual e, talvez, a que melhor exemplifica os debates mais constantes no campo museológico é a que consta do Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Essa seria a definição mais normativa, porém, considerando o contexto em que o MILGG foi criado, a pessoa que o fundou e o objetivo por trás de tal atitude, acreditamos que seja extremamente instigador considerar a definição poética que Chagas apresenta:

De forma poética, os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes; mas

na verdade, os museus são conceitos e práticas em metamorfose (CHAGAS *apud* SANTOS, 2011, p. 6).

Com as definições entendidas aqui como complementares é preciso perceber como se deu o entendimento da função social dos museus e como isso reflete na definição de um museu e seu papel. Para isso, se torna necessária a análise de alguns documentos.

No período de 1958 a 1992 surgiram ações e debates indicativos de mudanças nas práticas museológicas e de um novo olhar e entendimento sobre museu. Quatro documentos são essenciais para a compreensão desse novo contexto:

São eles: as conclusões do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958), que indicou um objeto de estudo para a Museologia; a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, que introduziu o conceito de um museu integral, abrindo novas trilhas para as práticas museais; a Declaração de Quebec de 1984, que sistematizou os conceitos básicos da Nova Museologia; a Declaração de Caracas de 1992, que poderia ser interpretada como uma avaliação crítica de todo esse percurso ao reafirmar o museu enquanto canal de comunicação (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 6).

Desses documentos, emanam questões para se pensar uma nova lógica de museu, em que o sentido não está mais em seu acervo, mas em sua atuação: um museu como um espaço de educação, um museu integral voltado para sua comunidade e o museu como um espaço de comunicação (ARAÚJO; BRUNO, 1995).

Tratando basicamente daquilo que cada documento propõe, iniciamos com o Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre a função educativa dos museus, realizado no Rio de Janeiro em 1958. Esse evento, especialmente, teve um resultado muito importante para a América Latina no que se refere às propostas do museu como espaço educativo, pois, direcionou os museus a uma nova inserção em sua comunidade. Os debates foram centrados na reflexão sobre o próprio conceito de museu, no entendimento da Museologia como ciência ou não e nos diferentes tipos de museu e suas especificidades. Apesar disso, o museu ainda é pensado em uma perspectiva “tradicional”, na qual o objeto ainda é considerado o mais importante.

Deve-se insistir que o Seminário [Regional da Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura], como não poderia deixar de ser, salientou que o objeto é o cerne do museu, e que todos os recursos que podem servir para reforçar sua mensagem devem ser utilizados de maneira que a relação entre sujeito e objeto se produza de maneira harmoniosa (TORAL, 1995, p. 9).

No referido seminário, a preocupação com a função educativa ocupou papel de destaque; ela é central na formação do cidadão. Esses foram os primeiros passos para se pensar a função social dos museus, que passou a ser conceituada e discutida a partir da década de 1970.

A Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972 foi decisiva para a ampliação da noção de função e atuação dos museus. Um dos resultados do documento foi a definição e proposição de um novo conceito de ação dos museus: o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. A carta produzida no encontro foi toda baseada nos novos processos e realidades sociais que surgiam desde a década de 1960 e apontavam a educação como uma das principais ações a serem tomadas pelos museus (ICOM, 1972).

Os membros da mesa consideraram que a tomada de consciência pelos museus da situação social, política e econômica vigente e das diferentes soluções que se poderiam vislumbrar para melhorá-la seria uma condição essencial para a integração dos museus à vida da sociedade. Dessa maneira, determinaram que os museus poderiam e deveriam desempenhar papel decisivo na educação da comunidade (ICOM, 1972, p. 2).

O termo museu integral amplamente divulgado depois da Mesa de Santiago é produto das reflexões dos participantes sobre o mundo urbano e rural e a inserção dos museus nesse contexto, mas esse conceito teria sido formulado em espanhol como “museu integrado” que, por alguma confusão no momento de tradução, em diversos idiomas foi adotado o conceito de museu integral (CÂNDIDO, 2003). Apenas na década de 1990 essa dualidade entre os termos integrado e integral passou a ser revista e discutida, como será apresentado mais adiante.

Foi em Santiago do Chile que se passou a entender que o museu possui função social, e a compreensão dessa função social desestabilizou aquilo que se pensava até o momento como museu e Museologia.

Pode-se dizer que essa mesa-redonda foi um divisor de águas no campo, pois

[...] o conceito de museu integral questionou noções consagradas do universo museológico como o colecionismo, o museu entre quatro paredes, e o patrimônio oficial, identificado apenas com o histórico e o artístico. Despertou a atenção dos profissionais para todo um patrimônio à espera da musealização, para a importância da participação comunitária em todas as instâncias museológicas, e impôs novos métodos de trabalho (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 6).

Foi então que se percebeu que tudo o que se achava saber sobre a Museologia já não fazia sentido. Quando o museu passou a ter uma nova atuação, foram necessários novos movimentos teóricos no campo, e a noção de função social consistiu no princípio da Nova Museologia.

A Nova Museologia é um movimento sobre o qual se centra a Declaração de Quebec de 1984, em que se definiram os princípios dessa museologia que deveria ter caráter social. Mais tarde, a função social dos museus se configurou como ponto estruturante de outro movimento denominado de Museologia Social, no qual se propôs uma nova tomada de consciência orgânica e filosófica acerca dos museus (MOUTINHO, 1993).

A Declaração de Caracas de 1992, por sua vez, centrou-se no debate sobre o museu enquanto canal de comunicação. Esse encontro, que aconteceu 20 anos após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, pode ser visto como um balanço do processo que vinha sendo construído na Museologia, uma avaliação sobre a nova atuação dos museus e como a comunicação se encaixa nesse contexto. Essa declaração não possui nenhum caráter extremamente inovador, ou transformador no campo dos museus, em geral, ela faz um balanço e compactua com o que se consolidou desde Santiago:

Dentro desta perspectiva, e visando uma maior eficácia de ação museológica, tem sido necessário a redefinição das práticas museográficas, bem como repensar a função clara e objetiva para o conhecimento produzido nas mais diversas áreas científicas existentes nos museus. Esse reconhecimento, que se insere no campo da Museologia enquanto Disciplina, e na identificação do objeto museal como fenômeno de comunicação, consolida, assim, uma nova possibilidade de trabalho científico para os museus no mundo contemporâneo. (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 7).

Porém, a Declaração de Caracas é quem traz a modificação do conceito de museu integral para museu integrado, “conceito não formulado, mas implícito no documento de 92” (CÂNDIDO, 2003, p. 31). Cândido (2003) aponta quais os questionamentos que geraram essa nova interpretação:

Na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) surgiu a idéia traduzida como a de um museu integral. Entretanto, por não ser possível musealizar tudo, por serem indissociáveis memória, museu e seleção, a reflexão museológica internacional vem questionando este conceito e se aproximando do museu integrado, sugerido em 1992, em Caracas. Ao invés da pretensão de totalidade, a viabilização da integração. No plano prático, esta posição conduz aos museus interdisciplinares devido à integração: entre diferentes vertentes patrimoniais – conseqüentemente de disciplinas e de profissionais; entre diversas atividades e setores das instituições museológicas; entre as comunidades e os museus. (CÂNDIDO, 2003, p. 35)

Apesar da dualidade entre museu integral e museu integrado ainda ser pauta nos debates no campo museológico o termo que é mais utilizado em nosso país é o de museu integral. Assim, o que marcou o campo museológico a partir da década de 1990 foi o entendimento de que a função social dos museus está pautada na educação, na construção da cidadania e no fortalecimento da cultura, tudo isso em meio à comunidade em que está inserido.

Reforçando a noção de museu ligada a uma função social, expressa, principalmente, pela educação, foi reafirmada na Carta de Paris, em 2015, a amplitude da ação do museu em referência à educação e ao patrimônio cultural e natural:

Os museus, como espaços para a transmissão cultural, o diálogo intercultural, a aprendizagem, a discussão e a formação, desempenham também um importante papel na educação (formal, informal e ao longo da vida), na promoção da coesão social e do desenvolvimento sustentável. Os museus têm um grande potencial para sensibilizar a opinião pública sobre o valor do patrimônio cultural e natural e sobre a responsabilidade de todos os cidadãos para contribuir para a sua guarda e transmissão. Os museus apóiam também o desenvolvimento econômico, nomeadamente através das indústrias culturais e criativas e do turismo (UNESCO, 2015, p. 2).

Ainda, a definição de museu explicita tal noção:

Instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu

meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (UNESCO, 2015, p. 3).

Esses documentos internacionais delineiam as perspectivas e os caminhos que levaram a uma renovação de teoria e ação no campo da Museologia que vai ser marcadamente refletido no movimento da Nova Museologia.

Em 1993, teve início a publicação dos Cadernos de Sociomuseologia, onde o primeiro artigo, um breve ensaio assinado por Mario Moutinho (1993, p. 7), foi dedicado a refletir “Sobre o conceito de “Museologia Social” salientando que “O conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea”. A afirmação de Moutinho é enfatizada na pesquisa de Cândido (2003)

A antologia certamente não dá conta de tudo que se refletiu e produziu no campo da Nova Museologia. [...] Por outro lado, não se limita ao que os museólogos estavam pensando, mas estende-se às interfaces com reflexões contemporâneas em outras áreas que estavam repensando a sociedade em ebulição e que, por isso, se prestavam à ponderação da chamada crise dos museus (CÂNDIDO, 2003, p. 34-35).

A Nova Museologia já recebeu diferentes nomes: museologia crítica, ecomuseologia, museologia comunitária, museologia popular e outras mais, "a perda de potência da expressão Nova Museologia contribuiu para o fortalecimento e a ascensão, especialmente após os anos de 1990, da denominada Museologia Social ou Sociomuseologia" (CHAGAS; GOUVEIA, 2004, p. 16)

Chagas e Gouveia (2004) consideram que Museologia Social e Sociomuseologia são sinônimos, é esta a perspectiva que adotaremos, sendo esclarecido que:

O que dá sentido à museologia social não é o fato dela existir em sociedade, mas sim, os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula. Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária; estamos reconhecendo que durante muito tempo, pelo menos desde a primeira metade do século XIX até a primeira metade do século XX, predominou no mundo ocidental uma prática de memória, patrimônio e museu inteiramente comprometida com a defesa dos valores das aristocracias, das oligarquias,

das classes e religiões dominantes e dominadoras (CHAGAS; GOUVEIA, 2004, p. 17).

Assim, a perspectiva social dessa Nova Museologia está vinculada aos compromissos sociais que a instituição museu assume ao se considerar parte de um grupo e de processos sociais. Ainda, podemos dizer que a Museologia Social é uma prática museológica que tem como objetivos e missão uma proposta de transformação da realidade social na qual o museu está inserido.

A Museologia Social não desconsidera a importância que o acervo, a coleção e objeto, que dão sentido a existência dos museus, possuem no processo museológico, assim como as tarefas de guarda e conservação, mas, são associadas à ideia de museu enquanto ação, vivo, pulsante, e o objeto passa a ser visto como um mediador nas relações museu e comunidade.

O MILGG é um museu extremamente tradicional, a construção em que está inserido, a origem de sua coleção, as tipologias de seu acervo, a forma de constituição, a instituição a que está vinculado, por si só respaldam sobre ele o peso do tradicional. Fazer do MILGG um museu com atuação social, dentro daquilo que preconiza a Museologia Social não é recriá-lo, ou revolucioná-lo completamente, é ressignificar suas práticas e narrativas, em meio a uma estrutura física e institucional tradicional. Deste modo, a proposta de relacionar a investigação da representação de uma população sobre o Museu, se configura como uma ferramenta para contribuir nesse processo de transformação para um Museu consciente e atuante de seu papel social.

A atuação dos museus é ampla; cabe saber como cumprir todos esses papéis. Uma das formas, talvez, seja compreender como a população do entorno percebe o museu para, com base nisso, elaborar ações que cumpram sua função social. No caso do MILGG, são 80 anos de interação com a população por meio das mais diferentes ações, que, conscientes ou não dos processos museológicos, de suas definições e de sua evolução, acompanharam aquilo que acontecia no campo, conforme será visto a seguir.

2.2 O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner e sua função social

Nesse Museu, com 85 anos, fundado na década de 1930, é importante observar que em meio à pesquisa documental nos arquivos do Museu e do Seminário, onde foram consultados livros de crônicas, atas de reuniões, jornais, relatórios de atividades, entrevistas, fotografias, cartas, panfletos, cartazes, não foi possível encontrar qualquer documento que pudesse demonstrar que o fundador do museu conhecesse os debates que circulavam no campo da Museologia ou dialogasse com eles. Porém, foram encontrados um livro de Gustavo Barroso e a coleção “O Mundo dos Museus”, em meio às coleções da instituição, o que pode dar uma pista de que, talvez, de alguma maneira, se procurava saber o que se pensava e produzia sobre museus.

Pensando numa atuação voltada para o social, se baseando no que a documentação demonstra, puderam se estabelecer dois momentos na história do MILGG: o primeiro corresponde ao período de 1933 a 1988, e o segundo, de 1990 aos dias de hoje.

De 1933 a 1988, qualquer que fosse a relação da comunidade corupaense com o Museu, ela estava associada à figura do Irmão Luiz, considerado de importância para a cidade. Tal importância é evidenciada, principalmente, pelo Decreto Legislativo n.º 02/79, em que, pela Câmara de Vereadores de Corupá, foi outorgado o título de Cidadão Corupaense ao Irmão Luiz, entre outros prêmios a ele concedidos. A documentação encontrada demonstra uma participação significativa do Museu nos eventos e nas realizações promovidos pelo Município, como, por exemplo, em dois cartazes convites de festejos da cidade. O primeiro se refere à comemoração em julho de 1947 do cinquentenário de Hansa Humboldt, na qual um dos atrativos era uma exposição histórica, no segundo andar do Bar Schneider. No convite, enfatiza-se a seguinte frase: “Estará exposto o Museu do Seminário S. C. J., fotografia e outro material histórico do começo da colonização [sic], como outras raridades de Hansa, dignas de admiração” (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1947). Com essa frase, se percebem duas situações importantes: a locomoção que o Museu fez para, naquele contexto de comemoração, ficar mais próximo e acessível à população, já que os festejos aconteceram no centro da cidade, a 4 km de distância do Seminário, salientando que hoje não são realizadas

itinerâncias como essa; e a importância do acervo do Museu para a cidade, as “raridades de Hansa”, aqui o papel de guarda se destaca também. Ou seja, se percebe que havia interação do Museu com a população e que, possivelmente, não existia preocupação tão centrada nos objetos, mas em quem os contemplaria, uma vez que se permitiu a itinerância desses objetos para uma exposição em um bar.

Está claro que a ação do Ir. Luiz não era centrada apenas no objeto, basta observar a foto da Figura 23, da década de 1970, onde, os alunos interagem, de forma cômica, com os objetos do Museu, a própria foto é registro de Ir. Luiz. Percebe-se que tocar nos objetos, retirá-los das vitrines e de dentro do próprio Museu, não era uma questão tão problemática. O Arquivo fotográfico do SSCJ possui diversos registros fotográficos semelhantes.

Figura 23 – Alunos utilizando os objetos do Museu, 1970



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus

O outro cartaz refere-se a uma festa que aconteceu no Seminário para os moradores da cidade. Nela o Museu já estava localizado em seu novo espaço e no cartaz se fazia grande divulgação de sua importância: “Visite o Museu do Seminário – elogiado unanimemente por turistas de todo o Brasil” (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1953). Nessa frase é possível constatar a relevância do Museu tanto como espaço a ser visitado quanto como divulgador da própria cidade pelo país; o elogio ao Museu é talvez a maior evidência, mas é preciso considerar

também, que foi produzido pela direção do próprio Seminário, que pode ter valorizado seu espaço. Até a década de 1980 o Seminário organizou diversas festas populares para os moradores de Corupá, elas eram organizadas em comemoração a datas representativas, como o aniversário da Cidade, a data de inauguração do Seminário, o dia do Sagrado Coração de Jesus, a Festa de Cristo Rei, ou seja, datas históricas e datas religiosas e, nestas festividades, o Museu sempre esteve aberto à população e, por vezes, organizava alguma exposição temática.

Era comum, em visitas de autoridades políticas do estado de Santa Catarina, como do Interventor Nereu Ramos (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1940) e dos governadores Irineu Bornhausen (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1953) e Antônio Carlos Konder Reis (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1978), que a recepção de suas comitivas acontecesse no Seminário. Nos livros de crônica se relata que nestas visitas o Museu era sempre apresentado e defendido como uma instituição histórica e cultural imponente na cidade.

Foi possível também observar que o Museu desenvolvia ações que tinham relação com a educação. O primeiro ponto é que o Museu estava dentro de uma escola e que, em certa medida, como se pôde constatar nas Atas de Reuniões (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1932 – 1996) e nos Relatórios de Atividades (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1932 – 1996), os alunos do seminário eram direcionados a realizar visitas ao museu, principalmente ligadas à coleção de taxidermia, com uma proposta pedagógica. Nos Livros de Registros de Visitantes (MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER, 1958 – 2017) que existem desde 1958, assim como no acervo fotográfico, comprovam-se desde 1958 visitas de alguns grupos escolares da cidade de Corupá. Dessa forma, o Museu tinha uma condição que permitia a relação com aulas de ciências e funcionava como uma espécie de laboratório para diferentes práticas escolares para os alunos do Seminário.

A mais explícita relação do Museu com a comunidade está na formação do acervo, isto porque, muitos dos objetos eram doados por famílias de Corupá ao Ir. Luiz para incorporá-los ao acervo. Quando se trata da taxidermia, essa relação é ainda mais evidente.

É preciso lembrar que o Museu foi iniciado na década de 1930 e que a coleção de taxidermia foi formada até o início dos anos de 1960. Até a década de 1950 a maioria dos exemplares taxidermizados eram aves que morriam no Viveiro que Ir. Luiz possuía ou animais trazidos pela comunidade de Corupá. A origem desses animais estava diretamente ligada à prática da caça, permitida até, aproximadamente 1967, quando é aprovada a Lei N° 5.197, de 3 de janeiro de 1967, que proíbe a caça de animais silvestres.

O Museu é fruto de um tempo e contexto próprio, a perspectiva de crime que se aplica hoje sobre a caça, na ótica da proteção ambiental, não existia; caçar era uma prática de esporte e lazer. Cabe ressaltar o papel dos Clubes de Caça e Tiro em toda a região¹⁵. O fato é que, alguns dos animais taxidermizados, foram caçados e doados por moradores de Corupá, isso se deve, em especial, à fama que o trabalho de Ir. Luiz alcançou na região, ao invés de dar qualquer outra destinação para o animal, se optava por doá-lo ao Museu.

Essa relação com a caça era algo tão comum, cotidiano e próximo que, por muitos anos, nas próprias etiquetas com informações dos animais que estavam na exposição constavam dados sobre onde o animal foi caçado, e em algumas, até por quem foi caçado, como é possível ver na Figura 24.

Figura 24 – Etiqueta de animal taxidermizado utilizada na exposição do Museu, 1959



Fonte: Arquivo do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

¹⁵ Está sendo realizado pelo Iphan, o levantamento de bens culturais imateriais das comunidades de descendentes de imigrantes e clubes de caça e tiro em Santa Catarina, para posterior registro no Inventário Nacional de Referências Culturais.

No que se refere à Academia, Irmão Luiz teve um papel importante para a técnica de taxidermia. Em entrevista com o professor Pedro Wilson Bertelli, fundador do laboratório de taxidermia da Universidade Regional de Blumenau (Furb), ele afirmou que aprendeu a técnica com Irmão Luiz e que a levou para a faculdade (BERTELLI, 2013).

O MILGG tem um simbolismo muito forte na cidade como instituição que a representa orgulhosamente; essa característica é bastante observada em matérias de jornais locais¹⁶ até a década de 1980. Com grande frequência, se tem uma reportagem sobre o Museu, o Seminário ou sobre o Irmão Luiz. Todos os textos analisados seguem a mesma linha, demonstrando o valor que o museu possuía: os trabalhos dedicados de Irmão Luiz, os acervos de valores históricos, o crescente fluxo de turistas, os elogios feitos à instituição, o sentido de pertencimento da cidade para com o “Museu de Corupá”.

Destacamos parte de uma reportagem de 1945 e outra de 1982, respectivamente, a primeira que tem por título “O Seminário Sagrado Coração de Jesus na vida de Corupá”, apresenta a importância do Seminário para a cidade e destaca a presença de um museu no espaço: “Possui ainda o educandário desta cidade, um bem montado museu localizado em sala especial, onde se pode apreciar os mais raros exemplares da nossa rica fauna, que ali se acham quimicamente conservados [...]” (O Seminário Sagrado Coração de Jesus na vida de Corupá, 1945, p. 6). A segunda reportagem destaca a visita ao Seminário “é lugar de atração por todos que param por Corupá” (50 anos do Seminário Sagrado Coração de Jesus, 1982, p. 16), destaca o Museu e o Viveiro, apresentando ainda, a importância de Ir. Luiz para estes espaços “o Irmão Luiz é na verdade a própria história do Seminário, que poderia narrá-la pessoalmente, pois aqui trabalha e dá o melhor de si desde a sua inauguração”(50 anos do Seminário Sagrado Coração de Jesus, 1982, p. 16).

A partir de 1990, os jornais passaram a noticiar que o Museu seria requalificado, ficando claro que o lugar buscava se afirmar enquanto espaço museológico normativo e, pela primeira vez, buscava auxílio de profissionais do

¹⁶ Entre os principais jornais que publicavam matérias sobre o Seminário e o Museu estão o “Correio do Povo”, o “A Notícia” (ambos de Joinville/SC), o “Nação” de Blumenau/SC e “Informação” de São Bento do Sul/SC .

campo da Museologia, que propuseram uma primeira intervenção: mudanças na expografia. É possível compreender esse entendimento em uma matéria de 2002 sobre as mudanças no Museu “é preciso que tenham profissionais habilitados a trabalhar com a conservação das peças e também com o atendimento ao público” (Museologia motiva encontro em Corupá, 2002, p. 3).

Essa mudança nada mais foi do que a retirada de grande quantidade de objetos da exposição, especialmente aqueles que não eram da coleção zoológica, restando apenas nos expositores os animais taxidermizados. A partir daquele momento, a instituição também passou a estabelecer convênios e parcerias com instituições e pessoas do campo da Museologia. Chegou, por exemplo, a receber um evento do Núcleo de Estudos Museológicos de Santa Catarina (Nemu) no ano de 2002, e das atividades desse evento participaram diversos padres e seminaristas, que, posteriormente, passaram a realizar ações no acervo do MILGG, principalmente vinculadas à higienização e acondicionamento correto dos objetos.

Esse direcionar para o contato com o campo dos museus através de profissionais e de instituições, aconteceu porque se objetivava no ano de 2005 (ano que marcou o centenário de nascimento de Ir. Luiz) reinaugar o MILGG, na proposta, o Museu seria todo reestruturado, desde a documentação de seu acervo até suas exposições. Para concretizar esse projeto é que o diretor do Seminário foi se aproximando de profissionais que poderiam desenvolver estes trabalhos. Nesse contexto de afirmação como museu, um novo público passou a ser selecionado e buscado: o turista. Essa busca por um novo público foi também resultado de um momento pelo qual o próprio Seminário passou a partir da década de 1990. O número de alunos diminuiu muito em virtude do desinteresse pela vida religiosa, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1996 dificultou a continuidade da escola nos moldes em que vinha até então, e os custos para manter o espaço estavam excessivos. Logo, em virtude, sobretudo, do potencial arquitetônico e paisagístico onde se encontra o Seminário, se explorou um plano turístico para ele, e um museu, nesse espaço, pensado a partir de agora como um ponto turístico, encaixou-se perfeitamente aos novos propósitos da instituição, como mencionado no capítulo anterior.

Nos anos 2000, já se almejando uma nova exposição para a instituição como mencionado, optou-se por deixar em exposição somente os animais taxidermizados,

todas as demais coleções foram colocadas em reserva técnica. Naquela exposição existiam objetos simbólicos para a população de Corupá, como, um trem elétrico instalado em um diorama que representava o relevo da cidade e o próprio esqueleto, o Museu, sem aqueles objetos que despertavam o interesse da população, passou a se relacionar menos com a comunidade que fez parte de seu desenvolvimento. É nítido que, aos poucos, o Museu foi se moldando ao público de turistas, e cada vez mais se afastando do público local.

Desde 2013, considerando as transformações que aconteceram no Museu com o projeto de requalificação e com a formação de um quadro específico de funcionários para o Museu, a educação foi, e está sendo, o centro das ações voltadas para uma ação social no MILGG, a instituição, a partir da visão de seu diretor e sua equipe de trabalho, reconhece que, muito precisa ser feito ainda, mas, considerou a inserção e realização de atividades com público escolar da Cidade como uma estratégia para, aos poucos, ir integrando os demais membros de sua comunidade às atividades e ações do Museu.

Desde 2014, a monitoria passou a ser reformulada nas duas exposições do Museu, mas, a inquietação da equipe do Museu, em relação à exposição de taxidermia era mais pulsante, pois, se via ali a possibilidade de trabalhar a exposição numa perspectiva de educação ambiental, utilizando um espaço que estava abandonado e que tem uma ligação intrínseca com o Museu, bem como um potencial de área a ser explorado, ou seja, o espaço que abrigava o antigo Viveiro do Irmão Luiz.

Foi realizada a reforma do “Viveiro Paraíso das Aves”, onde uma gaiola foi transformada em uma sala de aula aberta, e nos espaço do entorno foi aberta uma pequena trilha (Figura 25) onde são desenvolvidas atividades interpretativas que são relacionadas à exposição de taxidermia. O objetivo principal é possibilitar aos visitantes entender a técnica da taxidermia como uma forma de preservação, conhecimento e estudo da fauna relacionada a um contexto específico, possibilitando a reflexão sobre a importância da preservação ambiental. Através das atividades promovidas nesse espaço, é possível experienciar o contato com a natureza viva, por meio da observação de animais, principalmente aves, insetos encontrados ao longo da trilha bem como das espécies da flora. Essa experiência visa levar o visitante a sair do Museu com a percepção de que a natureza, em sua

forma plena, é mais prazerosa de contemplação do que apenas uma exposição, é uma forma de despertar a atenção para a preservação, não criticando a exposição de taxidermia, mas problematizando-a. É importante ressaltar que todas essas atividades são planejadas e coordenadas pela Bióloga do Museu, Bruna Elisa Winter.

Figura 25 – Atividades no Paraíso do Irmão Luiz, 2017



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Esse espaço incorporado ao Museu recebeu o nome de “Paraíso do Irmão Luiz” e, como o espaço ainda possui todos os vestígios de suas funções originais, como as gaiolas, grades e recintos, ao lado de um grande espaço de mata, foi possível a abertura de uma trilha que é utilizada durante as visitas de grupos, em sua maioria, escolares, para atividades que contextualizam a exposição do Museu.

Na Figura 25 é possível ver alunos realizando trilhas interpretativas; para cada visita é planejada uma atividade específica de acordo com o perfil do grupo e os objetivos da visita. Em geral, são trabalhados os habitats dos animais que são apresentados no Museu, ou ainda relações entre as espécies da natureza, sempre temáticas vinculadas à educação ambiental.

A equipe do Museu, preocupada em realizar e divulgar as atividades educativas que vinha desenvolvendo, não atentou para fazer o registro específico de todas as atividades e quais os grupos que participaram da nova proposta de ação educativa. A compilação desses dados foi feita apenas em 2017, quando houve um

destaque na busca por atividades e mediações diferenciadas durante as visitas ao Museu.

Atualmente, o Museu oferece dois tipos de visitação, uma visita “simples”, com monitoria dos espaços expositivos, seguindo apenas a narrativa que é proposta em cada exposição, ou uma visita planejada especialmente para o grupo, atentando aos seus objetivos para a realização da visita, ou seja, são realizadas para além das visitas às exposições, atividades educativas e culturais, que podem ser referentes a um espaço ou temática específica, ou aquela que relaciona o Museu a todo o contexto em que está inserido.

Em relação à exposição de taxidermia, por exemplo, o Museu teve visitas de grupos que estavam interessados, especificamente, em uma determinada espécie, podemos citar um grupo de Ensino Fundamental I que veio ao Museu para aprender e ver insetos. Para este grupo foi planejada uma visita e realizada uma mediação centrada nos insetos, foram apresentadas ao grupo caixas entomológicas que se encontravam em reserva técnica, nos jardins do Seminário e no Paraíso do Irmão Luiz os visitantes foram direcionados a refletir sobre o habitat desses animais, suas interações com outras espécies e sua importância no equilíbrio do ecossistema. Como com os insetos, também já foram trabalhados outros grupos, famílias ou espécies que compõem a coleção de zoologia do Museu, mas, por mais que o interesse esteja direcionado a uma espécie, sempre se tem o cuidado de evidenciar que na natureza uma espécie é dependente da outra.

No campo do patrimônio cultural, alguns grupos já visitaram o Museu para a discussão de arquitetura, arte, práticas religiosas, história da educação, assim como também foram atendidas escolas de Corupá que vieram até o espaço buscando mais informações sobre a história da cidade. É importante ressaltar que essas relações não estão explícitas nas exposições, por isso, é necessária uma mediação, visto que a expografia direciona uma única perspectiva.

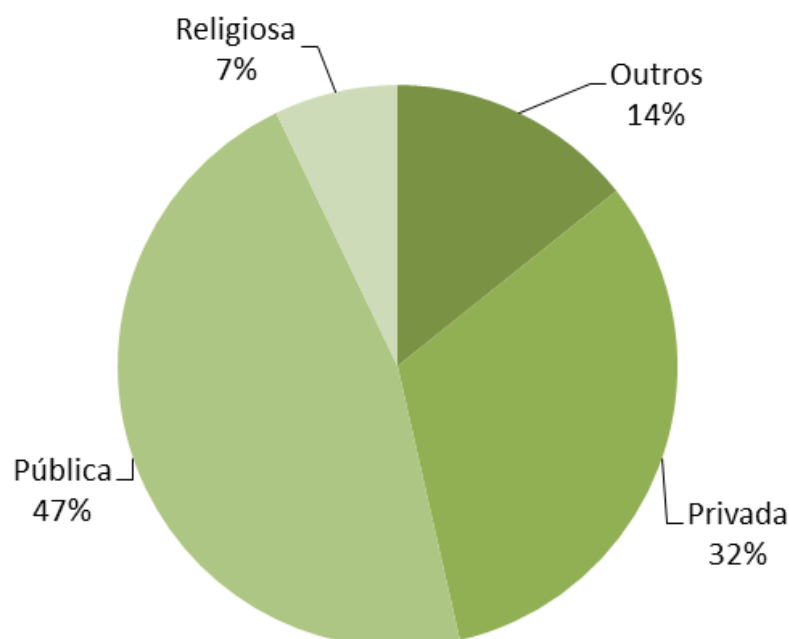
O MILGG também tem procurado dar uma rotatividade às coleções que se encontram em reserva técnica. Para algumas visitas foram utilizados apenas os objetos de reserva técnica, não se teve a visita às exposições, por exemplo, foram recebidos grupos escolares para conhecer sobre minerais e sobre arqueologia, coleções que o Museu possui e que já estiveram em exposição em outras ocasiões. Porque não dar vida, sentido e uso para objetos que há 17 anos estavam restritos às

quatro paredes da reserva técnica, sendo que, podem ser um potencializador de aprendizado principalmente se tratando de grupos escolares?

Por mais que sejam trabalhadas temáticas e atividades específicas, o Museu nunca é tratado como um espaço dividido, ou que não haja qualquer conexão em suas exposições, ao contrário, a equipe busca evidenciar o Museu como um todo e, ainda, se relacionar ao máximo com o complexo Seminário em que está inserido. Desta forma, os grupos, além do Museu, visitam a Igreja, os jardins, as áreas verdes e de lazer e a Fábrica de Velas¹⁷, se procura tratar o Museu como um espaço que possibilita, em um único lugar, uma gama de vivências e aprendizado.

Ao longo de 2017, o número total de visitantes especificamente para a realização dessas atividades foi de 1279 pessoas, entre, principalmente grupos de escolares e alguns de terceira idade. A maioria dos escolares veio de instituições públicas (Gráfico 2), de diferentes cidades, como é possível observar no Gráfico 3.

Gráfico 2 – Categoria das instituições que visitaram o Museu em atividades planejadas, 2017

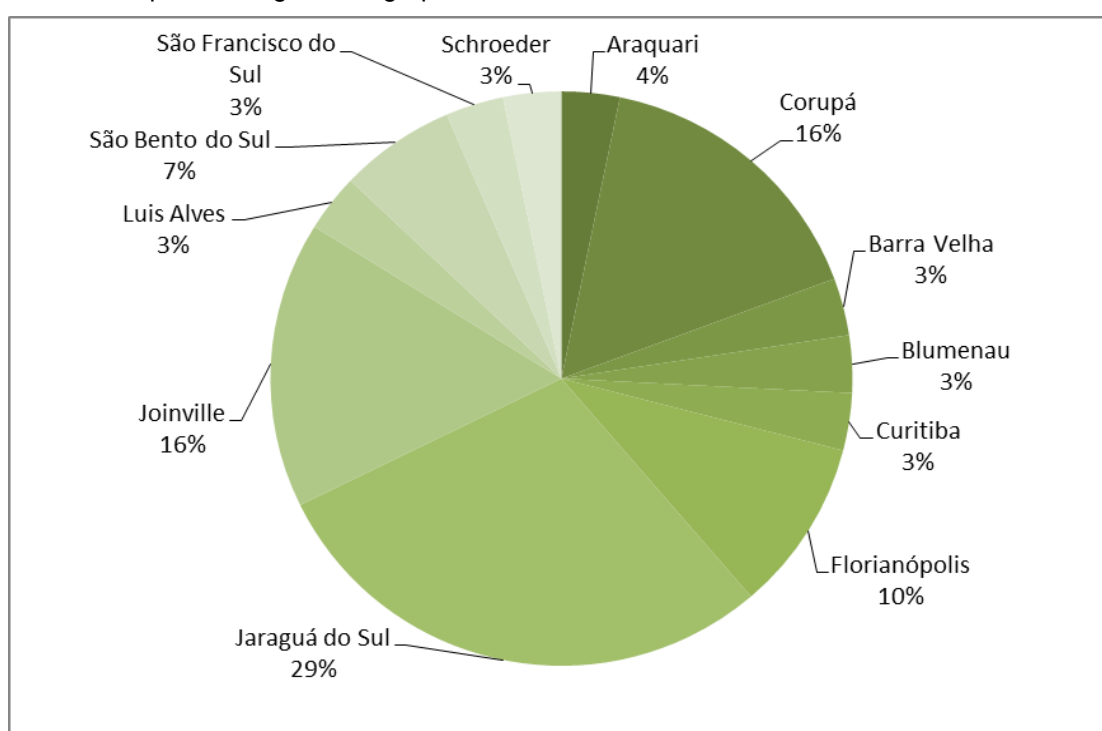


Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

¹⁷ Desde 2010 o Seminário instalou em seu espaço uma Fábrica de Velas, essa fábrica está também vinculada aos novos projetos para uso do Seminário. A Fábrica produz velas religiosas, comerciais e decorativas e é visitada também por grupos, para conhecer o processo de fabricação ou para adquirir os produtos.

Apesar de o Museu ter recebido mais de mil pessoas em atividades diferenciadas, apenas 16% se referem a grupos de Corupá, outros 84% se referem a cidades da região Norte de Santa Catarina (Gráfico 3). Essa informação será de importância para entender o dado, que será discutido no capítulo 3, de que o Museu não é entendido como um espaço de ensino pela população de Corupá. Isto porque, uma parcela mínima da população em idade escolar está sendo atingida por essas ações, fazendo com que a grande maioria desconheça essa face do Museu.

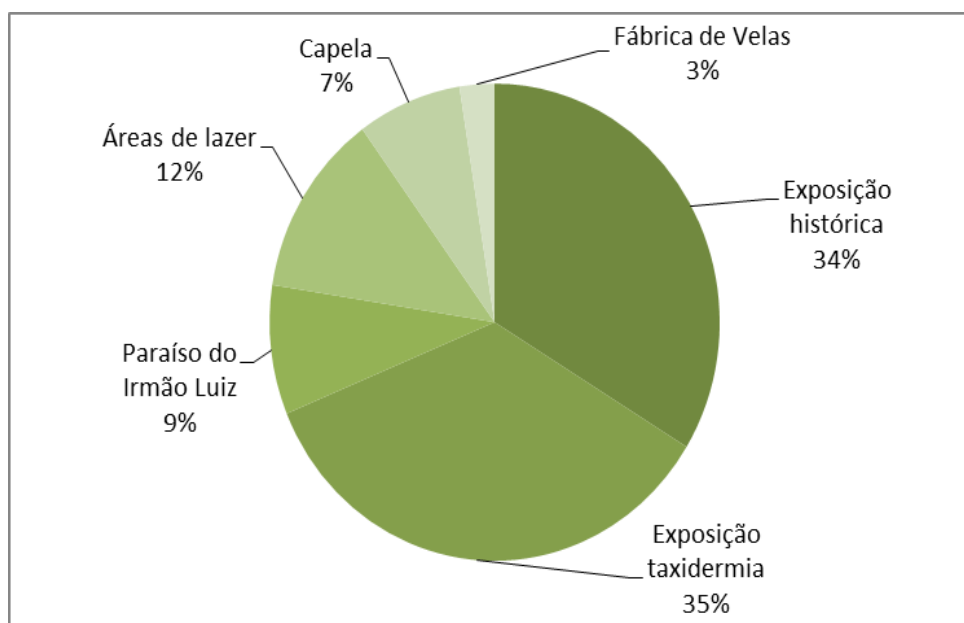
Gráfico 3– Municípios de origem dos grupos, 2017



Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Como mencionado, nestas propostas de ações educativas e culturais as visitas não se limitaram apenas ao Museu e suas exposições, mas, foi potencializado o uso de demais espaços do Seminário. No Gráfico 4, é possível observar que, para além das exposições, outros espaços com maior uso foram as áreas de lazer. Essas áreas compreendem campos de futebol, quadra esportiva, parque infantil e áreas de jardim, isso porque, em algumas visitas escolares eram planejadas atividades no Museu em um período e no outro os alunos usufruíam do espaço para a realização de momentos de lazer.

Gráfico 4 – Uso dos espaços do Seminário por grupos em atividades planejadas, 2017

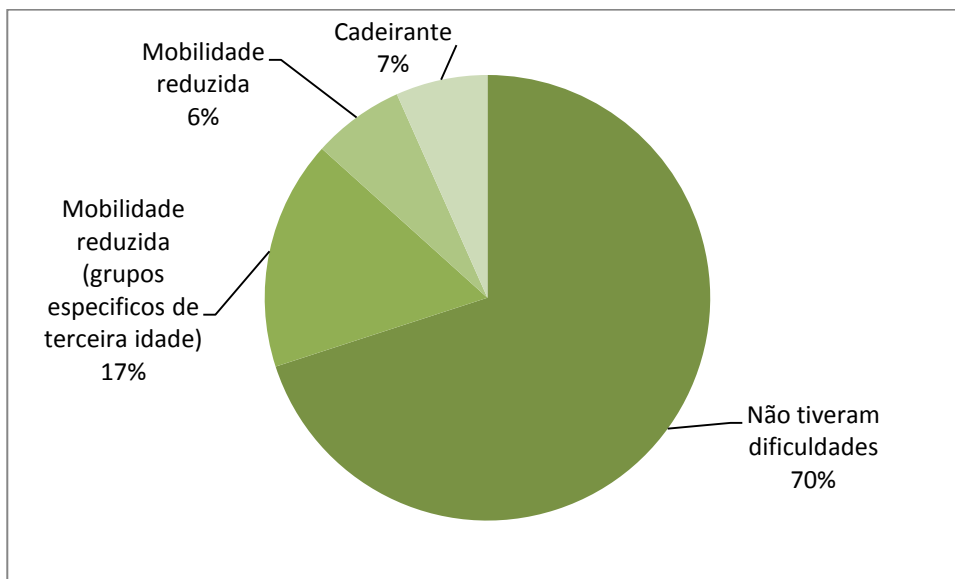


Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Os debates sobre acessibilidade e inclusão aos bens culturais estão cada vez mais presentes na realidade de espaços como museus, o MILGG, tenta atender a todas as demandas específicas dos visitantes, por isso, sempre que há agendamento de um grupo é preenchida uma ficha onde é informado se há alguma pessoa que necessita de um atendimento especial, para a partir dessa informação buscar a melhor forma de atender a esta necessidade.

Com base nos grupos atendidos em 2017, considerando o preenchimento das fichas de visitação, a maior dificuldade imposta é a acessibilidade arquitetônica, pois, o acesso para o segundo piso é apenas por escadas, o que impossibilitou o acesso de algumas pessoas à exposição de taxidermia. Garantir o acesso e a inclusão de todos os públicos ainda é um desafio que permeia a concretização também de uma função social não excludente ou reduzida. No Gráfico 5 é possível observar que 70% dos visitantes não possuía a necessidade de um atendimento especial, mas que 30% teve alguma dificuldade, ou por ser cadeirante, usar muleta, andador, ou por alguma dificuldade que não permite subir escadas, os grupos de terceira idade são os que têm mais dificuldade com o acesso ao Museu. Em relação a outras dificuldades ou necessidades especiais de atendimento decorrentes de alguma deficiência ou limitação, o Museu não teve ainda, qualquer situação.

Gráfico 5– Limitações encontradas para a visitação dos espaços do Museu, 2017



Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Para a visitação no Museu é cobrado um ingresso no valor de R\$ 7,00, com direito a meia entrada para crianças, estudantes e idosos, mas, para os grupos escolares é cobrado um valor menor que a meia entrada, e para os grupos de Corupá este valor é mais reduzido ainda, visando valorizar a participação destes no Museu.

Vale destacar que o Museu tentou, desde 2013, desenvolver atividades que permitissem uma relação maior com a comunidade de Corupá. Para além do público escolar, sempre na Semana Nacional de Museus, em maio, e na Primavera dos Museus, em setembro, a instituição busca desenvolver alguma atividade para interação com a cidade, já foram realizadas exposições, apresentações, palestras, concurso fotográfico, entre outros, mas, de modo geral a participação da população é ainda pequena. Ao longo de 2016 e 2017 o Museu implantou alguns dias, geralmente feriados ou domingos, em que a entrada para moradores da cidade era gratuita, nestes casos, houve um fluxo maior de visitantes.

Assim, considerando o que foi demonstrado, o Museu atua como espaço de educação, mas esse caráter educador limita-se a públicos escolares. Há a necessidade de se ampliar a ação educativa, diversificar o público a ser atendido. Logo, a função social, num sentido mais amplo, é ainda algo a ser colocado efetivamente em prática.

3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER

Reconhecer e considerar as representações da comunidade sobre o Museu poderá ser uma ferramenta decisiva no alcance de sua função social.

Para discutirmos representações sociais, a principal obra utilizada é a de Serge Moscovici (2009), criador da Teoria das Representações Sociais. O autor teoriza as representações sociais afirmando que elas são geradas nas interações sociais e ligadas ao contexto em que estão inseridas. A teoria das representações sociais foi desenvolvida por Moscovici no campo da psicologia social, mas, nos últimos anos, como aponta Alba (2011), a teoria passou a ser utilizada para análises em diferentes áreas, em especial, nas ciências sociais.

Considerando a dimensão da teoria das representações sociais, já está evidente sua relação com a Museologia. Rechená (2011) ao estudar as representações sociais sobre as mulheres nas exposições de museus de Portugal buscou explicitar a ligação entre tal teoria e o campo museal defendendo que o museu é um lugar de representações. A autora faz a ligação defendendo que a exposição é sempre uma representação:

A forma como o património é apresentado nos museus, mesmo nas exposições que se pretendem mais realistas e de reconstituição de ambientes ou de factos, aquilo que é apresentado não é o real mas uma interpretação do real, uma leitura da realidade. Esse facto acentua-se ainda mais quando se trata de realidades temporal e geograficamente distantes, como é o caso das sociedades pré-históricas, só para darmos o exemplo mais óbvio (RECHENA, 2011, p. 228).

Se entendermos que toda exposição é feita por um grupo de pessoas e que essas pessoas possuem uma representação do real que desejam passar, e que, por outro lado, aqueles que usufruem dessa exposição também constroem representações sobre aquilo que lhes é apresentado, temos claro que as exposições museais são e constroem representações sociais.

3.1 A Teoria das Representações sociais e os museus

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi criada pelo psicólogo Serge Moscovici na Europa, na década de 1960, originada com a publicação de seu estudo *La Psychanalyse: son image et son public* (1961). Pode-se dizer que a TRS criada por Moscovici é uma continuidade mais moderna do estudo das representações coletivas de Durkheim (FARR, 2012).

A Psicologia Social, onde a TRS está enraizada, é uma disciplina mista, interligada no cruzamento entre as ciências psicológicas e as ciências sociais, mas, a TRS tem um laço mais profundo com as ciências sociais, uma vez que Moscovici procurou trazer a dimensão do social para os fenômenos psicológicos, pois acreditava que “as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes dos tipos de lei que explicavam os fenômenos em nível de indivíduo” (FARR, 2012, p. 30). Para produzir sua teoria Moscovici se baseou no que, no período, se sabia sobre pensamento social, semiótica e comunicação. Assim, podemos dizer que “a TRS é uma forma sociológica de psicologia social” (FARR, 2012, p. 29).

Considerando as próprias declarações de Moscovici, se tem claro de que ele se apoiou no estudo das representações coletivas de Durkheim, mas, foi mais além, pois, acreditava que a análise de Durkheim se aplicava apenas a modelos de sociedades tradicionais:

Moscovici tinha consciência que o modelo de sociedade de Durkheim era estático e tradicional, pensado para tempos em que a mudança se processava lentamente. As sociedades modernas, porém, são dinâmicas e fluídas. Por isso o conceito de “coletivo” apropriava-se aquele tipo de sociedade, de dimensões mais cristalizadas e estruturadas. Moscovici preferiu preservar o conceito de representação e substituir o conceito de “coletivo”, de conotação mais cultural, estática e positivista, com o de “social”: daí o conceito de Representações Sociais (GUARESCHI, 2012, p. 157).

Moscovici também vai além dos estudos de Durkheim porque estava interessado em entender como são criadas as representações sociais, as “representações estão presentes tanto ‘no mundo’ como ‘na mente’ e devem ser pesquisadas em ambos os contextos” (FARR, 2012, p.40).

A TRS é uma teoria que se constrói em dilemas, sendo um deles a relação indivíduo sociedade e a construção dessa relação (JOVCHELOVITCH, 2012). Antes

da TRS, em geral, os fenômenos psicológicos eram considerados fenômenos individuais, não se relacionavam com a vida social e cultural. Moscovici (2009) afirma que as representações sociais são construídas histórica e socialmente. “A diferença entre o conceito de representação coletiva, representação e o de representação social está na sua gênese e não na sua natureza. O individual e o coletivo são níveis de análise que se complementam” (FERRARI; GUEDES, 2012, p. 6).

Longe de refletir, seja o comportamento ou a estrutura social, uma representação muitas vezes condiciona ou até mesmo responde a elas. Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social *sui generis*. Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais *fossilizada* ela se torna. Na minha opinião, a tarefa principal da psicologia social é estudar tais representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto. Nenhuma outra disciplina dedica-se a essa tarefa e nenhuma está melhor equipada para isso (MOSCOVICI, 2009, p. 42).

Uma definição proposta por Moscovici sobre o que seriam as representações sociais é essencial para entender aquilo que o autor propôs:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2009, p. 21).

O contexto é essencial para o entendimento das representações sociais, pois, é onde elas são criadas, onde são influenciadas e onde influenciam; só conhecendo e estudando a origem é possível entender onde e porque as representações são construídas.

As RS são representações de alguma coisa sustentadas por alguém. É essencial identificar o grupo que as veicula, situar seu conteúdo simbólico no espaço e no tempo, e relacioná-lo funcionalmente a um contexto intergrupar específico. Uma representação particular pode, contudo, mudar de grupo hospedeiro e vagar por entre grupos sociais, assumindo vida própria (BAUER, 2012, p. 188).

Mas o fato de existirem opiniões ou informações sobre um objeto não significa que existam representações sobre ele, “não faz sentido tentar estudar a representação de algum objeto por um dado conjunto social se esse fenômeno não

existe” (SÁ, 1998, p. 46), é preciso reconhecer as condições que afetam a emergência de representações sociais.

O conceito de representações sociais é um conceito dinâmico, seu uso está em expansão nos mais diversos campos, sendo especialmente utilizado em pesquisas interdisciplinares. Segundo Pedrinho Guareschi (2012), o conceito de representações sociais apresentado por Denise Jodelet é um dos mais próximos de um consenso, dentro dos que discutem a TRS, a definição é que as representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (GUARESCHI, 2012, p. 162).

A TRS, considerando as proposições originárias de Moscovici, pode ser desdobrada em três correntes metodológicas:

[...] uma mais fiel à teoria original, liderada por Denise Jodelet, em Paris; uma que procura articulá-la com uma perspectiva mais sociológica, liderada por Willem Doise, em Genebra; uma que enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações, liderada por Jean-Claude Abric, em Aix-en-Provence (SÁ, 1998, p. 65).

Sobre a produção no campo das representações sociais Sá (1998) propõe a apresentação de algumas temáticas mais recorrentes nas pesquisas que estudam fenômenos de representações sociais, são elencadas por ele as seguintes áreas temáticas: relação entre a ciência e o pensamento erudito, a saúde e a doença, o desenvolvimento humano, a educação, o mundo do trabalho, nas comunidades e afins, a exclusão social. Para além destas áreas temáticas comumente pesquisadas em estudos de representações sociais pode se destacar os trabalhos desenvolvidos buscando a relação entre representações sociais e ideologia, identidade social, memória social, práticas socioculturais e comunicação de massas (SÁ, 1998).

Considerando a diversidade e abrangência da TRS, já se encontram também trabalhos que relacionam as representações sociais com o patrimônio cultural e com os museus. Em geral, quando se trata de pesquisas direcionadas a museus se concebe a noção de museu como espaço público onde se constroem e se disseminam representações, poucos trabalhos se direcionam a conhecer quais são as representações de determinado grupo sobre um museu.

A relação entre museus e representações sociais perpassa o entendimento que se tem pela Museologia da definição de museu como espaço de práticas socioculturais:

Ao trabalhar com uma definição de Museologia que a compreende como o estudo da relação entre o sujeito/comunidade com os bens culturais/patrimônio, que ocorre num espaço/cenário, trabalha-se com o conceito de Museus entendidos como espaços de relação do indivíduo e da sociedade com o patrimônio e onde são comunicadas informações e dadas utilizações colectivas a esse patrimônio (RECHENA, 2011, p. 226).

Aceitando que as representações sociais estão presente sem todas as interações humanas (MOSCOVICI,2009), que são essenciais à comunicação e que constituem uma forma de construção social do conhecimento e da realidade, sendo elas próprias um produto social e cultural, tem que se considerar que as representações estão presentes no museu, mas que o museu também pode ser objeto de representações sociais, como é proposto na pesquisa desenvolvida no MILGG.

Moscovici afirma que "todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõe representações" (2009, p. 40), as representações sociais têm uma natureza convencional e uma natureza prescritiva, convencionalizam objetos, pessoas ou acontecimentos, e prescritivas "porque se impõe sobre nós como uma força irresistível" (MOSCOVICI, 2009, p.36) e essa força é o resultado de uma estrutura ou uma tradição que já nos condiciona o que pensar antes mesmo de termos consciência do ato de pensar.

Considerando a construção das RS, fator diferenciador na proposta feita por Moscovici, é preciso se considerar sempre o tempo e o contexto, como já frisado, as representações são construídas histórica e socialmente, "elas são impostas sobre nós, transmitidas e são produtos de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações" (MOSCOVICI, 2009, p. 37). Por esse motivo se fez necessário nos capítulos anteriores apresentar e discutir a historicidade da Cidade, do Seminário e do Museu, pois, só por meio da análise desses contextos é que se torna possível identificar, nos formulários e demais fontes, quais são os fatores determinantes na construção das representações sociais sobre o MILGG.

Ao entender o que são e como e onde se constroem, podemos questionar porque criamos representações? Para Moscovici "a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade" (2009, p. 54). E a "dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização" (MOSCOVICI, 2009, p. 55).

O não-familiar é composto por uma "exatidão relativa", algo próximo, parecido, possível de comparar, mas que, ainda assim, não é o mesmo. E esse não saber ao certo o que é algo, inquieta, e se busca algo com o que comparar. Para diminuir o impacto desse não-familiar temos o ato de re-apresentação, onde se busca encaixar o incomum em um contexto ou categoria que já é conhecida (MOSCOVICI, 2009). "A tensão básica entre o familiar e o não-familiar está sempre estabelecida, em nossos universos consensuais, em favor do primeiro" (MOSCOVICI, 2009, p. 58). É isso que as representações fazem, elas tornam o incomum em algo real, concreto e comum.

Tornar o não-familiar em familiar só é possível graças a dois processos: a ancoragem e a objetivação, que são os dois processos que geram representações sociais e é fundamental entender como funcionam.

A ideia de ancoragem, como o próprio Moscovici compara, está relacionada à função que uma âncora possui em um barco, só que esse ancorar seria feito em nosso espaço social. É como "ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar" (MOSCOVICI, 2009, p. 60). Por mais que você, por exemplo, nunca tenha ouvido falar sobre determinada ideia, você vai buscar algum referencial, algo próximo que permita retirar a sensação de completa estranheza à ideia em questão. A ancoragem é:

[...] um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. [...] Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa (MOSCOVICI, 2009, p. 60).

É o mecanismo de ancoragem que diretamente vai se relacionar com a memória, por isso, as memórias também influenciam no processo de construção de representações. A relação com a memória está implícita quando se determina que a ancoragem é um processo de categorização. Isto porque, "categorizar alguém ou

alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele" (MOSCOVICI, 2009, p. 63).

O segundo mecanismo é a objetivação, que é "transformar algo abstrato em algo quase concreto, é transferir algo que está na mente para o mundo físico" (MOSCOVICI, 2009, p. 61). A objetivação faz a ligação da não-familiaridade com a realidade, fazendo com que algo ou alguém que apenas se encontra no pensamento seja transferido para a realidade, "objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem" (MOSCOVICI, 2009, p. 71).

Alba (2011) relaciona as representações com a memória coletiva, através de seus mecanismos de ancoragem e objetivação, define que "as representações sociais são um insumo indispensável para a memória coletiva" (p. 416), mas também, define que o conhecimento em que a representação social se ancora e objetiva é a memória social.

A ancoragem e a objetivação são formas de se lidar com a memória, podemos considerar que são nas memórias, constituídas através de vivências e experiências que buscamos imagens, linguagens que nos permitem tornar o não-familiar em familiar, buscamos na memória coisas conhecidas para ancorar e objetivar aquilo que nos é novo. Dessa forma, a memória, nas suas dimensões individuais e coletivas não pode ser ignorada quando tratamos de representações sociais (MOSCOVICI, 2009).

Considerando que as representações sociais são dinâmicas, podem ser alteradas, modificadas, Moscovici (2009), nos alerta para a percepção de que o processo de ancorar algo estranho, buscando torná-lo familiar já é uma forma de modificar uma ideia, ao tornarmos algo familiar já o estamos modificando, buscando enquadrá-lo em categorias, formas, e esquemas já convencionados por um grupo.

Outro ponto essencial quando se investiga representações sociais é o entendimento da linguagem e da comunicação nesse processo, uma vez que "as representações sociais se baseiam no dito" (MOSCOVICI, 2009, p. 79). Mas para além da comunicação como influenciadora das representações sociais, podemos pontuar que quando se constroem representações, buscando a familiaridade ao estranho, um dos objetivos implícitos nesse processo é a intenção de diminuir a não comunicação dentro de um grupo. Isto porque, é através da comunicação, das

conversações em um grupo, que se determinam valores, modelos, normas, convenções compartilhadas (MOSCOVICI, 2009). Vinculada à importância da comunicação está a linguagem, pois, sem linguagem não há representações sociais, isto porque, as palavras são traduções das ideias.

O estudo de representações sociais leva em consideração a análise de estruturas cognitivas, que trouxeram a ideia do núcleo central das representações "ideia na qual cada representação social é composta de elementos cognitivos, ou esquemas estáveis, ao redor dos quais estão ordenados outros elementos cognitivos, ou esquemas periféricos" (MOSCOVICI, 2009, p. 219). Encontrar o núcleo central das representações sociais é identificar ideias ou imagens máximas que são vitais para a construção e permanência das representações. O núcleo central, ou também as ideias centrais podem ser consideradas as ideias fontes, estruturadas sob a forma de imagem conceito e também diretamente vinculadas à memória coletiva.

Além do núcleo central, a pesquisa em representações sociais também faz uso do conceito de themata, esse conceito foi proposto buscando "dar forma concreta ao laço entre cognição e comunicação, entre operações mentais e linguísticas" (Moscovici, 2009, p. 220).

Sintetizando, poderíamos dizer que:

[...] as representações sociais se apresentam como uma "rede" de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluídas que teorias. Parece que não conseguimos nos desfazer da impressão de que temos uma 'enciclopédia' de tais ideias, metáforas e imagens que são interligadas entre si de acordo com a necessidade dos núcleos, das crenças centrais (MOSCOVICI, 2009, p. 210).

Dessa forma, podemos dizer que o que buscamos é identificar e analisar as representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG, buscando identificar o núcleo central dessas representações, considerando seus contextos de construção e difusão.

Além de identificar as representações sociais sobre o MILGG, é possível, a partir da TRS, propor ações que relacionem o conhecimento das representações sociais com ações e propostas que ajudem o MILGG desempenhar uma função social efetiva junto à sociedade.

3.2 Pesquisando as representações sociais da população de Corupá

A construção de um objeto de pesquisa em representações sociais propõe o estudo de um fenômeno de representação social, “lembramos a proposição teórica de que uma representação social é sempre de alguém (o sujeito) e de alguma coisa (o objeto)” (SÁ, 1998, p. 24). Para esta pesquisa delimitamos como sujeito a população de Corupá e como objeto o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, considerando o estudo do fenômeno por sua relevância social e acadêmica.

Existem diferentes metodologias empregadas para a pesquisa em representações sociais, em geral, não se faz uso de apenas uma perspectiva de análise, as metodologias utilizadas são moldadas, também, pelo objetivo da pesquisa, o grupo e o contexto estudado.

[...] os estudos que buscam entender as representações na perspectiva de grupos, buscando aí tanto a diversidade quanto o que há de comum e compartilhado, têm utilizado formas de coleta de dados mais estruturadas, especialmente os questionários (autoaplicados ou utilizados como roteiro de entrevistas) com perguntas abertas. A estrutura da representação social é, neste caso, fruto da somatória da análise de associação de idéias de várias perguntas (SPINK, 2012, p. 112).

Para identificar as representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG, optou-se pelo levantamento de dados através de formulário estruturado, utilizado para conhecer e mensurar opiniões, representações, atitudes e relações de um grupo de pessoas, representativo da população de Corupá, com relação ao Museu em questão. Dentro disto, a elaboração e aplicação de formulários foi um instrumento importante para responder ao problema de pesquisa apresentado juntamente com o contexto histórico do Seminário e do Museu obtido por meio de outros tipos de documentação e demonstrado nos capítulos anteriores.

A população de Corupá é de, aproximadamente, 15.337 habitantes (IBGE, 2016), mas foram aplicados os formulários somente com os indivíduos maiores de dezoito anos, divididos em dois grupos principais – de 18 a 30 anos, de 31 a 60 anos –, que correspondem a aproximadamente 8.050 habitantes. Considerando este percentual da população, através de determinações estatísticas de amostragem, se estabeleceu a quantidade de 200 formulários, mas no decorrer da pesquisa,

verificou-se um ponto de saturação¹⁸ em 130 formulários, o que se considera uma amostra significativa. O formulário (Apêndice A) utilizado foi estruturado em três séries de perguntas. A primeira se referia ao perfil dos entrevistados (questões 1 a 9), a segunda parte se referia sobre questões ligadas a patrimônio cultural e museus (questões 10 a 17) e a última parte, questões diretamente ligadas ao MILGG (questões 18 a 33). A elaboração do formulário é uma parte bastante complexa da pesquisa, pois demanda a leitura e análise anterior de obras que dêem sustentação teórica e metodológica à pesquisa.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univille, foi realizado um pré-teste de aplicação dos formulários, para aprimorar o instrumento de pesquisa, com aproximadamente 10 pessoas que não fizeram parte da amostra, antes do início da pesquisa de campo, facilitando o desenvolvimento de uma metodologia adequada de abordagem e aplicação.

Para a aplicação dos formulários foram escolhidos pontos de concentração da população, como praças, ruas principais e supermercados, nos diversos bairros da cidade, buscando maior diversidade na amostra. As pessoas foram abordadas e convidadas a participar da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) foi lido, e o participante escolheu participar ou não da pesquisa, aceitando, assinou o termo e ficou com uma via do mesmo. Após os devidos esclarecimentos, foram realizadas as perguntas do formulário, que demorou em média 20 minutos para ser aplicado.

As perguntas eram lidas pela pesquisadora aos entrevistados e as respostas anotadas como foram ditas pelo entrevistado, utilizando suas próprias palavras, sendo posteriormente, encaixadas, pela pesquisadora, conforme os níveis pré-definidos na confecção do formulário e a partir da revisão bibliográfica. Após a coleta, os dados foram tabulados no programa Excel, onde foram tratados e distribuídos em tabelas para proceder à análise.

¹⁸ “Saturação é um termo criado por Glaser e Strauss (1967) para se referirem a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado” (MINAYO, 2017, p. 6). No caso desta pesquisa, após abranger a maior variedade possível do grupo de amostragem, sem obter informações diferenciadas sobre o objeto de pesquisa, decidiu-se finalizar a aplicação dos formulários, constando com um total de 130 formulários aplicados, em relação à proposição inicial de 200 formulários.

O processo de análise e interpretação das fontes obtidas foi sempre comparado com bases de referência. Foi empregada a estratégia de comparação contextualizada dos dados sempre considerando a revisão de literatura, o problema e os objetivos do projeto de pesquisa definidos, bem como as demais fontes pesquisadas.

3.3 O Perfil dos Entrevistados

A primeira etapa da análise foi a identificação do perfil dos entrevistados. O reconhecimento deste perfil é essencial para a análise dos fatores sociais que influenciam a origem das representações. Os entrevistados foram divididos por idade, gênero, escolaridade, religião, ocupação, renda familiar e naturalidade (Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

Gênero:	Escolaridade:	Ocupação:
Mulheres: 40%	Nenhuma: 1%	Estudante: 21%
Homens: 60%	1º Grau incompleto: 19%	Empresário: 7%
	1º Grau Completo: 7%	Aposentado: 10%
	2º Grau Incompleto: 32%	Dona de casa: 5%
	2º Grau Completo: 26%	Desempregado: 5%
	Ensino Superior incompleto: 4%	Funcionário Público: 5%
	Superior completo: 7%	Autônomo: 10%
	Pós-graduação: 4%	Outros: 37%
Idade:		
18 a 24 anos: 30%		
25 a 34 anos: 25%		
35 a 44 anos: 9%		
45 a 54 anos: 14%		
Acima de 55: 22%		

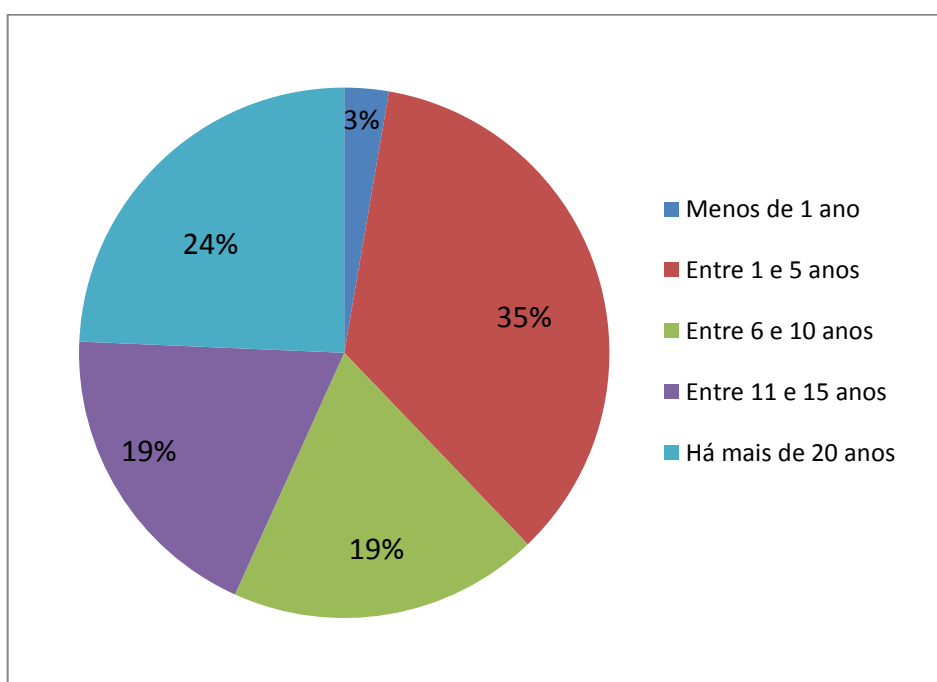
Fonte: Da autora, 2017

A renda familiar também foi considerada para a construção do perfil dos entrevistados, uma vez que, esse fator pode ser decisivo em se tratando do acesso ou não aos bens culturais, entre eles museus. Os entrevistados foram classificados de acordo com a média mensal familiar de renda, onde 21% declarou ter renda familiar mensal de 1 salário mínimo, 38% de 2 salários mínimos, 15% de 3 salários mínimos e 26% mais de 3 salários mínimos.

Considerando que o Museu está dentro de um espaço religioso, onde se pratica a religião católica e também possui toda uma história desde a sua fundação associada a este aspecto, havia no formulário uma pergunta sobre a religião do entrevistado, pois se levantou uma hipótese inicial de que a religião poderia ser um fator determinante para a representação que se tinha sobre o Museu, mas tal hipótese não foi confirmada. Constatou-se que o Museu, apesar de estar vinculado à religião católica, é um espaço visitado por membros de várias religiões. Em relação à religião, considerando todos os entrevistados, 62% são católicos, 8% luteranos, 20% evangélicos e 10% outras religiões.

A naturalidade e tempo de residência também foram levados em consideração, 49% são naturais de Corupá e os 51% restantes não. Entre os migrantes, 54% estão na cidade entre 1 e 10 anos, como é possível observar no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Tempo de residência em Corupá após migração

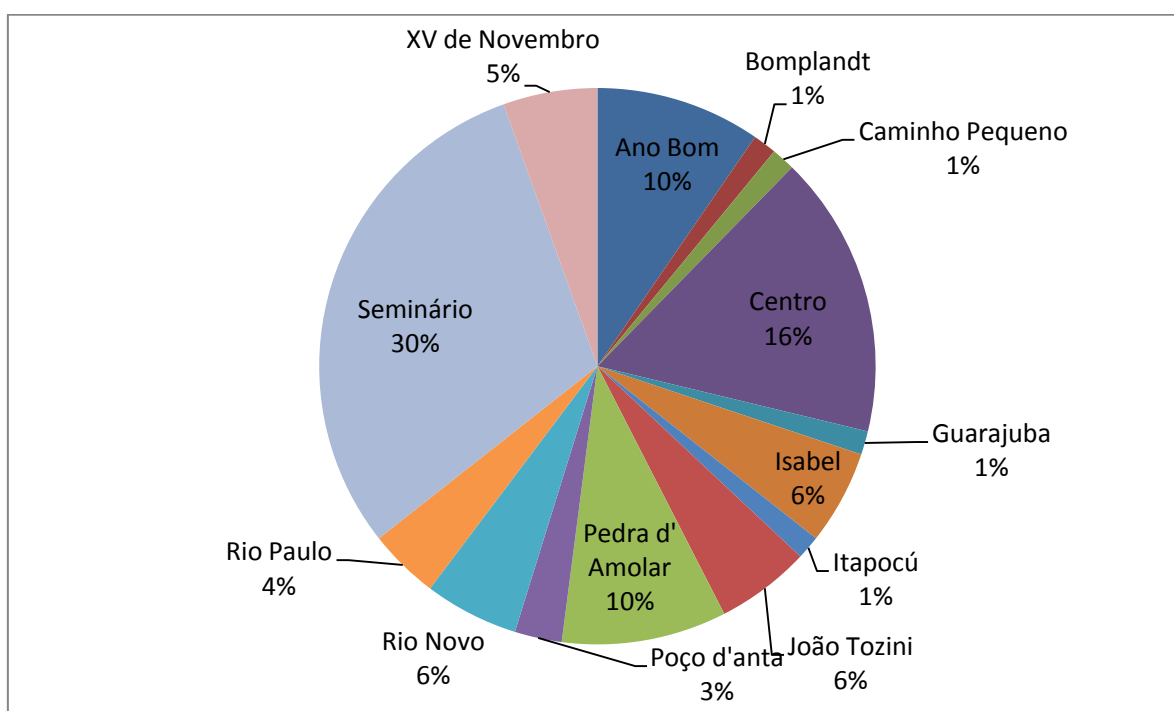


Fonte: Da autora, 2017

Buscando dar uma variedade maior para a amostra, foram entrevistados moradores de diversos bairros do município, esses bairros, considerando a organização territorial da cidade, podem ser divididos em duas categorias, os localizados na área central da cidade que correspondem a 69% e os localizados no

interior, que representam 31%. No Gráfico 7 é possível ver a representatividade na amostra de cada bairro, destaca-se que 30% dos entrevistados residiam no bairro Seminário, que é onde o Museu está localizado, o bairro recebe este nome justamente pelo SSCJ ser seu ponto de referência de maior destaque, é uma das localidades mais populosas de Corupá.

Gráfico 7 – Bairros onde residem os entrevistados



Fonte: Da autora, 2017.

Conforme os dados apresentados anteriormente, a maioria dos entrevistados se caracteriza como homens, com idade entre 18 a 34 anos, com 2º Grau incompleto, renda familiar mensal de dois salários mínimos e católicos.

Finalizando a primeira série de perguntas para definição do perfil dos entrevistados, seguem as próximas séries de questões que se referem ao patrimônio cultural e ao Museu.

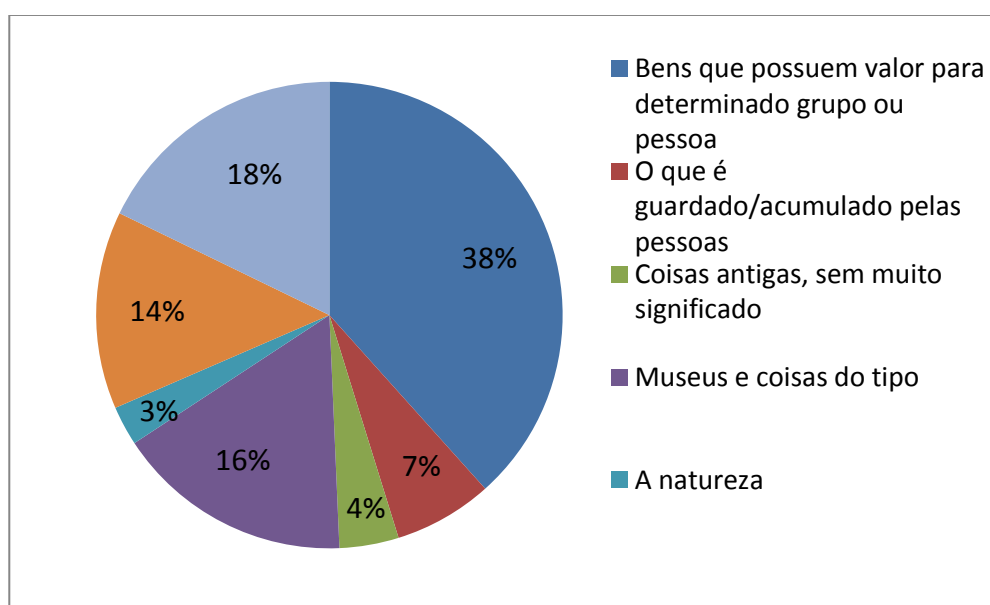
3.4 As representações sociais da população de Corupá sobre patrimônio cultural

Compreender as representações da população de Corupá sobre o que é Patrimônio Cultural é necessário para entender como representam o Museu, enquanto patrimônio ou não. Na segunda série de questões do formulário pode-se

perceber a importância que é dada pelos entrevistados a um patrimônio, quais são as referências de preservação patrimonial que possuem e quais são os bens considerados patrimônio cultural da cidade, e como estes são referência para a cultura e a identidade da população. Em meio à análise dos dados foi possível identificar uma representação social em relação ao patrimônio cultural e uma em relação ao Museu, iniciamos tratando da identificação da representação social da população de Corupá sobre patrimônio cultural.

A primeira pergunta da série foi feita em relação ao significado de patrimônio cultural. Essa questão foi dividida em quatro níveis de respostas definidos a partir do referencial bibliográfico, e também com base em demais pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos Museus e Representações Sociais. Conforme pode ser visto no Gráfico 8, os níveis de respostas foram determinados, a partir das respostas dos entrevistados como: bens que possuem valor e significado para determinado grupo ou pessoa; o que é guardado/acumulado ao longo dos anos; coisas antigas sem muito significado; museus e coisas do tipo; a propriedade de uma pessoa; a natureza; outro; não sei. Pode-se observar que, 38% dos entrevistados consideram que patrimônio cultural são bens que possuem valor e significado para determinado grupo de pessoas, 16% consideram que são museus e 18% não souberam dizer o que é patrimônio cultural.

Gráfico 8 – Para os entrevistados, o que é Patrimônio Cultural



Fonte: Da autora, 2017

Apesar de 38% dos entrevistados considerarem o significado de patrimônio cultural muito próximo de uma definição que preconiza o campo, 18% dos entrevistados não souberam responder o que é patrimônio cultural, talvez porque, esse não seja um contexto, um debate e um campo que tenha relação com o cotidiano do Município, como apresentado no capítulo 1. No cruzamento dos dados, a variável que chamou a atenção como determinante sobre as representações nesta questão foi a faixa etária, e por este motivo considera-se necessário destacar que é uma variável determinante na formação das opiniões, conforme tabela 2.

Tabela 2 – O que é Patrimônio Cultural X Idade

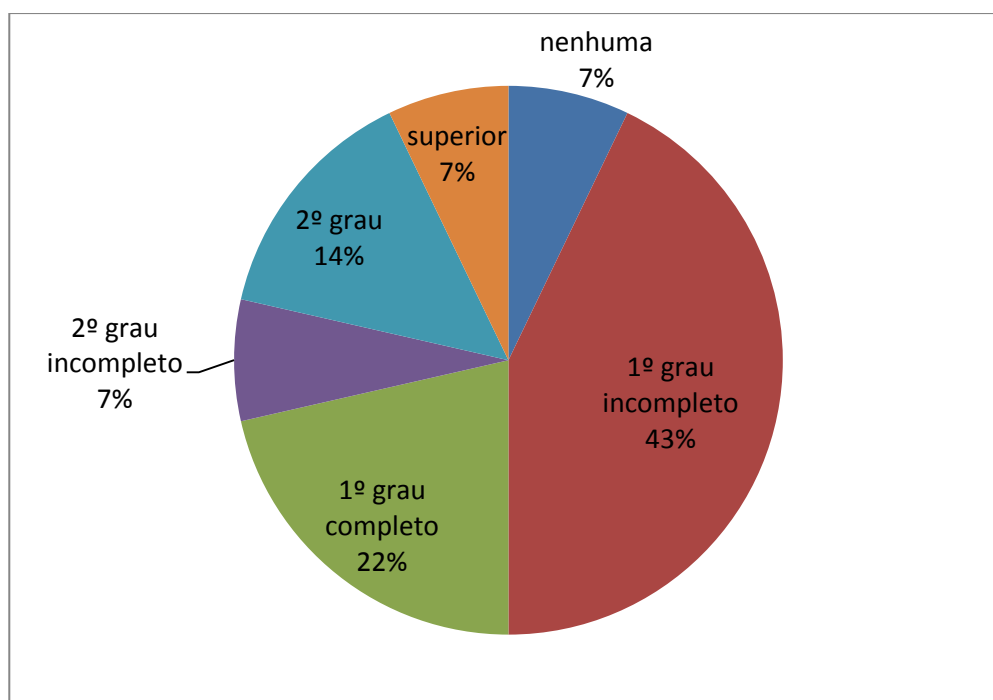
	18 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	Mais de 55 anos
Bens que possuem valor e significado	45%	30%	11%	7%	7%
O que é guardado/ acumulado ao longo dos anos	40%	60%	0%	0%	0%
Coisas antigas, sem muito significado	50%	50%	0%	0%	0%
Museus e coisas do tipo	30%	30%	0%	30%	10%
A natureza	0%	0%	0%	50%	50%
Outros	12%	12%	13%	25%	38%
Não sei	9%	18%	0%	18%	46%

Fonte: Da autora, 2017

Há pessoas em todas as faixas etárias que acreditam que o patrimônio é um bem que possui valor e significado, no entanto, vê-se que, respostas vinculadas a uma ideia mais tradicional de patrimônio cultural como coisas antigas e o que é guardado ao longo do tempo pertencem a jovens entre 18 e 35 anos, esse grupo, apresenta escolaridade de maioria ensino médio incompleto, isso nos leva a indagar o quanto foram, no decorrer da formação desses cidadãos, esclarecidos e informados sobre os debates do campo patrimonial?

Mas, o fator idade se observado nos 46% dos entrevistados com mais de 55 anos que responderam que não sabem o que é patrimônio cultural, associado ao fator escolaridade, nos permite apontar que, dos 46% que não sabem o que é patrimônio cultural, 43% possuem o primeiro grau incompleto. Em relação à escolaridade daqueles que disseram que não sabem o que é patrimônio cultural, no Gráfico 9, é possível identificar de forma detalhada cada percentual.

Gráfico 9 – Escolaridade dos entrevistados que responderam que não sabem o que é patrimônio cultural

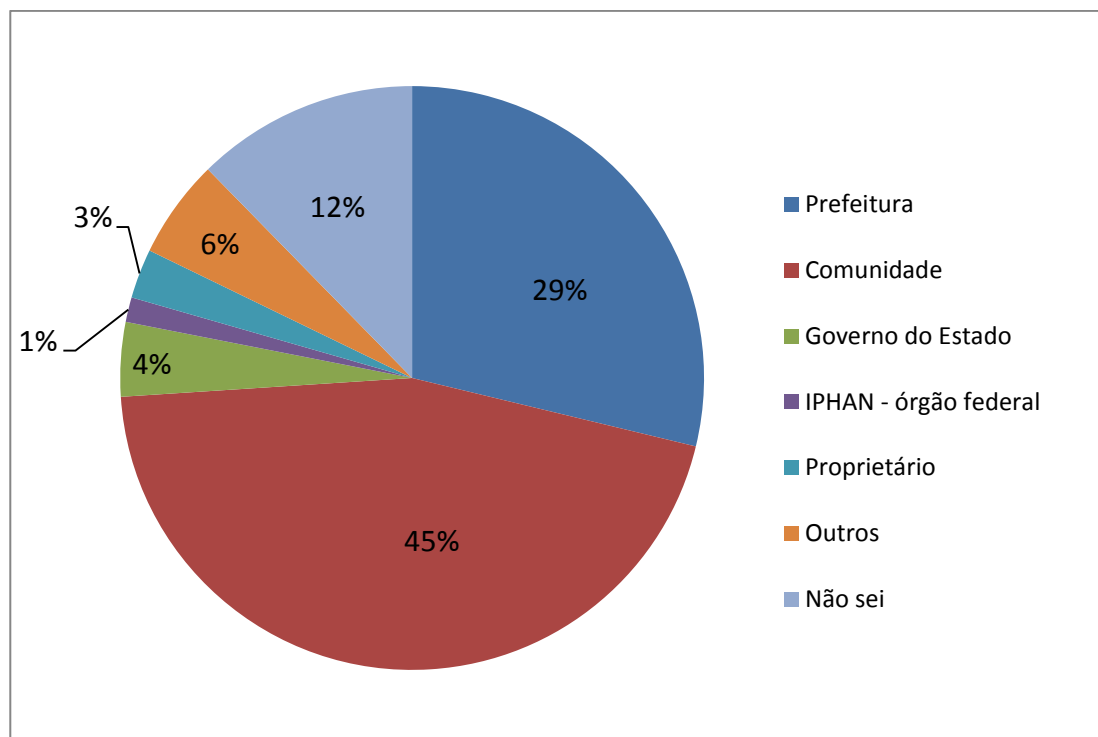


Fonte: Da autora, 2017

Procurou-se identificar de quem os entrevistados acreditam ser a responsabilidade pela preservação do Patrimônio Cultural. As respostas apresentadas pelo grupo para esta pergunta foram: Prefeitura Municipal, Governo Estadual, Iphan, empresas, comunidade, proprietários dos bens, ninguém ou outro. Essa questão revelou que 45% dos entrevistados acreditam ser um dever da Comunidade, seguidos de 29% que afirmaram que é a Prefeitura Municipal quem deve se responsabilizar pela preservação. O Governo Estadual foi mencionado por 4% dos entrevistados, os proprietários foram considerados por 3%. O Iphan foi considerado por apenas 1% dos entrevistados, isso talvez se deva, ao fato de que o Iphan não teve qualquer caso ou atuação direta em Corupá, deste modo foi citado

por poucos moradores. Os entrevistados ainda citaram 6% que se enquadraram em diferentes respostas e que acoplamos na categoria “outros” e 12% não souberam responder. No Gráfico 10, é possível observar a divisão de respostas dos entrevistados.

Gráfico 10 – Responsabilidade pela preservação do Patrimônio Cultural



Fonte: Da autora, 2017

Buscando variáveis determinantes sobre essas representações em relação ao patrimônio cultural, foi possível perceber que houve muita semelhança nas respostas, sendo que, muito próximo de metade dos entrevistados considera a comunidade como sendo a responsável por preservar o patrimônio cultural. Analisando as respostas considerando idade, escolaridade e gênero, podemos perceber que apenas o fator escolaridade influencia nas respostas, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Responsabilidade sobre a preservação do patrimônio cultural X Escolaridade

	Nenhuma	1º grau Incompleto	1º Grau	2º Grau Incompleto	2º Grau	Superior Incompleto	Superior	Pós graduação
Prefeitura	-	19%	5%	52%	4%	5%	-	5%
Comunidade	-	6%	9%	24%	0%	6%	2%	3%
Governo do Estado	-	33%	33%	-	0%	-	-	-
IPHAN	-	-	-	100%	-	-	-	-
Proprietário	-	-	-	50%	0%	-	-	-
Outro	-	25%	-	-	0%	-	-	25%

Fonte: Da autora, 2017

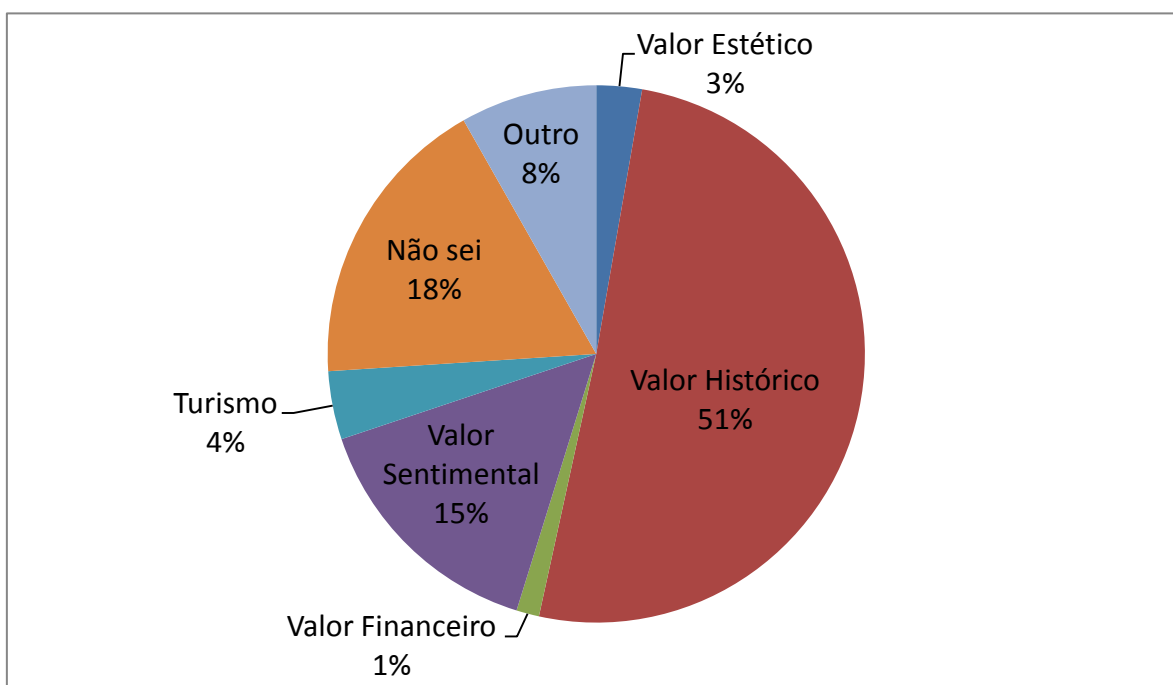
Novamente, em relação à escolaridade, destacam-se os entrevistados que responderam não saber quem deve preservar o patrimônio, entre os 12% que responderam não saber, 9% não tem escolaridade, 18% o 1º grau incompleto e 37% o 1º grau completo, ainda 9% 2º grau incompleto e 27% o 2º grau completo. É possível relacionar ainda que os entrevistados que não possuem escolaridade ou que possuem apenas o 1º grau, se encontram na faixa etária de 45 a 60 anos.

As respostas sobre a responsabilidade de preservação estão vinculadas ao que se ouve e se fala normativamente sobre esta função, pois, na prática em Corupá, tão pouco a prefeitura ou a comunidade desenvolve alguma ação de preservação. É necessário considerar também que a pergunta não direciona necessariamente a uma realidade da cidade, trabalha a perspectiva de responsabilidade de preservação num sentido mais amplo, mas, os dois responsáveis mais citados: prefeitura e comunidade se referem a uma esfera de preservação local, por mais que, na prática, a cidade não vivencie tal preservação.

Mas, essas respostas estão dentro de um consenso quando se pensa no âmbito de preservação, uma vez que já se tem esclarecido que a concretização da preservação só será possível na existência de um processo participativo entre poder público e comunidade, sendo que o poder público tem o papel declaratório, e a responsabilidade de proteção, em colaboração com quem dá valor e atribui sentido: a comunidade (MENESES, 2009).

Considerando o que é patrimônio e quem deve preservá-lo, foi necessário conhecer quais os valores que os entrevistados dão a um patrimônio. As categorias organizadas a partir das respostas dos entrevistados foram: valor estético, valor histórico, valor financeiro, valor sentimental, turismo, outros e não sei. Como é possível observar no Gráfico 11, 51% dos entrevistados consideram que se deve preservar o patrimônio cultural por seu valor histórico, 15% pelo valor sentimental, 4% pelo turismo, 3% pelo valor estético, 1% pelo valor financeiro, ainda, 18% responderam não saber e 8% outros.

Gráfico 11 – Motivos para a preservação do patrimônio cultural

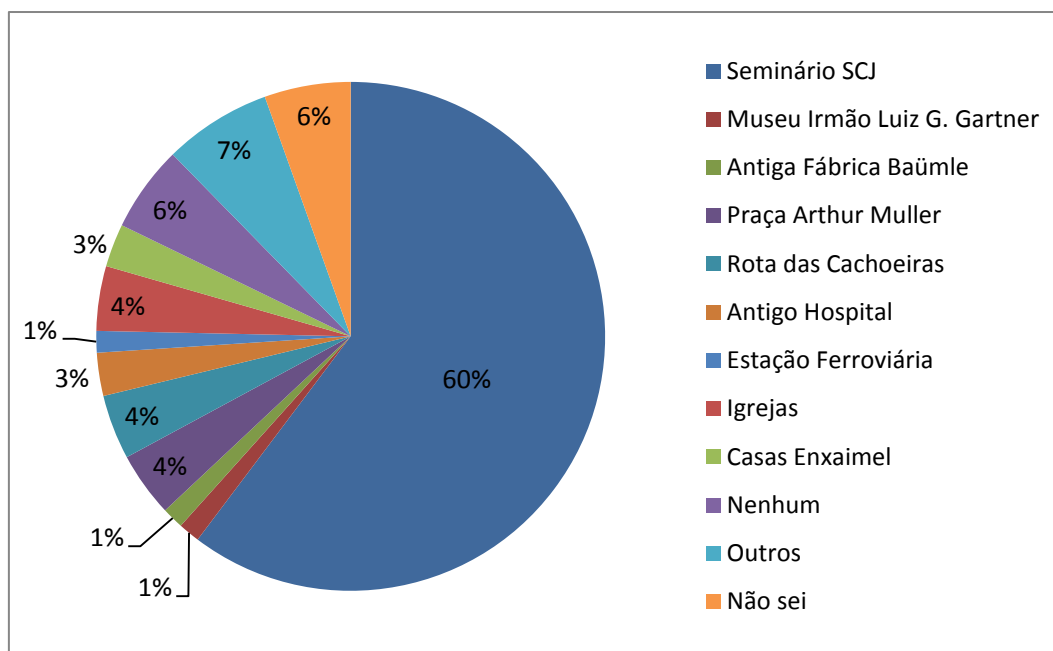


Fonte: Da autora, 2017

Em relação a essa pergunta, analisando que 51% dos entrevistados consideram a preservação de um bem a partir de seu valor histórico, constatou-se que não houve nenhuma variável determinante que influencie ou determine a noção de valor de preservação no grupo estudado.

Foi perguntado aos entrevistados se havia um patrimônio cultural em Corupá e, como é possível perceber no Gráfico 12, o Seminário Sagrado Coração de Jesus foi considerado, pela maioria, um patrimônio cultural do município.

Gráfico 12 – Os patrimônios culturais de Corupá



Fonte: Da autora, 2017

Como é possível observar no Gráfico 12, o Seminário é considerado por 60% dos entrevistados como um patrimônio de Corupá, apesar dele não ser tombado, 6% consideram que não há patrimônio cultural em Corupá, 6% não sabem, 4% citaram a Praça Arthur Müller, 4% a Rota das Cachoeiras, 4% as Igrejas, 3% as Casas Enxaimel, 3% o antigo hospital (que é hoje sede da Secretaria de Educação e Cultura, e o primeiro imóvel tombado no município), 1% o Museu (que neste caso, não aparece associado a quem respondeu que o Seminário seja patrimônio), 1% a Antiga Fábrica Bauemle (que é o complexo adquirido pela prefeitura para ser a nova sede da administração municipal e é também um imóvel tombado) e 1% a Estação Ferroviária.

É importante ressaltar que nesta questão era feita a seguinte pergunta: “Há algum patrimônio cultural em Corupá? Qual?”, e aí, o entrevistado falava o bem que considerava, em geral, cada entrevistado falou apenas um bem, mas, em caso de mencionar mais de um, era considerado o primeiro. Dos 60% dos entrevistados que considerou o SSCJ como patrimônio cultural da cidade, em nenhum momento foi feita a relação entre o Seminário e seu Museu.

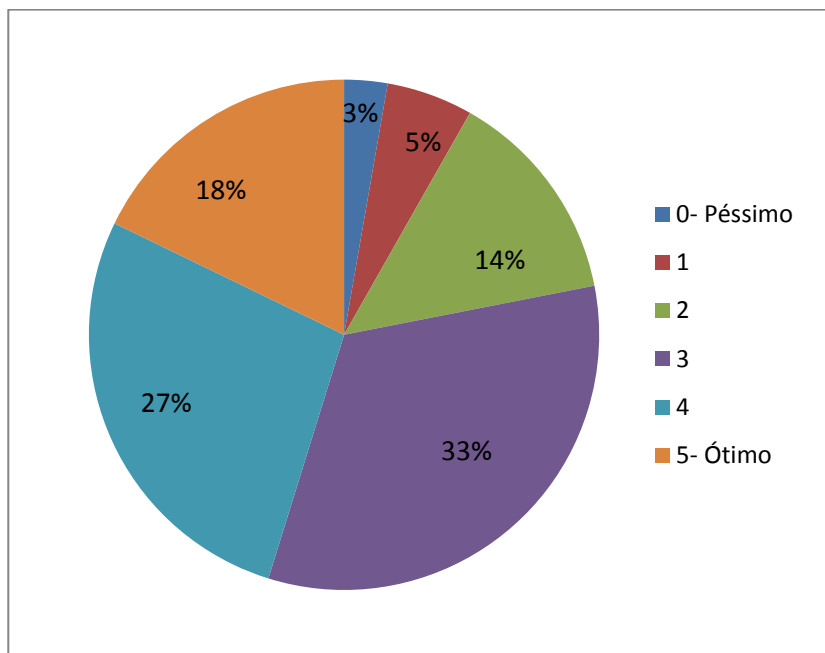
Nessa questão também se constatou que mais da metade dos entrevistados apontou o Seminário em suas respostas, desta forma, não é possível destacar alguma variável que faça diferença, ou determine nesta população o bem a ser considerado patrimônio cultural. Estas respostas não foram influenciadas por um fator específico do perfil dos entrevistados, mas, pelo contexto histórico, cultural, social em que o campo do patrimônio cultural está envolto em Corupá.

É possível observar que, todos os bens mencionados pelos entrevistados, são bens arquitetônicos, o que leva ao entendimento que os mesmos tenham, na maioria, uma ideia material de bens culturais, vinculados a uma narrativa de história oficial da cidade e ainda da noção de patrimônio associada ao antigo. Isso fica evidente quando analisamos que depois do Seminário, os bens considerados patrimônios, e assim, passíveis de preservação são Igrejas, Casas Enxaimel, Estação Ferroviária, imóveis de arquitetura histórica, ou seja, ainda, em Corupá, patrimônio cultural está vinculado a ideia de antiguidade e arquitetura.

O único patrimônio cultural destacado, para além desta visão de “pedra e cal”, é a Rota das Cachoeiras, um patrimônio natural da Cidade, mas, que, muito provavelmente foi mencionado pelo aspecto midiático e de turismo a que esse bem está diretamente vinculado, muito se noticia, no rádio, nas redes sociais e jornais sobre esta área e sua importância, assim, nota-se que uma representação sobre isso começa a ser construída na cidade.

Em relação à série de perguntas sobre Patrimônio Cultural, ainda, foi perguntado como o entrevistado avaliava a atenção que se dá para o patrimônio cultural em Corupá, o entrevistado deveria atribuir uma nota de 0 a 5, onde 0 significa péssima e 5 ótima. No Gráfico 13, é possível observar que 22% avaliaram entre 0 e 2, que é uma avaliação entre péssimo e ruim, 33% atribuíram nota 3, numa avaliação regular, e, 45% atribuíram entre 4 e 5, que é uma avaliação entre bom e ótimo.

Gráfico 13 – Avaliação, pelos entrevistados da atenção que se dá ao patrimônio cultural em Corupá



Fonte: Da autora, 2017

As respostas dos entrevistados suscitaram algumas indagações: como a população considera que a atenção ao patrimônio cultural na cidade está boa, sendo que não há qualquer garantia de proteção ou preservação dos bens e práticas culturais, os imóveis são o tempo todo destruídos, não há museu municipal, não há arquivo e os imóveis tombados estão em ruínas? Como pode uma população considerar que a atenção que se dá (comunidade e poder público) ao patrimônio cultural de Corupá está boa, se numa análise detalhada deste campo se percebe que de fato, tanto no âmbito privado, quanto público, essa atenção, em casos é inexistente e, em outros, insuficiente? Todas as respostas sobre patrimônio cultural só podem ser entendidas a partir das representações sociais criadas sobre esse termo em Corupá.

Considerando toda a série de perguntas sobre patrimônio cultural fica nítido que a representação social da população de Corupá sobre patrimônio é ancorada na ideia de patrimônio de “pedra e cal”, objetivada na monumentalidade arquitetônica de um bem específico em Corupá: o Seminário.

Para a população de Corupá, o patrimônio cultural são bens que possuem valor e significado para uma pessoa ou grupo, a comunidade é a responsável por sua preservação e devem ser preservados por seu valor histórico. Em Corupá o

Seminário Sagrado Coração de Jesus é um patrimônio cultural e a atenção que se dá ao patrimônio na cidade é boa.

Por mais que o entendimento de patrimônio cultural e da responsabilidade de preservação seja muito próximo daquilo que se debate no campo, e daquilo que se espera que uma população entenda e identifique como patrimônio, as demais respostas demonstram a visão tradicional que ainda se tem sobre esse termo.

Sabemos que o entendimento de patrimônio cultural é vinculado à definição de valores e sentidos que se dá a determinado bem ou prática, quando consideramos o aspecto valor do bem para preservação, devemos perceber que a comunidade, ao dizer que um patrimônio cultural deve ser preservado por seu valor histórico e, nesse contexto, considera o Seminário como o principal patrimônio cultural, já se está atribuindo a ele, um valor histórico. O reconhecimento desse processo de valorização do SSCJ enquanto patrimônio da cidade nos permite inferir que os valores atribuídos ao Seminário não se limitam a sua estrutura enquanto monumento, mesmo que esta ainda predomine, mas, se relacionam também a questões mais implícitas entre o bem e a população, ou seja, a cidade possui um olhar diferenciado para o Seminário como bem, em virtude, possivelmente, de uma relação que foi construída através das diversas interações da população com esse espaço. O valor é uma problemática no campo do patrimônio cultural, uma vez que nessa problemática há uma “questão nuclear: a matriz do valor. Se o valor é sempre uma atribuição, quem o atribui? Quem cria valor?” (MENESES, 2009, p. 33).

Analisando a presença do Seminário em Corupá, pode-se dizer que ele já chegou à cidade envolto a um reconhecimento de importância, com valores já relacionados a uma áurea religiosa. Essa importância do Seminário pode ser percebida nos jornais desde a década de 1940, e ainda hoje, é reafirmada, principalmente, quando se enfatiza o Seminário como um cartão-postal da cidade.

Os debates incipientes sobre patrimônio a partir da ideia de arquitetura, divulgados por meio da comunicação e reproduzidos através da mídia e das conversações em grupos, provavelmente, fizeram parte do processo de construção das representações sociais da população de Corupá sobre o Seminário. No entanto, ao que parece, essas representações estão ligadas ao Seminário com suas antigas funções, ou seja, a formação educacional e não vinculadas a seus usos e funções atuais.

A visão tradicional que a cidade tem sobre o patrimônio cultural, era uma visão comum a muitas outras cidades, uma ideia de história relacionada à arquitetura. Tal visão é resultado de processos e contextos próprios da formação e ampliação do campo patrimonial. Não podemos esquecer que os debates sobre preservação de bens culturais iniciaram se tratando de “patrimônio histórico e artístico”. Essa perspectiva ampla, expressa e buscada no termo “patrimônio cultural” é atual, e ainda, não está tão próxima assim da sociedade que, em sua maioria, como no caso de Corupá, percebe o patrimônio em sua expressão de “pedra e cal”.

A imagem que a expressão “patrimônio histórico e artístico” evoca entre as pessoas é a de um conjunto de monumentos antigos que devemos preservar, ou porque constituem obras de arte excepcionais, ou por terem sido palco de eventos marcantes, referidos em documentos e em narrativas dos historiadores. Entretanto, é forçoso reconhecer que essa imagem, construída pela política de patrimônio conduzida pelo Estado por mais de sessenta anos, está longe de refletir a diversidade, assim como as tensões e os conflitos que caracterizaram a produção cultural do Brasil, sobretudo a atual, mas também a do passado(FONSECA, 2009,p. 59).

Os instrumentos decorrentes dessa ideia política de patrimônio também resultaram na limitação do entendimento de preservação, associado diretamente ao tombamento, culminando na predominância dos bens arquitetônicos e privilegiando bens representativos de grupos europeus. Desta forma, as políticas de preservação e proteção foram voltadas a monumentos e a preservação de sua integridade física, desconsiderando outras perspectivas de preservação (FONSECA, 2009).

Sem dúvida, através da comunicação, reproduzida por diversos meios e maneiras, foi se forjando essa mesma ideia de patrimônio na cidade de Corupá, deste modo, a cidade, ao longo de sua história necessitava de um bem dotado de tais características para atribuir a ideia de monumento, de patrimônio. O Seminário se encaixa perfeitamente nesse processo de ancoragem do então termo patrimônio histórico e artístico, estamos falando de um bem monumental, com arquitetura baseada em construções da Europa, inspirado nos estilos gótico-romano e greco-romano, vinculado à presença de padres alemães na região. Assim, se constituiu a identificação da cidade com um bem que pudesse ser dotado de valor patrimonial. Essa identificação da cidade com o Seminário, como bem patrimonial é evidente quando se percebe que mais de 60% da população entrevistada o considera assim,

ainda, considerando os demais bens que foram apontados pelos entrevistados, a única visão foi a de bens imóveis e materiais.

E então, se o Seminário é o patrimônio cultural da cidade, é claro que se pode atribuir a atenção a esse aspecto como boa, uma vez que, o Seminário se encontra em ótimo estado de conservação, ou seja, a visão do que é, porque é, e qual é o patrimônio da cidade, traduz sobre esse campo uma visão conformista da sociedade, se tem o Seminário e este está em plena integridade física, então está tudo bem com o patrimônio cultural da cidade.

E, em relação a ser considerada da comunidade a responsabilidade por sua preservação, esta parece ter sido considerada no sentido do “politicamente correto”, já que na prática, em Corupá, tão pouco a prefeitura ou a comunidade preserva seus bens. No caso do Seminário, é um bem privado, quem o preserva são os religiosos, mas, talvez, devido ao fato de que a comunidade interaja com o espaço, principalmente em suas áreas de lazer, se sinta como um dos agentes responsáveis por sua preservação.

Tendo em vista as opiniões expressas nas questões desta primeira série do formulário, bem como a análise anterior, se reforça que o núcleo central das representações relacionadas ao patrimônio cultural, identificado no município de Corupá, está relacionado ao entendimento do termo patrimônio vinculado a arquitetura. Todas as ações desenvolvidas em relação à ênfase do Seminário como patrimônio da cidade, em relação à difusão de informações, à preservação e à utilização como recurso turístico, possivelmente, ao longo dos anos, influenciaram nos processos de ancoragem e objetivação da população, trazendo essa noção de patrimônio para seu cotidiano, onde o Seminário é o único bem que integra as características de monumento.

Entender a visão patrimonial da cidade e a relação desta com o Seminário é essencial para entender o Museu, que está inserido no Seminário, mas que, não é dotado de tal representação.

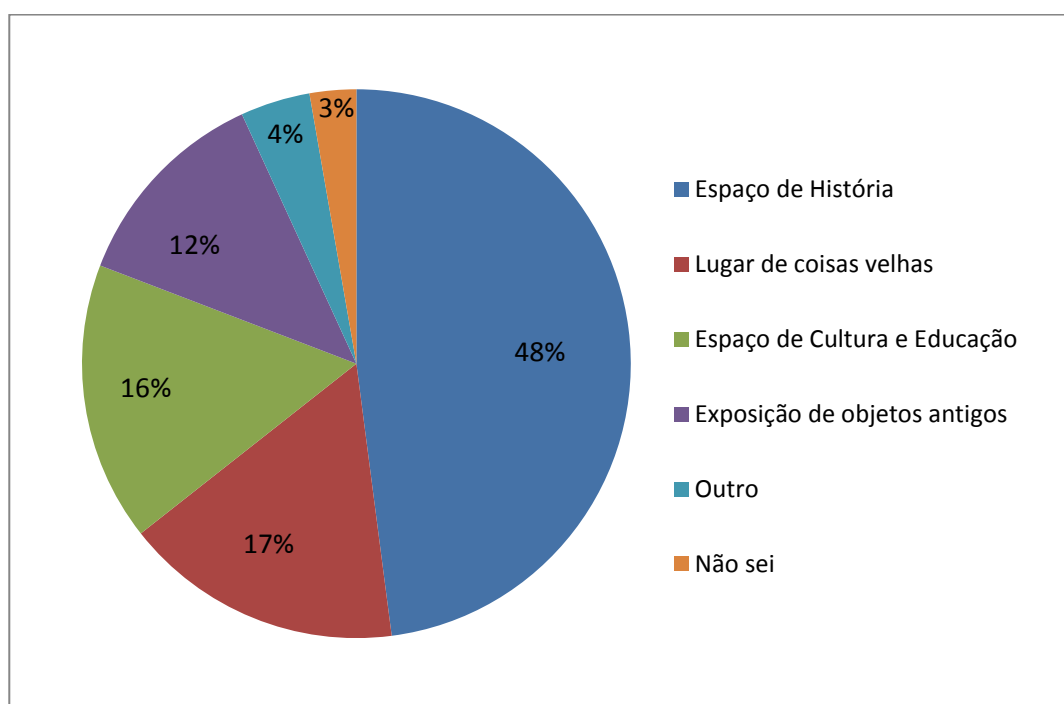
3.5 As representações sociais da população de Corupá sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

A terceira série de perguntas do formulário tratava sobre museus e sobre o MILGG e, nesta série, buscou-se compreender como a população representa o Museu.

Primeiro se procurou identificar o que é um museu para o entrevistado, as respostas foram compiladas em sete categorias, abrangendo todas as respostas obtidas, foram elas: espaço de história, lugar de coisas velhas, espaço de cultura e educação, exposição de objetos antigos, não sei e respostas variadas que foram juntadas na categoria “outro”.

Como é possível observar no Gráfico 14, para 48% dos entrevistados o museu é lugar de história, 17% lugar de coisas velhas, 16% espaço de cultura e educação, 12% exposição de objetos antigos, 4% outros e 3% não sei. É importante observar que o termo museu não é algo que cause tanta estranheza, já que apenas 3% não souberam dizer o que é, diferente do termo patrimônio cultural questionado no início, onde 18% responderam não saber.

Gráfico 14 - Para os entrevistados, o que é um museu



Fonte: Da autora, 2017

Ao serem perguntados sobre o que seria um museu, 48% da população de Corupá considerou a ideia de museu como um espaço de história. Trata-se de uma visão extremamente tradicional em relação a museus e suas funções, no imaginário, o museu é o lugar onde se guarda a história. Na Tabela 4, é possível identificar a relação dessas respostas com a idade dos entrevistados.

Tabela 4 – O que é museu para os entrevistados X Faixa etária

	18 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	Mais de 55 anos
Espaço de história	38%	38%	3%	9%	12%
Lugar de coisas velhas	8%	17%	17%	8%	50%
Espaço de cultura e educação	25%	25%	16%	17%	17%
Exposição de objetos antigos	25%	25%	16%	17%	17%
Outro	34%	0%	0%	33%	33%
Não sei	50%	0%	0%	0%	50%

Fonte: Da autora, 2017

Em relação à ideia de museu como espaço de história é possível identificar que 76% dos entrevistados que deram essa resposta estão na faixa dos 18 a 34 anos. Ou seja, podemos mensurar que há por parte da faixa etária mais jovem da população uma associação direta entre museu e história, onde ser algo histórico e ser algo velho são compreensões diferentes, para estes, os museus não guardam coisas velhas, preservam a história.

O entendimento de museu como “lugar de coisas velhas”, aparece em apenas 8% dos entrevistados de 18 a 24 anos, mas é predominante na faixa etária de mais de 55 anos, que representou 50% das respostas com essa opção. A expressão “lugar de coisas velhas” era comumente usada para se referir aos museus, mas, na população de Corupá, aparentemente essa expressão está em queda na geração mais jovem e predomina apenas na população a partir dos 55 anos.

Se considerarmos que a mudança de debates sobre uma nova função, uma nova atuação dos museus é a partir da década de 1970, concluímos que esta

população, aprendeu e experienciou museus na sua forma tradicional. Na Tabela 5, é possível observar o percentual de cada nível de escolaridade em relação às respostas.

Tabela 5 - O que é museu para os entrevistados X Escolaridade

	Nenhuma	1º grau Incompleto	1º Grau	2º Grau Incompleto	2º Grau	Superior Incompleto	Superior	Pós graduação
Espaço de História	0%	8%	0%	40%	37%	3%	6%	6%
Lugar de coisas velhas	0%	25%	50%	8%	17%	0%	0%	0%
Espaço de cultura e educação	0%	8%	0%	54%	8%	15%	0%	15%
Exposição de objetos antigos	11%	12%	22%	11%	33%	0%	11%	0%
Outros	0%	33%	33%	0%	33%	0%	0%	0%
Não sei	0%	50%	0%	0%	0%	0%	50%	0%

Fonte: Da autora, 2017

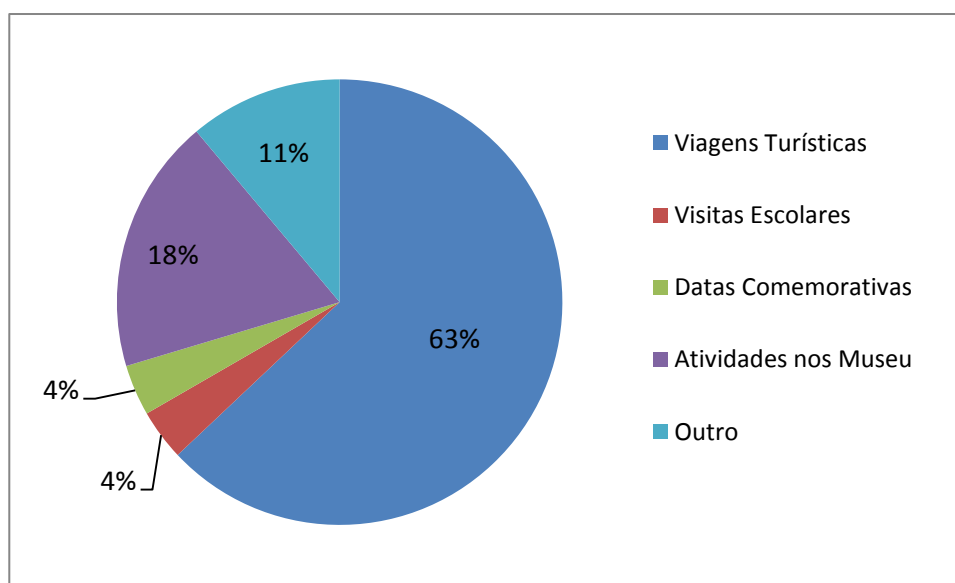
No entendimento de museu como espaço de história, o maior número de entrevistados possui o 2º grau incompleto ou completo. Em relação à resposta de lugar de coisas velhas os entrevistados possuem nível de 1º grau incompleto e completo, nessa resposta, a escolaridade se acrescenta com os dados da Tabela 4, onde, 50% dos entrevistados com mais de 55 anos considera museu como lugar de coisa velha, isso porque esses indivíduos nessa faixa etária são os que apresentam escolaridade de 1º grau incompleto e completo. Na resposta de museu como espaço de cultura e educação, predomina a formação de 2º grau incompleta. E os que consideram o museu como exposição de objetos antigos possuem 1º grau completo ou 2º grau completo.

Nessa questão pode se destacar também, o fato dos museus já serem vistos como espaços de aprendizado, ou seja, a relação de museu e educação já está presente nas representações da população de Corupá sobre museus, mesmo que

ainda, apenas 16% dos entrevistados tenha direcionado sua resposta nesse sentido, pode se ver aí um processo de ampliação e até talvez de transformação em relação ao entendimento dos museus e suas funções.

Depois de saber o que o entrevistado entende por museu, foi questionado se ele costuma visitar museus ou não, 63% dos entrevistados não costumam visitar museus e 37% sim. Para os que responderam que costumam visitar museus foi perguntado quais os motivos e, 63% desses entrevistados disseram que visitam museus em viagens turísticas, 18% em atividades/eventos nos museus, 11% por outros motivos, 4% em datas comemorativas e 4% em visitas escolares, conforme o Gráfico 15.

Gráfico 15 – Em que ocasiões o entrevistado visita museus



Fonte: Da autora, 2017

A maioria dos entrevistados vai ao encontro a uma crescente relação imposta no campo do patrimônio cultural e muito evidente nos museus, a relação com o turismo. Essa relação perpassa os debates sobre a cultura dos produtos culturais, os bens culturais para consumo, a mercantilização da cultura e o esvaziamento de usos territorializados para a inserção da proposta turística.

A cultura passou a ser entendida também por um viés mercadológico, uma nova perspectiva, onde se concebe que a cultura é um recurso que gera e atrai investimentos, no âmbito do desenvolvimento atrelado a emergente indústria

cultural. Desta forma, a experiência cultural, proporcionada no segmento do turismo permite que a cultura seja inserida nesse contexto como um produto a ser consumido (YÚDICE, 2006).

Nessa visão mercadológica da cultura é que se estabelece a relação entre museus e turismo, uma vez que os museus passaram a integrar roteiros de viagens e passeios com proposta turística. No turismo se desenvolveu até um segmento específico: o turismo cultural, para atender essa nova demanda.

No caso dos museus a relação com o turismo impõe uma nova relação com o público e novas possibilidades, considerando as dificuldades das instituições museológicas brasileiras, em alguns casos, a inserção em planos turísticos torna-se mais uma forma de garantir sua preservação, uma vez que “o turismo que tem como principal atrativo a oferta cultural histórica tem contribuído para manter prédios, bairros e até cidades, evitando que sejam substituídos por novas formas arquitetônicas” (BARRETO, 2000, p. 43).

Esse direcionamento turístico é a própria realidade do MILGG, que desde os anos 2000, foi se direcionando para atender à demanda de um público que o buscava como atrativo turístico. E quando se percebe que a população de Corupá, costuma visitar museus, principalmente, em passeios turísticos, se nota o interesse em conhecer a história e a cultura do outro, tão pouco interessa aquela da qual faz parte ou está inserida em seu contexto.

E nessa proposta de se criar museu para turista ver, cada vez mais a relação museu e comunidade se distancia, o desafio, seria gerar e promover a inserção desses dois públicos no museu de forma harmoniosa, não atribuindo maior grau de importância a apenas um. Muito desse direcionamento dos museus para atender à demanda turística, por vezes esquecendo o público local, decorre das sutilezas que a Declaração de Caracas, de forma implícita, impõe sobre as práticas museológicas ao direcionador os museus como espaço de comunicação. De influência neoliberal, esta declaração, apesar de reafirmar as propostas de 1972, propõe a inserção dos museus em novos segmentos da sociedade moderna (CÂNDIDO, 2003).

Depois de inserir através destas primeiras perguntas algumas questões mais gerais referentes ao termo museu, o questionário também abrangeu questões específicas e direcionadas ao MILGG. A primeira delas era se havia um museu em Corupá; 82% afirmaram que havia museu e 18% que não havia.

Então, precisamos conhecer o perfil (Tabela 6), de quem não sabe que existe um museu na cidade, para tentar identificar quem é essa população e quais os possíveis motivos desse desconhecimento.

Tabela 6 – Perfil dos entrevistados que responderam que não há museu em Corupá

<p>Gênero:</p> <p>Mulheres: 46%</p> <p>Homens: 54%</p>	<p>Escolaridade:</p> <p>Nenhuma: 0%</p> <p>1º Grau incompleto: 30%</p> <p>1º Grau Completo: 8%</p> <p>2º Grau Incompleto: 23%</p> <p>2º Grau Completo: 23%</p> <p>Ensino Superior incompleto: 8%</p> <p>Superior completo: 8%</p> <p>Pós-graduação: 0%</p>	<p>Ocupação:</p> <p>Estudante: 77%</p> <p>Aposentado: 8%</p> <p>Dona de casa: 8%</p> <p>Desempregado: 15%</p> <p>Autônomo: 8%</p> <p>Outros: 38%</p>
<p>Idade:</p> <p>18 a 24 anos: 38%</p> <p>25 a 34 anos: 8%</p> <p>35 a 44 anos: 23%</p> <p>45 a 54 anos: 8%</p> <p>Acima de 55: 23%</p>	<p>Renda Familiar:</p> <p>1salário mínimo: 31%</p> <p>2salários mínimos: 23%</p> <p>3salários mínimos: 23%</p> <p>mais de 3 salários: 23%</p>	<p>Natural de Corupá:</p> <p>Sim: 31%</p> <p>Não: 69%</p>
<p>Religião:</p> <p>Católica: 77%</p> <p>Outras: 23%</p>		

Fonte: Da autora, 2017

Como é possível observar, o perfil geral dos entrevistados que disse não haver museu em Corupá é de homens, entre 18 e 24 anos, católicos, com o 1º grau completo, estudantes, renda familiar de um salário mínimo, e não naturais de Corupá.

A variável que mostra se o entrevistado é ou não natural de Corupá pode influenciar no fato de conhecer ou não o museu, dependendo do tempo de permanência da cidade. Dos 69% dos entrevistados que não sabem que há museu na cidade e que não são naturais de Corupá, 44% estão na cidade entre 1 e 5 anos; 22% entre 6 e 10 anos; 12% entre 11 e 15 anos e 22% há mais de 20 anos. Para aqueles que estão entre 1 e 5 anos na cidade, talvez, o tempo de migração poderia

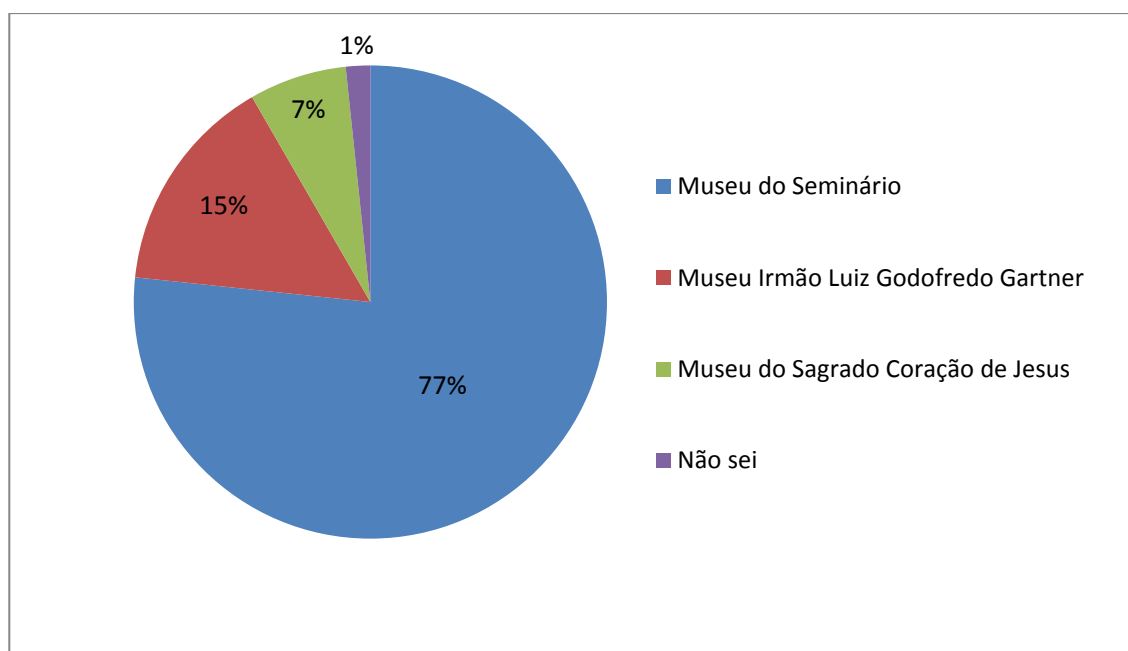
ser um dos fatores, mas, não há como precisar porque esse grupo desconhece o Museu.

Buscando entender um pouco mais da especificidade desse grupo, foi relacionado o perfil com o fato de o entrevistado costumar visitar museus ou não, e 62% não tem o hábito de visitar museus. Desta forma, o fato de não conhecer o Museu está também relacionado com hábitos e práticas de cada entrevistado.

Por mais que a maioria dos entrevistados tenha a informação de que há um museu na cidade de Corupá, os 18% que desconhecem essa informação permitem a instituição indagar seu atual papel, pois, o Museu está na cidade há 85 anos, é o único na localidade, localizado dentro de um cartão postal do município, mas, ainda existe quem desconheça sua existência, o que falta ao Museu? Diálogo com a cidade?

Foi perguntado aos entrevistados que disseram que havia um museu na cidade, qual seria este museu, foram tabulados todos os nomes mencionados pelos entrevistados, que são: Museu do Seminário, Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, Museu do Sagrado Coração de Jesus.

Gráfico 16 – Segundo os entrevistados, o nome do Museu que há em Corupá



Fonte: Da autora, 2017

Como é possível observar no Gráfico 16, 77% da população respondeu que o Museu se chama Museu do Seminário, 15% Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, 7% Museu do Sagrado Coração de Jesus e 1% não sei. A partir da afirmação do nome como “Museu do Seminário” é possível identificar a ausência de uma visão dissociada de Museu e Seminário e, até mesmo, uma dependência do Museu em relação ao complexo em que está inserido, é como se o Museu não existisse enquanto instituição, uma vez que é diretamente associado ao Seminário. No início da história do Museu se falava em um Seminário que possuía um museu, hoje, se fala de um Museu que está em um lugar que era um Seminário, mas, a população ainda não consegue perceber que, o que há neste momento, de mais vivo e ativo no Seminário, é o próprio Museu.

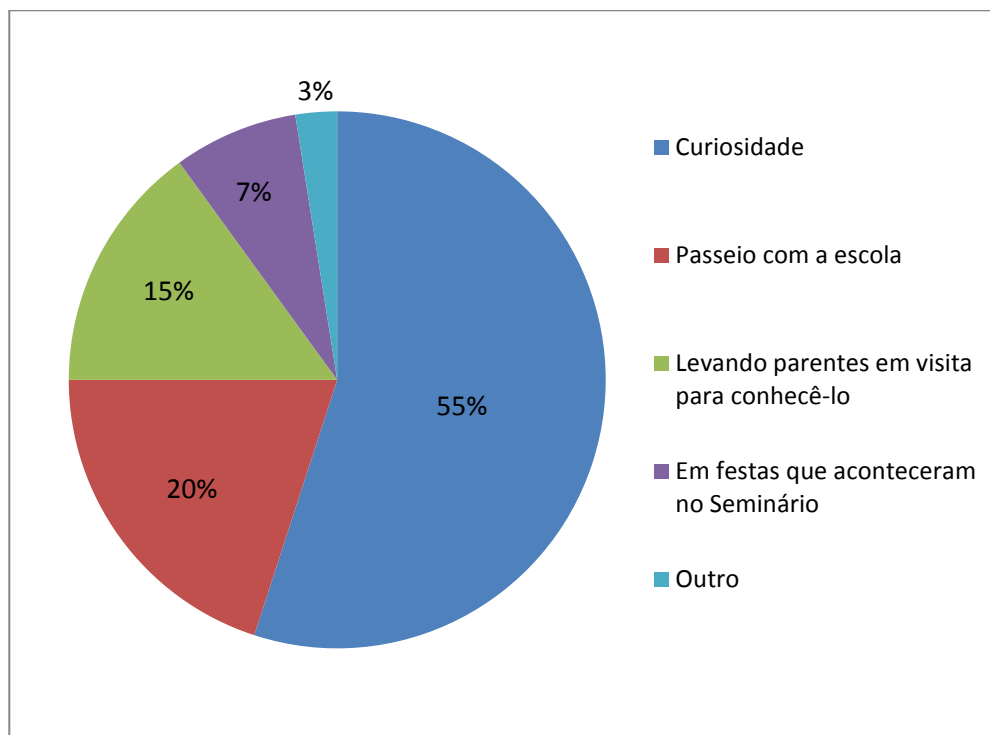
Os entrevistados também citaram o nome atual do Museu “Irmão Luiz Godofredo Gartner”, 15% conhecem o espaço por seu nome oficial, é um percentual pequeno e novamente revela a necessidade da instituição se fazer conhecer perante a população. O primeiro nome que o Museu teve: “Museu do Sagrado Coração de Jesus”, também foi mencionado por 7% dos entrevistados, este foi o nome do Museu até 2004, quem mencionou esse nome talvez se recorde dele, ou, apenas faça uma associação com o nome do próprio Seminário que é: “Seminário Sagrado Coração de Jesus”. A maioria das respostas a essa questão seguiu a mesma linha.

Depois de questionar se há um museu e qual seria seu nome foi preciso saber se o entrevistado já havia visitado o Museu. Dos 82% que afirmaram que há um museu na cidade, apenas 67% já o visitaram. Ou seja, apesar da maioria dos entrevistados saberem que há museu na cidade, 33% nunca realizaram uma visita ao Museu.

Aos 67% que já visitaram, foi questionado o motivo que os levou a conhecer o MILGG, as respostas dos entrevistados foram organizadas, após análise de todas as respostas nas seguintes categorias: curiosidade; passeio com a escola; levando parentes em visita para conhecê-lo; em festas que aconteceram no Seminário e outro.

Como é possível observar no Gráfico 17, 55% visitaram o Museu por curiosidade, 20% em passeio com a escola, 15% levando parentes para conhecer o Museu, 7% em festas que aconteceram no Seminário e 3% por outros motivos.

Gráfico 17 – Motivos, informado pelos entrevistados, para terem ido visitar o MILLG

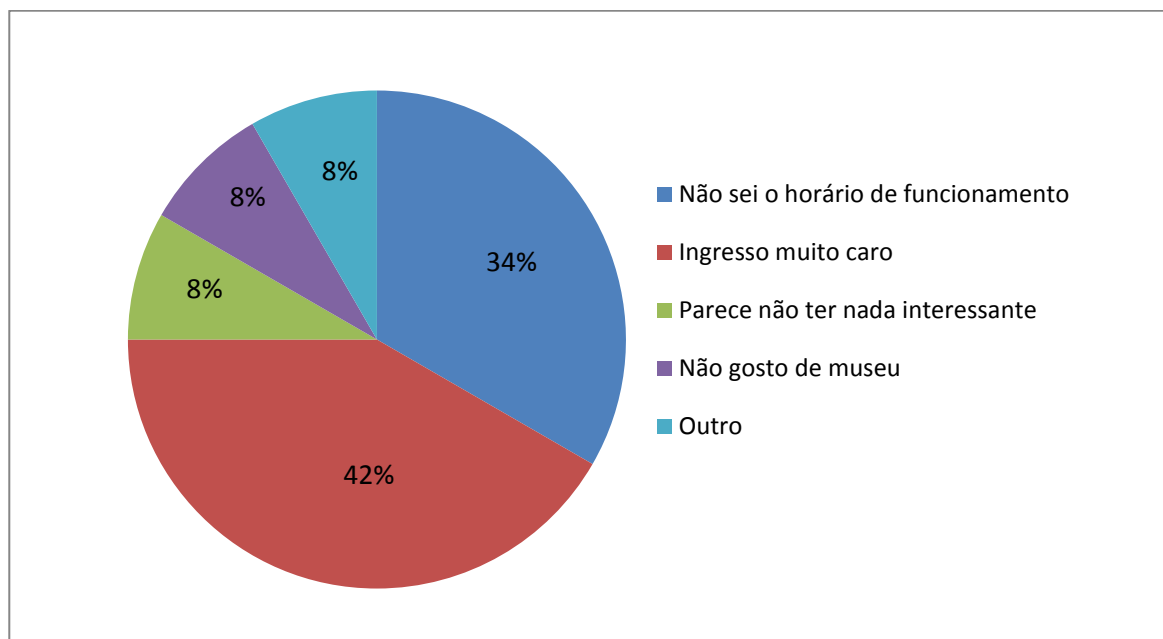


Fonte: Da autora, 2017

A curiosidade foi o motivo mais destacado para a visita, com a curiosidade se sugere uma vontade de conhecer, em relação às visitas escolares, como já mencionado, o Museu recebe grupos escolares desde 1958 e, mesmo que, em menor quantidade, as escolas de Corupá também se direcionam para esse espaço. Levar familiares para conhecer o Museu se encontra apoiado nos debates de consumo da cultura e na relação museus e turismo, 15% dos entrevistados só foi visitar o Museu acompanhando alguém de fora, que veio à cidade a passeio e buscava conhecer seus atrativos turísticos. Em relação às festas apontadas nas respostas, o Seminário, em diversas festividades, funciona como pavilhão de eventos para a cidade, lá acontecem a Festa das Plantas Ornamentais, Festa da Banana, o maior Encontro de Trilheiros do Mundo, entre outros, e nestes períodos de festa o Museu sempre está aberto e a população acaba, nessa oportunidade, fazendo uma visita.

Além de conhecer os motivos de quem visitou precisamos conhecer os motivos dos 33% dos entrevistados que nunca foram até o museu (Gráfico 18). Os motivos apresentados foram: não sei o horário de funcionamento; o ingresso é muito caro, parece não ter nada interessante; não gosto de museu e outro.

Gráfico 18 – Motivos, informado pelos entrevistados para nunca ter ido ao Museu



Fonte: Da autora, 2017

Os dois principais motivos informados foram que o ingresso do Museu é muito caro (42%) e que não sabem o horário de funcionamento (34%), vamos então, contextualizar essas duas informações.

O Museu cobra hoje um ingresso no valor de R\$ 7,00, tendo direito a meia entrada crianças, estudantes e idosos. Foi realizado o cruzamento desta pergunta com a renda familiar dos entrevistados que informaram o valor do ingresso, 80% declararam ter renda média mensal de 2 salários mínimos e 20% de 1 salário mínimo. Talvez a renda seja um dos fatores que influenciem, mas ao Museu cabe a reflexão de que ao longo de 2016 e 2017 foram realizados vários dias onde a visita para moradores de Corupá era gratuita e, esta informação provavelmente, não chegou a esse percentual da população que informa não ter condições para pagar a entrada no Museu.

Ainda, foi traçado o perfil específico dos entrevistados que justificaram o preço do ingresso do Museu como motivo para não visitá-lo, como pode ser observado na Tabela 7.

Tabela 7 – Perfil dos entrevistados que nunca visitaram o Museu porque consideram o ingresso muito caro

Gênero: Mulheres: 40% Homens: 60%	Escolaridade: 2º Grau Incompleto: 100%	Ocupação: Estudante: 60% Autônomo: 20% Outros: 20%
Idade: 18 a 24 anos: 60% 25 a 34 anos: 40%	Renda Familiar: 1salário mínimo: 20% 2salários mínimos: 80%	Natural de Corupá: Sim: 31% Não: 69%

Fonte: Da autora, 2017

Em relação aos 33% dos entrevistados que informaram que não sabem o horário de funcionamento do Museu, constatamos que a instituição apresenta seus horários de funcionamento no site, nas redes sociais, em anúncio na lista telefônica do município, em folheteria impressa e em murais no espaço externo do Seminário, deste modo, talvez a justificativa de não saber o horário de funcionamento se reflita também na falta de interesse desse grupo em visitar o espaço. Na Tabela 8, apresentamos o perfil específico desse grupo de entrevistados.

Tabela 8 – Perfil dos entrevistados que nunca visitaram o Museu porque não sabem seu horário de funcionamento

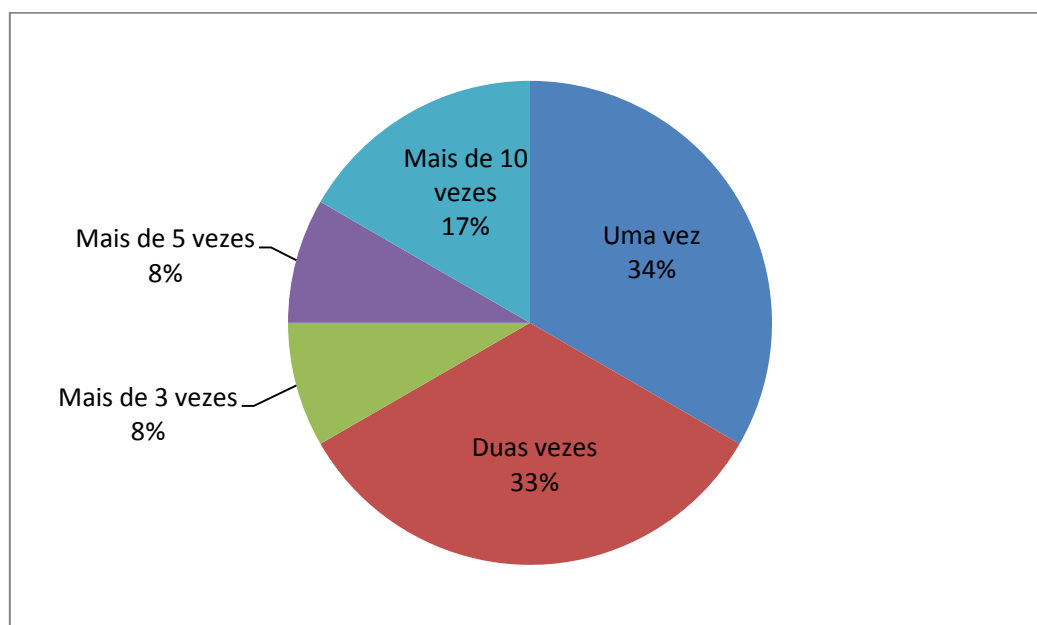
Gênero: Mulheres: 0% Homens: 100%	Escolaridade: 1º Grau incompleto: 25% 2º Grau Incompleto: 25% 2º Grau completo: 50%	Ocupação: Estudante: 50% Aposentado: 25% Funcionário público: 25%
Idade: 18 a 24 anos: 75% Mais de 55: 25%	Renda Familiar: 1salário mínimo: 25% 2salários mínimos: 50% Mais de 3 salários: 25%	Natural de Corupá: Sim: 50% Não: 50%

Fonte: Da autora, 2017

Estabelecido o perfil dos entrevistados que sabem que o Museu existe, mas que nunca o conheceram, as questões abordadas daqui por diante se referem apenas aos entrevistados que já visitaram o museu. Através dos dados obtidos nestas questões, comparados e contextualizados com os demais documentos e análise dos contextos em que estão inseridos, será possível identificar as representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG.

A frequência com que os entrevistados visitam o Museu foi uma das questões propostas e as respostas, para a análise, foram organizadas nas seguintes frequências de visita: uma vez, duas vezes, mais de três vezes, mais de cinco vezes, mais de 10 vezes. Como é possível observar no Gráfico 19, 67% dos entrevistados visitaram o Museu entre uma e duas vezes.

Gráfico 19 – Frequências de visita dos entrevistados ao Museu



Fonte: Da autora, 2017

Abaixo detalhamos os perfis dos entrevistados que visitaram o museu apenas uma vez e comparando com aqueles que visitaram mais de dez vezes o Museu, buscando destacar em cada frequência as variáveis que possam contribuir para a visita do Museu ou não.

Tabela 9 – Perfil dos entrevistados que visitaram o Museu apenas uma vez

Gênero: Homens: 63% Mulheres: 37%	Escolaridade: 1º Grau incompleto: 13% 2º Grau incompleto: 37% 2º Grau completo: 25% Superior incompleto: 13% Superior completo: 6% Pós- graduação: 6%	Ocupação: Estudante: 20% Empresário: 25% Aposentado: 6% Desempregado: 6% Funcionário público: 12% Outros: 31%
Idade: 18 a 24 anos: 25% 25 a 34 anos: 37% 35 a 44 anos: 20% 45 a 54 anos: 6% Mais de 55: 12%	Renda Familiar: 1salário mínimo: 25% 2salários mínimos: 19% 3 salários mínimos: 19% Mais de 3 salários: 37%	Natural de Corupá: Sim: 37% Não: 63%

Fonte: Da autora, 2017

Dentre os que visitaram o Museu apenas uma vez, ainda, é possível acrescentar que 59% afirmaram não ter o costume de visitar museus.

Tabela 10 – Perfil dos entrevistados que visitaram o Museu mais de dez vezes

Gênero: Homens: 62,5% Mulheres: 37,5%	Escolaridade: 1º Grau incompleto: 37,5% 1º Grau completo: 25% 2º Grau incompleto: 12,5% 2º Grau completo: 25%	Ocupação: Aposentado: 37,5% Autônomo: 12,5% Outros: 50%
Idade: 25 a 34 anos: 25% 45 a 54 anos: 12,5% Mais de 55: 62,5%	Renda Familiar: 1salário mínimo:12,5% 2salários mínimos: 75% 3 salários mínimos: 12,5%	Natural de Corupá: Sim: 75% Não: 25%

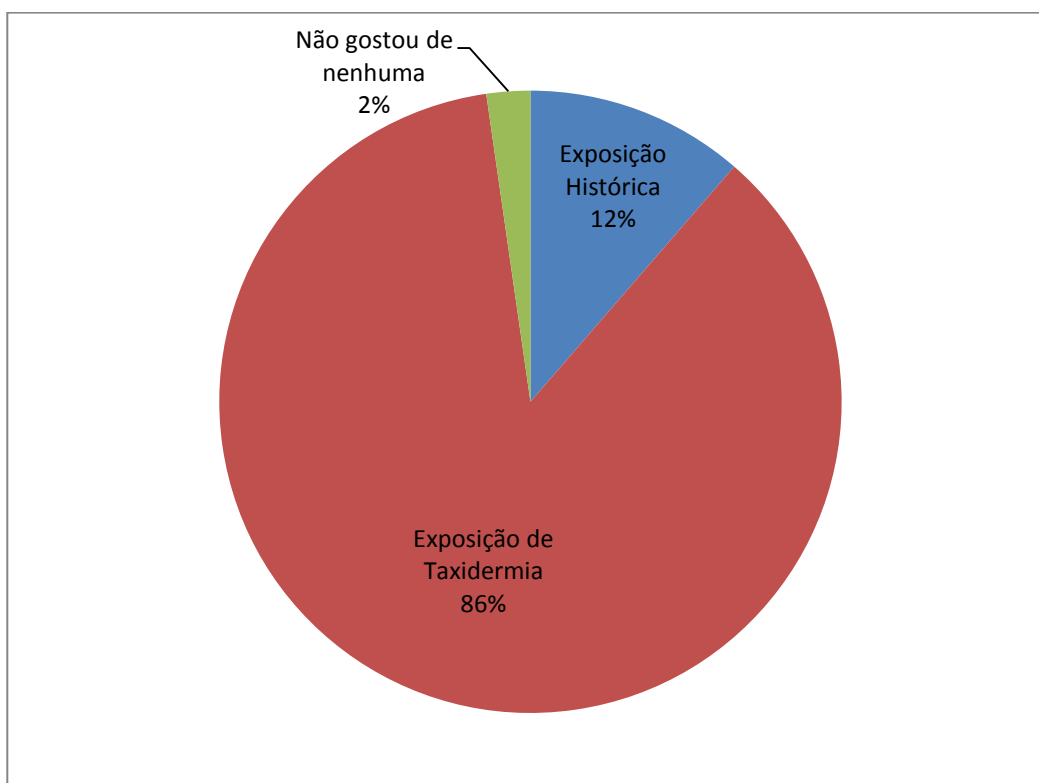
Fonte: Da autora, 2017

E deste grupo de entrevistados, que afirmou ter visitado o Museu mais de 10 vezes, 60% afirmou também, que tem o hábito de visitar museus, ou seja, a frequência de visitação está relacionada a hábitos próprios de cada entrevistado.

No grupo que visitou apenas uma vez o Museu, a maioria está na faixa etária de 18 a 34 anos, já no grupo de entrevistados que visitou o Museu mais de dez vezes, 62,5% está na faixa etária de mais de 55 anos, possui o 1º grau incompleto e é aposentado. Desta forma, podemos considerar que a idade é um fator decisivo quando se trata de frequência de visitação ao Museu.

Como foi apresentado no capítulo 1, o Museu possui atualmente duas exposições, uma de animais taxidermizados, coleção que é visitável desde 1933 e uma exposição sobre a história do Seminário que foi inaugurada em 2013. Através de uma questão, foi possível mensurar quantos entrevistados já conheceram as duas. Foi constatado que 65% dos entrevistados visitaram as duas exposições e 35% visitou apenas a exposição de taxidermia. Dentre os que visitaram as duas exposições, 86% gostaram mais da exposição de taxidermia, 12% da exposição histórica e 2% não gostou de nenhuma exposição, como é possível observar no Gráfico 20.

Gráfico 20 – No Museu, a exposição que os entrevistados mais gostaram



Fonte: Da autora, 2017

Foi analisado o perfil do grupo de entrevistados que gostou mais da exposição histórica e também, daqueles que consideraram a exposição de taxidermia como mais atrativa, os dois perfis foram analisados e comparados.

Tabela 11– Perfil dos entrevistados que gostaram da exposição histórica

Gênero: Homens: 100%	Escolaridade: 1º Grau incompleto: 40% 2º Grau incompleto: 60%	Ocupação: Aposentado: 60% Autônomo: 20% Outros: 20%
Idade: 25 a 34 anos: 20% 45 a 54 anos: 20% Mais de 55: 60%	Renda Familiar: 1salário mínimo: 20% 2salários mínimos: 40% Mais de 3 salários: 40%	Natural de Corupá: Sim: 60% Não: 40%

Fonte: Da autora, 2017

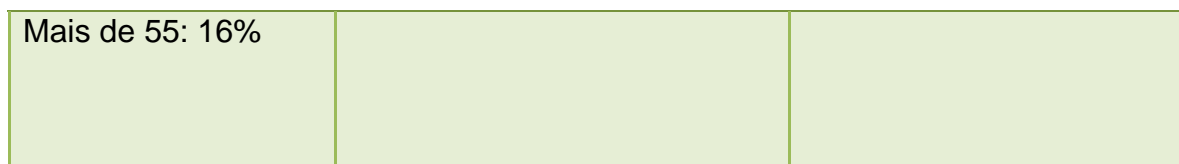
O grupo de entrevistados que gostou mais da exposição histórica é formado por homens, com mais de 55 anos, com o 2º grau incompleto, aposentados e

naturais de Corupá. Buscando ainda esclarecer mais a questão em relação à visão desse grupo sobre museus foi relacionado que 60% acredita que o museu é um espaço de história, 60% costuma visitar museus e 40% já visitou o MILGG mais de dez vezes. Ou seja, é um grupo que relaciona museu com história, deste modo, talvez essa visão sobre museu possa ter influenciado no momento de indicar qual a exposição de que mais gostou.

Já o grupo que preferiu a exposição de taxidermia é formado (Tabela 12) por 54% de mulheres, idade entre 25 a 34 anos, com 2º grau incompleto, naturais de Corupá. Para 46% deste grupo, museu é um espaço de história, mas, 51% não costuma visitar museus e 67% visitou o MILGG entre uma e duas vezes.

Tabela 12 – Perfil dos entrevistados que gostaram da exposição de taxidermia

<p>Gênero:</p> <p>Homens: 46%</p> <p>Mulheres: 54%</p>	<p>Escolaridade:</p> <p>Nenhuma: 3%</p> <p>1º Grau incompleto: 11%</p> <p>1º Grau completo: 11%</p> <p>2º Grau incompleto: 30%</p> <p>2º Grau completo: 24%</p> <p>Superior incompleto: 5%</p> <p>Superior completo: 8%</p> <p>Pós-graduação: 8%</p>	<p>Ocupação:</p> <p>Estudante: 11%</p> <p>Empresário: 11%</p> <p>Aposentado: 3%</p> <p>Dona de casa: 5%</p> <p>Desempregado: 5%</p> <p>Funcionário público: 8%</p> <p>Autônomo: 11%</p> <p>Outros: 46%</p>
<p>Idade:</p> <p>18 a 24 anos: 16%</p> <p>25 a 34 anos: 38%</p> <p>35 a 44 anos: 8%</p> <p>45 a 54 anos: 22%</p>	<p>Renda Familiar:</p> <p>1 salário mínimo: 22%</p> <p>2 salários mínimos: 27%</p> <p>3 salários mínimos: 19%</p> <p>Mais de 3 salários: 32%</p>	<p>Natural de Corupá:</p> <p>Sim: 54%</p> <p>Não: 46%</p>



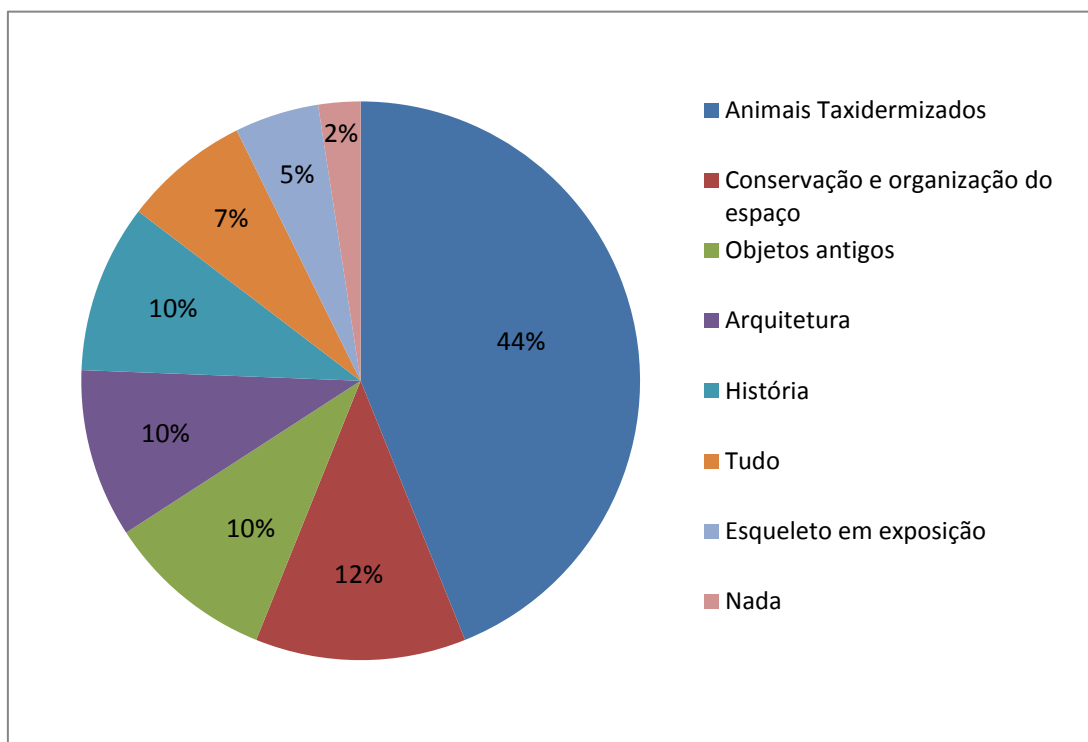
Fonte: Da autora, 2017

É importante destacar que a exposição de taxidermia, que é a que a população mais gosta, desde sua instalação em ala específica para o Museu, em 1953, não passou por grandes intervenções, ainda conserva o mobiliário expositivo deste período e, em questão de recursos expográficos, é mais limitada. O gosto pela exposição de taxidermia é um fator que requer atenção quando se pensa em representações sociais sobre este Museu.

Além da preferência pelas exposições, os entrevistados foram questionados sobre o que mais lhe chamava a atenção no Museu, 55% dos entrevistados respondeu a esta pergunta, mas, 45% não quis responder. Para essa pergunta foi anotada a resposta tal qual o entrevistado falou, e depois, para a análise, as respostas foram classificadas por aproximação, por exemplo, quem falou animais, bichos, onças, foram todos agrupados na categoria animais taxidermizados.

Para 44% dos entrevistados, o que mais chama a atenção no Museu são os animais taxidermizados, para 12% a conservação e organização do espaço, para 10% os objetos antigos em exposição, para 10% a arquitetura, para 10% a história do espaço, para 7% tudo chama a atenção, para 5% o esqueleto em exposição e para 2% dos entrevistados não há nada que chame a atenção, como é possível observar no Gráfico 21.

Gráfico 21 – No Museu, o que mais chama a atenção dos entrevistados



Fonte: Da autora, 2017

Novamente a exposição de taxidermia chama a atenção dos entrevistados e aparece em destaque em relação às demais respostas. A coleção de animais taxidermizados por Ir. Luiz tem uma questão estética ímpar, quando se fala em técnica de taxidermizar, ele conseguiu dar a maior expressão de naturalidade possível para a peça, além disso, colecionou diferentes representantes da fauna brasileira e animais exóticos, essas podem ser algumas das características que contribuem para essa atenção voltada à coleção de animais taxidermizados.

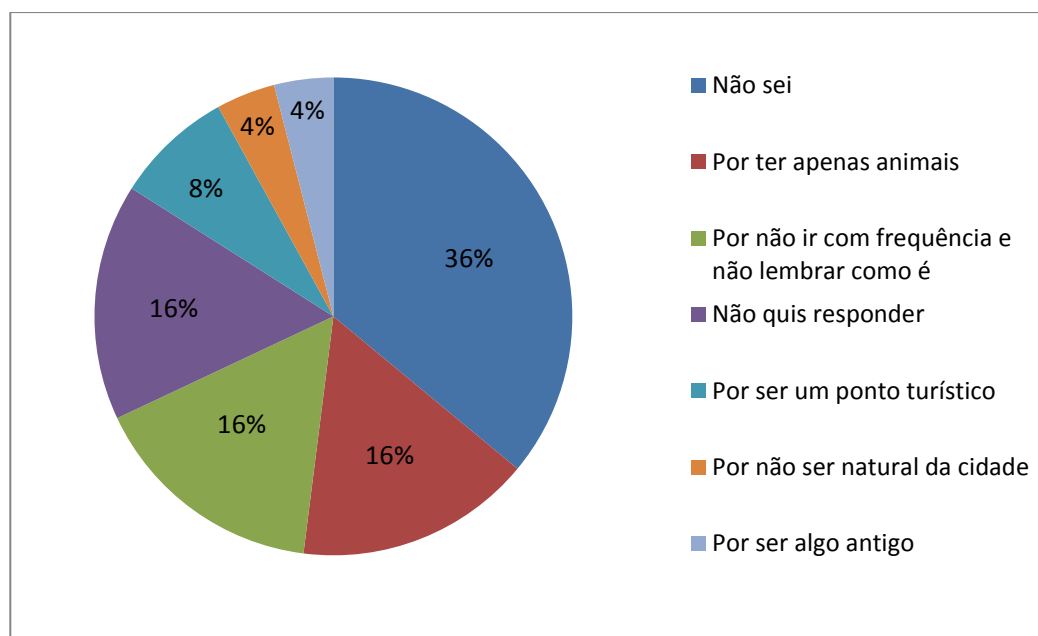
A atração e fascínio dos visitantes relacionados à coleção zoológica do Museu são reflexos de um processo histórico e cultural que se configura na relação homem - natureza (SCHWARZ, 2007). No contexto urbano atual essa curiosidade pela fauna e a flora é intensificada pela concretude das cidades e também pelos debates de biodiversidade e preservação ambiental. Segundo Schwarz:

[...] o amor, a afinidade e a necessidade para com a natureza são perceptíveis, no que os psicólogos evolucionários vão empregar o termo biofilia para se referir a esta atração hereditária e emocional das pessoas para com a natureza e para com outros organismos vivos (SCHWARZ, 2007, p. 165)

Conhecendo os interesses específicos dos entrevistados em relação ao Museu, foi questionado também se ele se sentia representado no museu, 54% disseram que não se sentem representados e 46% afirmaram que se sentem representados. Não foi possível identificar no perfil dos entrevistados alguma variável determinante para essas respostas.

Tanto para os que responderam que se sentem representados quanto para os que não, foi perguntado o porquê de tal resposta. Entre os que não se sentem representados no Museu, 36% disseram não saber explicar o motivo, 16% não se sentem representados por ter apenas animais no Museu; 16% não se sentem representados porque não vão ao Museu com frequência e não lembram como ele é, 16% não quiseram responder o motivo, 8% não se sentem representados por considerar que o Museu é um ponto turístico, 4% consideram que não são representados por não serem naturais de Corupá e 4% não se consideram representados por se tratar de algo antigo, o Gráfico 22, nos permite visualizar a distribuição destes dados.

Gráfico 22 – Motivos pelos quais os entrevistados não se sentem representados no Museu



Fonte: Da autora, 2017

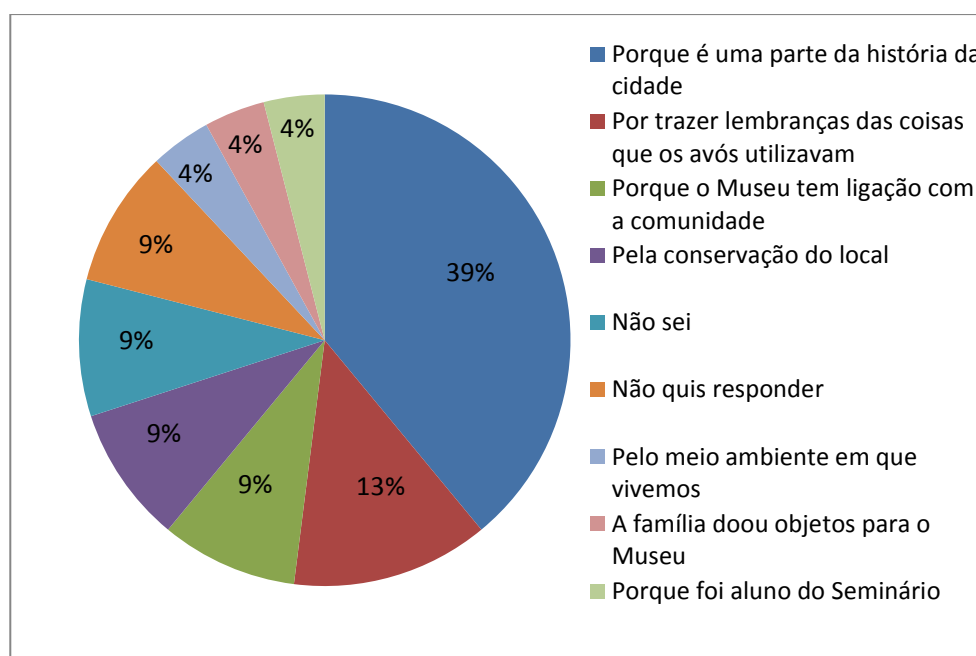
É importante ressaltar que entre os entrevistados que não se sentem representados e que explicaram o motivo disso, 75% visitou as duas exposições e

disse ter gostado mais da exposição de taxidermia, ou seja, apesar de terem gostado da exposição, não houve um sentimento de pertencimento ou reconhecimento naquilo que está em exposição.

Neste grupo ainda, 52% acreditam que o patrimônio cultural deve ser preservado pelo seu valor histórico e que museu é espaço de história para 40%, ou seja, no MILGG, não há essa ligação com a história, que é o que dá sentido e valor ao bem, por mais que a exposição de taxidermia agrade aos olhos e instigue a atenção, ela não aproxima 54% dos habitantes de Corupá a algo que lhes seja comum, ou que lhes traga algum tipo de memória.

Dos 46% dos entrevistados que se sentem representados no Museu (Gráfico 23), 39% justificaram que é uma parte da história da cidade, 13% por trazer lembranças das coisas que os avós utilizavam, 9% porque o Museu tem ligação com a comunidade, 9% pela conservação do local, 9% responderam não saber, 9% não quiseram responder o motivo, 4% pelo meio ambiente em que vivemos, 4% porque a família doou objetos para o Museu e 4% porque foram alunos do Seminário.

Gráfico 23 – Motivos pelos quais os entrevistados se sentem representados no Museu



Fonte: Da autora, 2017

Dentre os motivos apresentados pelos 46% de entrevistados que se sentem representados, três estão diretamente ligados às questões de memória, lembrando sempre que é através da memória que fazemos os processos de ancoragem e

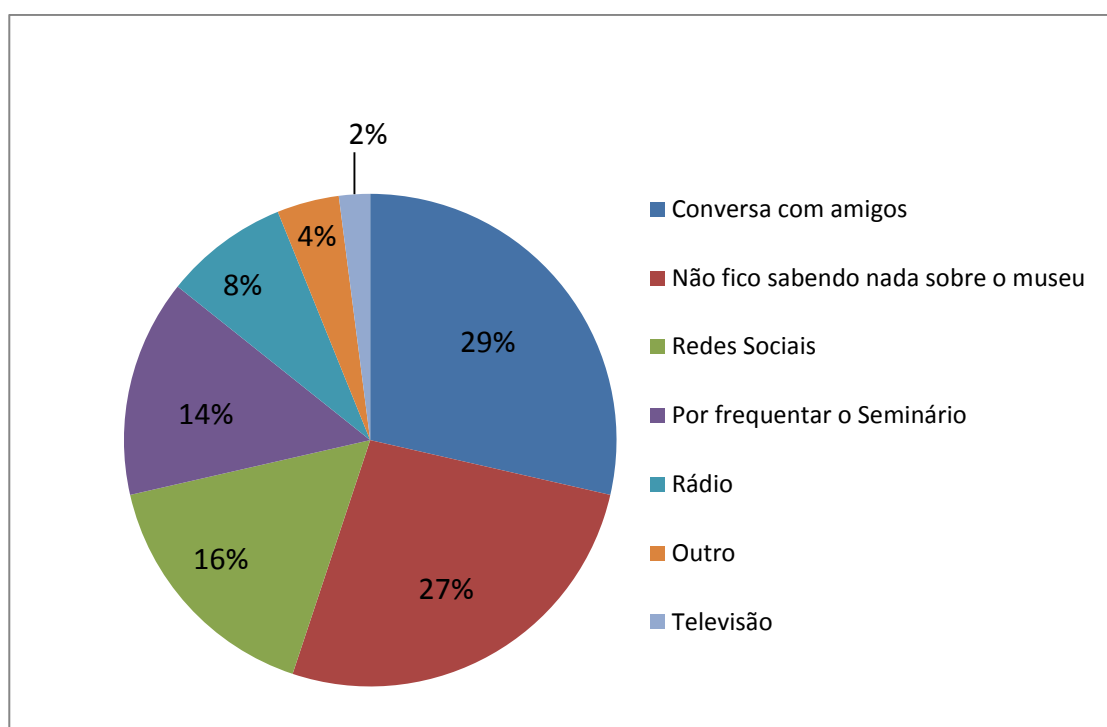
objetivação para a construção de representações sociais. O primeiro motivo, que representa 9% dos entrevistados que vão ao Museu e se lembram das coisas que os avós utilizavam, está relacionado a lembranças de suas próprias histórias de vida. Os dois outros motivos cada qual representando apenas 4%, se vinculam diretamente a dois grupos específicos em relação ao Museu e sua historicidade, o primeiro, é o das famílias da cidade que auxiliaram no desenvolvimento do Museu através da doação de objetos, onde, o objeto doado presente no acervo se converte em laço de relação entre Museu e história familiar. O segundo grupo se refere àqueles que possuem representações únicas sobre o Museu, os que ali foram alunos e viveram o cotidiano da instituição, compartilham uma mesma história. O que vale ressaltar nestes três grupos, é que, os motivos que os levaram a se sentir representados no Museu não foram criados através de uma visita às exposições, mas estão diretamente relacionados a um sentido de pertença, de quem viveu esse Museu de forma diferente de um mero espectador.

Os entrevistados que se sentem representados apontaram o fato de ser parte da história da cidade o motivo para esse sentimento, mas, pouca referência há no Museu sobre a história da cidade, ou da própria história do Museu e do Seminário com a cidade, essa relação existe, mas, ela não é tratada na exposição de 2013. Esse sentir-se representado “por se tratar da história do município” pode estar vinculado à importância da Instituição para a cidade, ou pelo entendimento do Seminário como patrimônio da cidade, isto porque, 56% dos entrevistados que disseram se sentir representados conheceram só a exposição de taxidermia do Museu e é na exposição histórica que há algumas informações sobre a cidade. Desta forma, acredita-se que, os entrevistados se sentem representados por se tratar da história da cidade, não relacionando o Museu como um museu da história da cidade, mas, um museu que está instalado em um patrimônio cultural da cidade e este sim representa uma longa e próxima história com a cidade e seus habitantes.

Como mencionado anteriormente, as representações sociais são construídas histórica e socialmente, e também, é na comunicação, através das relações sociais movidas pelo diálogo que as representações são construídas, influenciadas, espalhadas e modificadas. Desta forma, foi essencial perguntar aos entrevistados como eles ficaram sabendo de tudo que falaram ao longo das perguntas do formulário sobre o Museu.

Constatou-se que, o boca a boca, ainda é a forma mais eficaz de receber e compartilhar informações, 29% dos entrevistados fica sabendo sobre o Museu através de conversas com amigos, 27% não fica sabendo nada sobre o Museu, 16% através das redes sociais, 14% por frequentar o Seminário, 8% através do rádio, 4% por outros meios e 2% através da televisão, como é possível observar no Gráfico 24.

Gráfico 24 - Como os entrevistados obtêm informações sobre o Museu



Fonte: Da autora, 2017

O que preocupa nesses dados é a quantidade de moradores que não fica sabendo de nada que acontece no Museu, talvez os meios de divulgação da instituição não estejam chegando de forma eficaz para toda a comunidade. Mas, ao mesmo tempo, essa questão revela espaços que podem ser potencializados pelo Museu, como as redes sociais e o próprio espaço externo do Seminário.

Nessa questão, foi percebido que um fator que influenciou nas respostas foi a faixa etária, por isso, foram feitos cruzamentos das respostas com a idade do entrevistado, conforme a Tabela 13.

Tabela 13 – Como os entrevistados obtêm informações sobre o Museu X Faixa etária

18 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	Mais de
---------	---------	---------	---------	---------

	anos	anos	anos	anos	55 anos
Conversa com amigos	15%	23%	8%	0%	54%
Rádio	0%	25%	0%	50%	25%
Televisão	100%	0%	0%	0%	0%
Redes Sociais	12,5%	50%	12,5%	25%	0%
Não fico sabendo nada	23%	38%	8%	23%	8%
Outros	0%	67%	0%	0%	33%
Por frequentar o Seminário	33%	0%	17%	17%	33%

Fonte: Da autora, 2017

É possível observar que 54% dos entrevistados que afirmou que sabe sobre o Museu através de conversas tem mais de 55 anos, já, em se tratando de redes sociais, 75% dos que sabem do Museu através desse recurso estão entre 18 e 44 anos.

O fundador Ir. Luiz, como já mencionado, foi uma figura importante para a comunidade de Corupá, mas, faleceu em 1988 e desde lá o Museu tomou diversos rumos, aproveitou-se para averiguar se o Ir. Luiz ainda era conhecido pela população, foi perguntado se o entrevistado já ouviu falar dele e, se ouviu, o que seria. 67% dos entrevistados já ouviram falar e 33% nunca ouviram.

Dos que já ouviram falar, 43% estava relacionado ao Museu e seu papel como fundador, 36% não lembravam o que haviam escutado sobre Ir. Luiz, 14% disse que ele era um “padre” antigo do Seminário e 7% que era um homem que cuidava de animais no Seminário. Como é possível perceber, todos lembraram algo que está relacionado com o que o Ir. Luiz fazia.

É importante ressaltar que 79% dos entrevistados que sabia algo sobre Ir. Luiz está na faixa etária de 45 anos a mais de 55 anos, ou seja, são pessoas que tem idade para se lembrar do Ir. Luiz em seus trabalhos no Seminário.

Nessa série de questões no formulário, havia uma pergunta onde o entrevistado deveria dizer as três primeiras palavras que viessem a sua mente quando pensasse no Museu, as três palavras foram anotadas na ordem em que

foram ditas e assim, foi possível levantar quais são as palavras mais lembradas associadas a este Museu, conforme a Tabela 14.

Tabela 14 – Primeira palavra mencionada pelos entrevistados ao pensarem no Museu

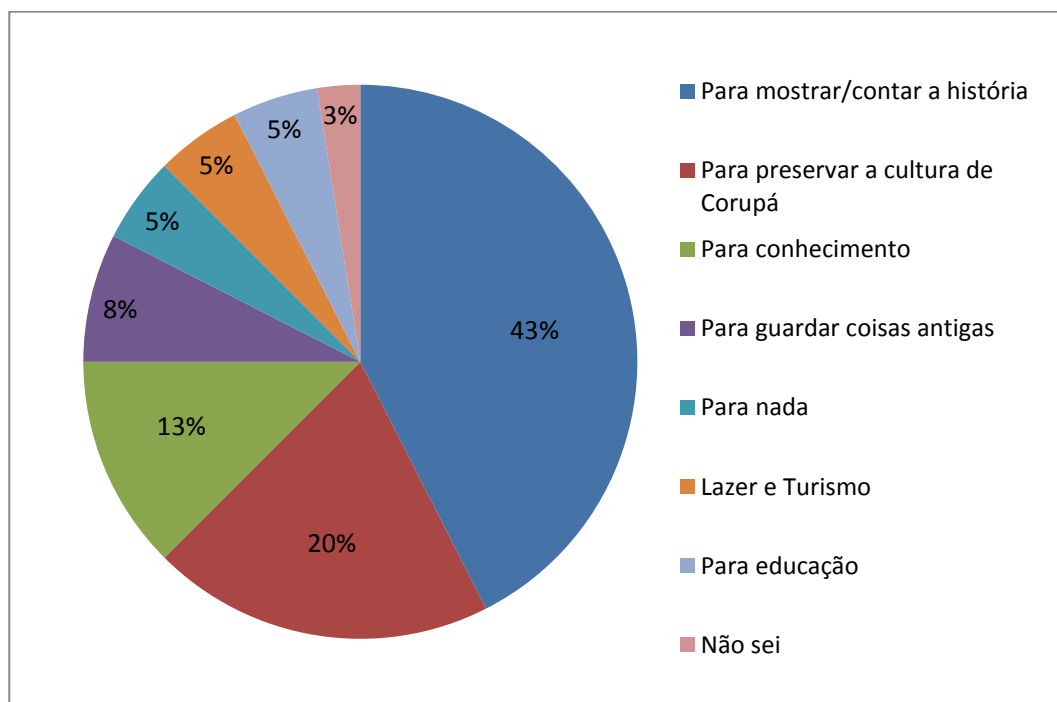
Antigo	22%
História	19%
Animais empalhados	13%
Não quis responder	8%
Não sabe	6%
Seminário	4%
Visita	4%
Igreja	4%
Preservação	4%
Conservação	2%
Cultura	2%
Curiosidade	2%
Beleza	2%
Natureza	2%
Esculturas	2%
Carroça	2%
Passado	2%

Fonte: Da autora, 2017

Como é possível perceber, as palavras levantadas reforçam três aspectos que voltam a aparecer frequentemente nas respostas dos entrevistados, a relação de museu com o antigo, a relação de museu com a história e o destaque da coleção de taxidermia no MILLG.

Foi questionado aos entrevistados para que serve este Museu, essa resposta também foi anotada tal qual o entrevistado explicou e depois, para a análise, foram agrupadas em categorias, para 43% dos entrevistados o Museu serve para contar e mostrar a história, para 20% para preservar a cultura de Corupá, 13% para conhecimento, 8% para guardar coisas antigas, 5% para educação, 5% para lazer e turismo, 5% para nada e 3% não sabem, conforme Gráfico 25.

Gráfico 25 – Segundo os entrevistados, para que serve o MILGG



Fonte: Da autora, 2017

Com esses dados reforça-se a relação entre Museu e História, mesmo tratando-se de uma instituição onde a zoologia predomina e, apesar de não ser maioria, o fato de 5% considerar o Museu uma instituição inútil é um dado que preocupa, uma vez que o museu possui diversas funções sociais, que estão passando despercebidas a essa parcela da população. Mas, ao mesmo tempo já aparecem para a população funções mais próximas para aquilo que o Museu está buscando se direcionar: a educação e o conhecimento.

Após os entrevistados responderem para que serve o MILGG, foi questionado se eles acham que o mesmo poderia servir para outras coisas, 58% disse que não poderia e 42% que poderia, a esses, foi questionado para o que poderia servir.

Destes que afirmam que o MILGG poderia ter outro uso (Gráfico 26), 67% acham que poderia servir para conhecimento e aprendizado, 11% para lazer, 11% para eventos e 11% para expor objetos.

Gráfico 26 – Segundo os entrevistados para o que o MILGG poderia servir



Fonte: Da autora, 2017

Nesta questão se destaca o entendimento de museu como espaço de educação. No entanto, ao assinalar que o MILGG poderia também servir para o aprendizado, demonstra que essa atividade, que é tradicional na instituição, não é de conhecimento da maioria dos entrevistados. Apesar de ser uma atividade preponderantemente destinada a grupos escolares, deve-se pensar se aqueles respondentes ou seus familiares não fizeram parte de qualquer desses grupos durante suas trajetórias educacionais. Será que realmente o MILGG está cumprindo suas funções junto à sociedade onde está inserido? Ao que se deve o desconhecimento apontado?

Dentre todas as questões dessa série de perguntas do formulário, ficou muito claro que a núcleo central das representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG está no entendimento de museu como espaço de história.

Para a população, museu é um lugar onde se preserva e se mostra a história, neste caso, o MILGG, não é entendido pela população como museu, uma vez que possui uma exposição de animais, que conforme foi possível ver, chama a atenção, mas, não é relacionada com a história, já que possui uma exposição de história institucional, que exclui a Cidade, e passa a ter sentido para um grupo muito

específico. Ou seja, não conseguindo relacionar o Museu com história, a população o associa com o Seminário no qual está inserido, que é sim para a cidade um patrimônio cultural, desta forma, o MILGG, pela população, é associado como parte do Seminário apenas, razão pela qual a maioria dos entrevistados se refere a ele como “Museu do Seminário”.

Para reforçar essa representação, as atividades que o Museu está desenvolvendo, principalmente no âmbito da educação não estão alcançando esta população, que, cada vez mais, vê no Museu um espaço sem uma funcionalidade importante ou desejada.

Nessa pesquisa ficou nítido que o núcleo central das representações sobre Museu está centrado em sua vinculação com a História, ou seja, um Museu, seja ele qual for, segundo a sociedade investigada, tem como sua principal função mostrar a História. Com relação às representações que essa sociedade tem, especificamente sobre o MILGG, percebe-se que seu núcleo central está focado na coleção de animais taxidermizados, mas que ela não está, necessariamente, identificada como parte de uma instituição museal, isso se deve, provavelmente, a representações periféricas que demonstram um desconhecimento com relação às atividades educativas ali desenvolvidas e uma não vinculação desse museu para com a História. Dessa forma, a coleção de taxidermia torna-se algo independente das funções atualmente esperadas para um Museu e é a partir dela que o MILGG deve ser repensado. Uma possibilidade seria a de vincular essa exposição do MILGG à História das Ciências e ou à própria História dos Museus.

Conhecer seu espaço e seu público é essencial para a definição e planejamento de ações voltadas à concretização de uma função social, o uso da TRS se apresenta como uma ferramenta diferenciada para que na dimensão do social a instituição possa ter conhecimento de como é representada por sua comunidade e de que forma estas representações podem ser norteadoras para reforçar ou modificar representações.

O estudo das representações sociais sobre os museus oferece uma compreensão ampla dos múltiplos processos históricos e sociais que acontecem com esses espaços na sociedade contemporânea, possibilitando que outras vozes façam parte da construção e do estabelecimento de sentidos que terão em seu contexto. Os processos de identificação, ressignificação, apropriação, valorização,

defesa e difusão da memória ali apresentada estão intimamente ligados aos processos do conhecimento social da realidade e a uma compreensão histórica da realidade representada. Isso faz com que os indivíduos se identifiquem, reconhecendo-se ou não com esses espaços, incluindo-os ou não na sua vida cotidiana.

3.6 As Representações Sociais e a função social do “Museu do Seminário de Corupá”

Em relação aos dados anteriormente apresentados é possível perceber como o Museu é representado pela população de Corupá e de que forma, com a análise desses dados, podem ser propostas ações direcionadas para o entendimento e a concretização de uma função social.

Num primeiro momento, quando analisamos que parte da população considera o Museu como um espaço de história, está implícito o entendimento de uma das primordiais e básicas ações em relação à função de um museu: a guarda de objetos, associado à ideia de guarda se relacionam às ideias de preservação e conservação de coleções, mas, essa ação de guarda, quando condicionada ao objeto pelo objeto, se distancia da proposição da função social dos museus como espaço de comunicação, reflexão e crítica. No entanto, grande parte da população desconhece qual é o acervo do Museu, qual é sua missão, quais as atividades que desenvolve nos bastidores, quais as atividades voltadas para a população. O MILGG precisa divulgar seu espaço, seus acervos e as atividades que desenvolve.

O fato de parte da população não saber que existe um Museu na cidade, atrelado às questões sobre se já visitou e sobre se participa das atividades da instituição, instiga a pensar a proposição de museu integral, intensificador de transformações sociais e de debates em meio a sua comunidade, novamente vê-se que a população não reconhece o museu como instituição “autêntica”, como representativa dos interesses comuns da sociedade.

Como a maioria dos entrevistados que não visitou, afirmou que o ingresso é muito caro e que não sabe o horário de funcionamento, o Museu pode ampliar campanhas de gratuidade de ingresso para moradores da cidade, estipulando datas específicas para receber esse público. E também, reforçar os meios de divulgação

de sua programação e atividades, lembrando que é através de conversas, de redes sociais e por frequentar o Seminário que a população fica sabendo sobre o Museu.

A questão do Museu não ser visto separadamente do Seminário evidencia que para a população o importante é o Seminário, pensado aqui como complexo arquitetônico e paisagístico, dotado de valores de patrimônio cultural, e o Museu como espaço dentro dessa estrutura, mas não com uma função própria e/ou importante para a comunidade.

O desafio de se fazer entender como museu é uma das propostas que o MILGG deve assumir esta é uma das representações que ao longo do processo o Museu precisa trabalhar para modificar. Se para a população de Corupá museu só é museu se guarda e preserva uma história, no entanto, uma história que seja coletiva e compartilhada, o MILGG, precisa se apresentar como espaço que possui sim essa função, por mais que a exposição, que é o principal contato das pessoas com o Museu não explicita essa relação. Podem-se pensar formas e estratégias de divulgar a importância que o Museu tem como espaço de história para a cidade, mesmo que essa relação seja através dos acervos que preserva ou do seu próprio papel nos enredos da cidade.

Ao MILGG cabe o desafio de não entender a população de Corupá como público, mas, como partícipe, como comunidade. Se aproximar dos moradores da cidade através daqueles que aos fins de semana utilizam das áreas de lazer do Seminário é um caminho possível para, num primeiro momento acessar essa população e convidá-la ao Museu.

Considerando também o campo do patrimônio cultural na cidade, o Museu pode se fazer espaço de debates e trocas de temáticas que afloram no cotidiano de Corupá, porque não promover seminários, fóruns, experienciar situações da própria cidade que permitam refletir sobre história, patrimônio, cultura, memória, identidade?

A educação é umas das principais atividades desenvolvidas atualmente no que tange ao entendimento de ações vinculadas a uma função social. Mas, quando questionados para que este espaço poderia servir, a população aponta que é para ensino e conhecimento. Partindo do entendimento de museu como espaço de educação não formal nota-se que as atividades atualmente desenvolvidas não abrangem essa população, talvez pelo fato de serem desenvolvidas com faixas etárias em idade escolar, acabam não atingindo a população como um todo, e

também porque as escolas de Corupá não são as mais atendidas nestas propostas. O Museu pode se envolver mais com as escolas locais, propor e promover programas de educação ambiental e patrimonial, realizar programas de diálogo e capacitação com os professores das redes de ensino.

As ações do Museu, considerando sua preocupação como instituição possuidora de uma função social e considerando como a população de Corupá a representa, podem ser executadas, nos mais diversos âmbitos, em demandas realmente possíveis, que perpassem desde mudanças na expografia, na monitoria nas exposições, na divulgação das atividades do museu nos mais diversos meios de comunicação, assim como na interação do Museu com a comunidade através do espaço do Seminário.

A identificação das representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG trouxe diversas questões que se quer estavam na pauta de debates da instituição. Poderia o MILGG saber que a população não o representa como museu? Ou que, tudo aquilo que está sendo feito principalmente no âmbito educacional tem reforçado as representações sobre o Museu ao invés de caminhar para sua modificação? Sem esse entendimento de contexto histórico e social, nessa relação individual e coletiva que uma pesquisa em representações sociais proporciona, talvez o MILGG não conseguiria direcionar para onde está o caminho alcançável de uma função social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi o de identificar e analisar as representações sociais da população de Corupá sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, discutindo como as análises a partir da Teoria das Representações Sociais podem contribuir para o estudo das funções sociais dos museus. Desta forma, esse trabalho foi conduzido relacionando os conceitos de patrimônio cultural, museus, função social e representações.

Durante a pesquisa, viu-se que a realização de uma análise das representações sociais de uma população, voltada para um bem específico, neste caso, o MILGG e direcionado para a concretização de uma proposta que traga retornos no âmbito social e cultural para uma comunidade, acredita-se que esse tipo de metodologia é eficaz, já que possibilita entender a realidade posta através de aspectos no âmbito histórico e social. Não se trata apenas de uma análise matemática, trata-se de dados preenchidos de vida, de trajetória, de relações sociais, de rupturas, ressignificações. Essa riqueza no cruzamento de dados e análises permite que, a partir do conhecimento do que influencia e de como são construídas as representações sociais da população de Corupá sobre o Museu, sejam propostas ações a serem desenvolvidas na Instituição para essa população.

Partindo da hipótese de que o Museu era um patrimônio cultural de Corupá, e de que as representações são construídas socialmente, buscou-se entender como o Museu era entendido como bem de valor patrimonial na cidade, mas, a pesquisa revelou que a cidade ainda possui uma visão extremamente tradicional de patrimônio cultural e museus, e que, o MILGG, como instituição autônoma, não era entendido como museu pela cidade, sua significância está intrinsecamente ligada ao Seminário. Diante das primeiras hipóteses que foram derrubadas, os contextos observados a partir da análise de representações sociais, demonstrou que essa teoria possibilita a compreensão dos significados que o patrimônio cultural tem para os moradores de Corupá, a forma como eles foram construídos e influenciam nos processos de pertencimento e preservação do patrimônio.

Indo ao encontro da fundamentação teórica, seja ela relacionada às representações sociais ou ao campo do patrimônio cultural, se confirmou em

diversos momentos que a memória fundamenta a produção de representações sociais, no caso, a memória utilizada nos processos de ancoragem e objetivação.

Acredita-se que as ideias difundidas sobre o campo do patrimônio cultural, sobre os museus, associadas à quase ausência de debates e situações práticas dessa temática na cidade, foram essenciais para se construir representações sociais sobre patrimônio cultural e museus, tão vinculados a uma ideia tradicional, relacionada à monumentalidade, materialidade e excepcionalidade de bens.

Com os dados analisados foi possível identificar as representações sociais sobre o MILGG, visões e propostas dos moradores de Corupá em relação a este espaço. Ainda possibilitaram o reconhecimento de diferentes aspectos ligados ao patrimônio cultural do município, que confirmaram que o Seminário é considerado um patrimônio cultural, mas, o Museu, ainda não.

Os dados levantados demonstraram que as representações da população sobre o Museu referem-se ao não entendimento do MILGG como museu, pois para a população museu é lugar de história. No processo de construção de representações sociais, através da familiarização com o não familiar, nos processos de ancoragem e objetivação aconteceu quando se depararam no MILGG com uma exposição de animais taxidermizados e não de uma “exposição de história”, a forma de familiarizar a ideia de um museu na cidade foi não vê-lo como museu, foi percebê-lo como coleção de taxidermia dentro do Seminário.

Desta forma, a ideia de museu como espaço de história foi identificada como núcleo central das representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG, é o reconhecimento desse núcleo central que possibilita a atuação sobre o contexto em que essas representações estão sendo objetivadas, e iniciar um processo de modificação dessas representações embasado em dados concretos.

Nas diversas questões postas, foi necessária a identificação do perfil dos entrevistados, que mostrou a configuração da amostragem e possibilitou o cruzamento de dados para a localização dos fatores determinantes sobre as representações sociais e a identificação dos grupos.

Foi possível identificar que as representações da população de Corupá sobre o Museu são construídas através do boca a boca, com ideias e visões, passadas nas mais diversas rodas de conversas, nos mais diversos espaços, resultado dos processos de relações sociais, o patrimônio cultural e museus são temas pouco

conhecidos na cidade, muitas vezes a informação que aqui chega sobre isso se refere à realidade de outras cidades, e são essas informações baseadas naquilo que se ficou sabendo sobre o tema que vai ser o referencial para construção das representações. Esse é um dos motivos que as visões de patrimônio cultural e museu se apresentem de forma tão estática para a população, elas vem baseadas em um referencial distante do cotidiano da cidade.

A população tem a compreensão do que é patrimônio cultural, lhe atribui sentidos que garantem sua preservação e determinam quais são os patrimônios da cidade, entre eles o Seminário. Essa relação entre o que é, porque é e qual é, define o núcleo central das representações da população de Corupá sobre o patrimônio cultural, ancoradas nas representações do histórico, do material e do monumento, convergem para o Seminário ser a concretização da representação social da população sobre o patrimônio da cidade. E quando se vê o Seminário em pleno estado de conservação, se tem a ideia de que o papel de preservar o patrimônio está sendo cumprido por toda a comunidade.

A análise das primeiras palavras que vem à mente do entrevistado quando ele pensa no MILGG, possibilitou compreender como o Museu é visto e, como já era esperado, a história – núcleo central das representações sobre o MILGG – e os animais taxidermizados – representação periférica sobre o Museu – aparecem destacadas das demais. Contudo, essas palavras apontam para as ações que o Museu precisa tomar considerando o conhecimento de seus acervos e sua estrutura institucional pela população.

Acredita-se que superando qualquer pesquisa de público já realizada no MILGG, essa pesquisa permitiu adentrar no campo do pensamento social, para entender o que a cidade pensa sobre o Museu, mas, não só o que ela pensa, a teoria das representações sociais permite entender porque ela pensa desse jeito, quais são os fatores, os acontecimentos e os contextos que influenciam determinadas representações.

Para um museu tradicional como o MILGG, fazer-se um museu social requer primeiramente uma retomada na relação com sua comunidade, através de novas narrativas e novas práticas. Essa dissertação se propôs identificar as representações que a população de Corupá tem sobre o Museu como um primeiro passo para esse direcionar de novas ações para a Instituição. A identificação das

representações sociais possibilitou conhecer quem é essa população; o que ela pensa sobre o Museu e o que ela espera do Museu, mas, além disso, compreender o que a população entende sobre patrimônio cultural e museus, foi basilar para a compreensão de como essas representações foram percebidas ao longo do estudo. Cabe agora ao MILGG elaborar ações que visem à concretização de sua função, isso possibilitará à Instituição iniciar um processo de transformação, não de suas estruturas, mas de suas perspectivas.

Está claro que, para ser um museu social, o MILGG precisa seriamente iniciar um processo de modificação de todas essas representações sociais, não podemos esquecer que as representações são construídas histórica e socialmente e que, desconstruí-las, requer os mesmos processos, esse estudo, objetivando a identificação e análise das representações foi uma primeira ferramenta nas mãos da instituição, para, se for de seu interesse, modificar essas estruturas.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALBA, M. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In:ALMEIDA, A.M.O et.al.(orgs.). **Teoria das Representações Sociais 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011.

ALMEIDA, Angela M.O, JODELET, Denise (Org). **Representações Sociais: Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas**.Brasília: Thesaurus, 2009.

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (Orgs.). **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as Possibilidades do Planejamento**. Campinas: Papirus, 2000.

BAUER, Martin. A popularização da ciência como “imunização cultural”: a função de resistência das Representações Sociais. In:GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BUSSARELO, Hilário Raulino. **Álbum jubilar: 75 anos de existência da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus 1878-1953; 50 anos de atividades no Sul do Brasil da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus 1903-1953**. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1953.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**.4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do pensamento museológico brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 20, n. 20, 2003.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006

CHAGAS, Mario. GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Museologia Social. Cadernos do Ceom**. Ano 27, n.41. Chapecó: UnoChapecó, p. 9-22, 2004. .

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FERRARI, C.D.P; GUEDES, S.P.L.C. A contribuição da Teoria das Representações Sociais para o estudo do patrimônio cultural: o exemplo da Ilha da Rita/SC. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2012, Niterói. **Anais...** Niterói: Aninter, 2013, p. 1-18.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e do cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho. "Sem dinheiro não há salvação": ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ICOM INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Mesa-Redonda de Santiago do Chile. 1972. Disponível em: <http://www.museologiaportugal.net/files/texto_de_apoio_01_declaracoes.pdf>. Acesso em: 4 set. 2016.

KOCH, Eloy Dorvalino. **Convento SCJ**. São Paulo: Santuário de Aparecida, 1993.

_____. **Irmão Luiz Gartner S. C. J., perfil biográfico: em contexto brusquense e dehoniano**. Brusque: Mercúrio, 2010.

KORMANN, José. **Hansa Humboldt ontem, hoje Corupá**. s.e.,s.l.,1992.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: I FÓRUM NACIONAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL, 2009, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Iphan, 2009, p. 25-9.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 1, p. 7-9, 1993.

OLIVEIRA, Jose Fernandes. Ir. Luiz Godofredo Gartner SCJ. **Circular SCJ**. p. 285-286, nov-dez, 1988.

RECHENA, Aida. Teoria as Representações Sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 41, p. 211- 244, 2011.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla dos. **Gestão, informação e comunicação museológica: um estudo comparativo entre pequenos e médios museus brasileiros e franceses**. 2011. 628 f Tese (Doutorado em Ciências e Informação)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SCHWARZ, Maria Luiza. **As Representações De Crianças e Adolescentes da Biodiversidade de Mata Atlântica na Região de Joinville** (Santa Catarina-Brasil). 2007. 272 f Tese (Ph.D. em Geografia)- Université de Montréal, 2007.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise de representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TORAL, Hernan Crespo. Seminário regional da Unesco sobre a função educativa dos museus. Rio de Janeiro – 1958. In: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (Orgs.). **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995.

UNESCO. **Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade**. 2015. Disponível em: <http://icom-portugal.org/multimedia/documentos/UNESCO_PMC.pdf>. Acesso em: 4 set. 2016.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Documentais

ARQUIVO PROVINCIAL PADRE LUX. **Revista Der Weigweiser**. Brusque, 1932. Acervo do Arquivo Provincial Padre Lux

BERTELLI, Pedro Wilson. **Pedro Wilson Bertelli**: entrevista [22 out. 2013]. Entrevista concedida a Joice Leticia Jablonski. Corupá, 2013. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus. 1 CD. 17 min. 22 seg.

BRASIL. Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto dos Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2009. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 4 set. 2016.

Irmão Luiz: 50 anos dedicados ao Seminário de Corupá. **Correio do Povo**. Jaraguá do Sul, 23 dez.1981, p.8.

Museologia motiva encontro em Corupá. **A Notícia**. Jaraguá do Sul, 09 abr. 2002,p. 3.

MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER. **Livros de Registro de Visitantes 1958 – 2017**. Corupá. Acervo do Arquivo do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner.

O Seminário Sagrado Coração de Jesus na vida de Corupá. **A Nação**. Blumenau, 15 mar. 1945, p. 6.

RODRIGUES, Ary. O Museu do Seminário. **Éco dos Seminários**. n.14, p. 9-10, 1957.

SCHEID, Rubem. O Nosso Museu. **Éco dos Seminários**. n.4, p. 9-10,1951.

SCHMIDT, Ir. Salesio. O Irmão Leigo e também um apóstolo. **Éco dos Seminários**, n.6, p. 25-27,1952.

SCHMITZ, Vicente. **A crônica do Pe. Vicente Schmitz: Hansa 1928 a 1945**. Corupá, 1982.

SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.**Atas das Reuniões do Corpo Docente do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1932 a 1996. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____.**Convite da programação da festa de inauguração da nova ala do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1953. Acervo do Arquivo do SeminárioSagrado Coração de Jesus

_____. **Folheto em comemoração aos 50 anos de vida religiosa de Ir. Luiz**. Corupá, 1979. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____. **Livro de Crônicas do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1940. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____. **Livro de Crônicas do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1953. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____. **Livro de Crônicas do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1978. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____. **Programa Convite do Cinquentenário de Hansa**. Corupá, 1947. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____. **Regimento do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1960. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

_____. **Relatórios Anuais das Atividades do Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Corupá, 1932 a 1996. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

35 anos a nossa espera. **ÉcoDehonista**. n.20, p. 12, 1966.

50 anos do Seminário Sagrado Coração de Jesus. **Informação**. São Bento do Sul, 11 abr. 1982, p. 16.

APÉNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA**1- Idade**

- a- () 18 a 24 anos b- () 25 a 34 anos c- () 35 a 44 anos d- () 45 a 54 anos
e- () mais que 55 anos

2- Sexo

- a- () Masculino b- () Feminino

3- Escolaridade:

- a- () nenhuma b- () 1º grau incompleto c- () 1º grau completo
d- () 2º grau incompleto e- () 2º grau completo f- () superior incompleto
g- () superior completo h- () pós-graduação

4- Religião:

- a- () católica b- () luterana c- () evangélica
d- () outra _____

5- Ocupação:

- a- () estudante b- () empresário c- () aposentado d- () dona de casa
e- () desempregado f- () funcionário público g- () autônomo
h- () outro _____

6- Renda Familiar:

- a- () 1 salário mínimo b- () 2 salários mínimos c- () 3 salários mínimos
d- () mais de 3 salários mínimos

7- É natural de Corupá?

- a- () Sim b- () Não

8- Se respondeu NÃO na pergunta anterior, mora em Corupá há:

- a- () menos de 1 ano b- () entre 1 e 5 anos c- () entre 6 e 10 anos
d- () entre 11 e 15 anos e- () há mais de 20 anos

9- Mora em qual Bairro? _____**10- Você sabe o que é Patrimônio Cultural?**

- a- () Bens que possuem valor e significado para determinado grupo ou para todos.
b- () O que é guardado/acumulado ao longo dos anos.
c- () Coisas antigas, sem muito significado.
d- () Museus e coisas do tipo.
e- () A propriedade de uma pessoa.
f- () A natureza
g- () Outro: _____

11- Quem deve preservar o Patrimônio Cultural?

- a- () Prefeitura.
b- () Empresas.
c- () Comunidade.
d- () Governo do Estado.
e- () IPHAN – órgão federal.
f- () Proprietário.
g- () Ninguém.
h- () Outro: _____

12- Por que preservar o Patrimônio Cultural?

- a- () Valor estético (beleza).
b- () Valor Histórico.
c- () Valor Financeiro.
d- () Valor Sentimental/Memória.
e- () Turismo.
f- () Não sei.
g- () Outro: _____

13- Como avalia a atenção que se dá para o patrimônio cultural em Corupá? Dê uma nota de 0 a 5. Sendo que 0 significa péssimo e 5 ótimo.

- a- () 0.
- b- () 1.
- c- () 2.
- d- () 3.
- e- () 4.
- f- () 5.

14- Há algum Patrimônio Cultural em Corupá?

- a- () Seminário Sagrado Coração de Jesus
- b- () Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner
- c- () Antiga Fábrica Baümler
- d- () Praça Arthur Muller
- e- () Rota das Cachoeiras
- f- () Antigo Hospital (atual prédio da Secretaria de Educação)
- g- () Estação Ferroviária
- h- () Igrejas
- i- () Casas Enxaimel
- j- () Nenhum
- k- () Outro _____

15- O que é um museu para você?

- a- () Espaço de história
- b- () Lugar de coisas velhas
- c- () Espaço de cultura e educação
- d- () Exposição de objetos antigos
- e- () Exposição de animais empalhados
- f- () Outro: _____

16- Você costuma visitar museus?

- a- () Sim
- b- () Não

17- Se SIM na pergunta anterior em que situações?

- a- () Viagens turísticas
- b- () Visitas escolares
- c- () Datas comemorativas
- d- () Atividades nos museus
- e- () Outro: _____

18- Corupá tem algum museu?

- a- () Sim
- b- () Não

19- Qual?

- a- () Museu do Seminário
- b- () Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner
- c- () Museu do Sagrado Coração de Jesus
- d- () Museu de Corupá
- e- () Outro _____

20- Você já visitou este museu? Por qual motivo?

- a- () Curiosidade
- b- () Passeio com a escola
- c- () Levando parentes em visita para conhecê-lo
- d- () Em festas que aconteceram no Seminário
- e- () Nunca visitei
- f- () Outro: _____

21- Se você nunca visitou, qual o motivo:

- a- () Não sei o horário de funcionamento
- b- () Ingresso muito caro
- c- () Parece não ter nada interessante
- d- () Não gosto de museu
- e- () Outro: _____

22- Quantas vezes já visitou este museu? _____

23- Se já visitou você conheceu as duas exposições (histórica e de taxidermia)?

a- () Sim b- () Não

24- Se SIM, qual delas mais gostou?

- a- () Exposição sobre a História do Seminário
b- () Exposição de Animais taxidermizados (empalhados)
c- () Não gostei

25- O que mais lhe chama a atenção no Museu?

26- Você se sente representado nesse museu?

a- () Sim b- () Não

Por quê?

27- Você sente que o museu está aberto para a população de Corupá?

a- () Sim b- () Não

Por quê?

28- Através de que meios você ficou sabendo ou sabe o que está acontecendo no museu?

- a- () Conversa com amigos
b- () Rádio
c- () Jornal

- d- () Televisão
- e- () Site
- f- () Redes Sociais
- g- () Panfleto
- h- Não fico sabendo nada sobre o Museu
- i- () Outro _____

29- Você já ouviu falar de Irmão Luiz Gartner?

- a- () Sim
- b- () Não

O quê?

30- Quais são as primeiras três palavras que vêm em sua mente quando você pensa no museu?

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____

31- Na sua opinião, para que serve este museu?

32- Você acha que ele poderia servir para outras coisas?

- a- () Sim
- b- () Não

Para quê?

33- Você já participou ou se envolveu em alguma ação do Museu com a comunidade de Corupá?

a- () Já participei

b- () Nunca participei

c- () Nunca fiquei sabendo

d- () Não tenho interesse em participar

e- () Tenho interesse em participar

f- () Já participei mas hoje não quero mais participar

g- () Outro _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “A cidade vendo o museu: as representações sociais do Museu de Corupá ”, realizada por Joice Leticia Jablonski e orientada pela Prof^aDra^a Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes. A partir do estudo das representações sociais, que é uma importante ferramenta na compreensão e transformação da vida social e de seus significados. A pesquisa objetiva identificar e analisar as representações sociais da população Corupá sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner. Isto será feito através da aplicação de formulários.

Os formulários serão aplicados em locais abertos e/ou fechados, resguardando seu conforto e privacidade. Esta pesquisa acarreta riscos mínimos como um desconforto físico ou psíquico ocasionado pelo preenchimento do formulário, serão tomadas todas as providências para que seus direitos sejam resguardados e os riscos minimizados. Durante toda a abordagem será levado em consideração o respeito, dignidade e ética com que o ser humano deve ser tratado, você terá o tempo que julgar necessário para responder ao formulário, sem qualquer tipo de cobrança ou intervenção por parte da pesquisadora, ainda, terá a liberdade de se recusar a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes e durante a pesquisa, sobre a metodologia ou objetivos. É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Sua participação corresponde ao tempo de desenvolvimento da pesquisa no ano de 2017. Após o uso dos formulários, eles serão arquivados por cinco anos pela pesquisadora e após este prazo serão incinerados. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, e na dissertação, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados, caso solicitar.

É importante saber que não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Essa pesquisa possui risco mínimo, as formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa são garantidas conforme Res.466/2012 (IVi).O benefício desse estudo é que a identificação das representações da população de Corupá sobre o Museu, será decisiva para a formulação de ações que ampliem a função social do museu, e sua relação com a comunidade em que está inserido, o que reverterá em benefícios à população da cidade e à própria instituição. Após a conclusão da dissertação, será enviada uma via ao Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, para que sirva de base para ações a serem desenvolvidas pelo museu com a população, o que garantirá o retorno dos resultados aos participantes.

A responsável pela pesquisa é Joice Leticia Jablonski, que está totalmente à disposição para esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa, no telefone (047) 99151-7646, em horário comercial.

ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária, sem custos e você pode desistir a qualquer momento ou se recusar a responder alguma pergunta, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE. Endereço – Rua Paulo Malschitzki, 10 - Bairro Zona Industrial - Campus Universitário – CEP 89219-710 Joinville – SC ou pelo telefone (47) 3461-9235.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação do sujeito, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Este documento possui mais de uma página, portanto solicitamos sua assinatura (rubrica) em todas elas.

Pesquisador responsável: Joice Leticia Jablonski

Assinatura: _____

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar voluntariamente da pesquisa “A cidade vendo o museu: representações sociais do Museu de Corupá” e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Telefone para contato: _____

AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Joice Leticia Jablonski

RG: 5.920.296

Título da Dissertação: A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS: O "MUSEU DO SEMINÁRIO DE CORUPÁ"

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 16 de abril de 2016.

A handwritten signature in blue ink, reading "joice b. jablonski", is written over a horizontal line.